

Amazon

Apresenta

A Montanha e o Grão de Areia

Gênero
Drama

Autor
Marcos Valério Benelux

Campinas, 2018

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão do todo ou de partes desta obra, através de qualquer meio, sem a prévia autorização escrita do autor.

Capa: Romont Willy
Ilustrações: Elder Biana Heidk
Projeto gráfico: Filipe Dias

Contatos com o autor: marcos.benelux@gmail.com

Catálogo na fonte

B465m

Benelux, Marcos Valério.

A montanha e o grão de areia. / Marcos Valério Benelux.
– Campinas, 2018.

1. Literatura – Romance. 2. Romance. 3. Romance brasileiro. 4. Literatura brasileira. I. Título

CDU 82-31

APRESENTAÇÃO

O livro A MONTANHA E O GRÃO DE AREIA conta a história de uma família abastada e querida por todos, que de repente sucumbe a uma crise financeira, perde todo o patrimônio e é obrigada a se separar.

O personagem principal é o filho caçula da família, chamado Daniel, jovem adolescente de quinze anos, que permanece no mesmo bairro em que morava, agora na casa de sua madrinha, com a qual nunca convivera antes, e passa a sofrer discriminação e descaso por parte dos que antes festejavam sua família, além de enfrentar a dura adaptação às regras da nova família.

Vivendo esse lado amargo da realidade, em idade tão precoce, submetido a condição de vida nunca imaginada em seus piores pesadelos, ele tem de se adaptar a novos hábitos e a conhecer o lado mais hipócrita e perverso das pessoas. Ecoa em seu peito o grito diário de revolta contra a estupidez reinante, a selvageria do mundo, a falta de amor e respeito dos seres humanos pelos seus semelhantes.

Um mundo moldado e gerenciado por adultos estúpidos, onde o jovem vê inúmeras coisas erradas, mas não consegue modificá-las, no mais das vezes porque sequer é ouvido.

Em doloroso aprendizado, ele traça sua própria rota, motivado pela ideia de resgatar seus pais e irmãos da miséria em que agora vivem e de dar o devido troco aos que o oprimem e perseguem.

É antes um hino de esperança e de releitura da simbologia da vida que encontra vitória onde tudo parece derrota.

*Promessa de um anjo de Deus
feita a Daniel em sonho:
“EU o tirarei da terra do exílio e
o levarei de volta para a terra dos
seus pais...”*

DEDICATÓRIA

Este livro destina-se aos marginalizados, aos solitários de família, aos solitários de amor e, principalmente, aos solitários em seus ideais.

Agradeço o apoio recebido de:

- André Eduardo
- Magda Elizabeth
- Nair Gaston

Dedico esta obra aos meus **cinco** irmãos: Mário, Miriam, Francisca e, em particular:

A Joãozinho – meu primeiro ídolo, *in memoriam*

A Lecy – orientadora atenciosa e incentivadora dos meus primeiros projetos.

Cumprimentos fraternais a:

- Laércio Rovi – a pessoa mais engraçada do mundo.
- Sandra Brum – exemplo de amizade e elevação espiritual.

Prefácio

É comum as pessoas buscarem no prefácio a uma obra, principalmente quando se trata de romance, indicações gerais sobre o conteúdo, sobre o autor e outras generalidades desse tipo. Entretanto, no presente caso, tentarei ir além disto.

Já me havia deparado não só com a prosa, mas também com os versos de Marcos Valério Benelux; e, em todos eles, sempre encontrei o caráter instigante de um escrever leve que, ao mesmo tempo em que analisa a complexidade de determinada personagem ou situação, consegue, de forma objetiva e clara, transmitir o singelo e o pueril da vida humana.

De fato, é essa capacidade de unir dois pólos em tensão constante que determina o vigor de um escritor. Contudo, a obra desse autor não é somente força estilística. É, acima de tudo, rompante de criatividade. É este o “sal” da arte. Captar o movimento da realidade, conseguindo reproduzi-lo em todas as dimensões, na forma de prosa, é a gênese da obra literária.

É impossível ler a obra de Marcos Valério Benelux sem que, ao mesmo tempo, comecemos a sentir a sensação estranha de cúmplice dos acontecimentos. Em “A Montanha e o Grão de Areia” encontramos tudo isto. Porém, com certeza, é nas relações que se estabelecem entre as diversas personagens, no drama da existência arruinada e cotidiana, na busca de justificativas (que no

fim se tornam vãs), que encontramos a leitura apaixonante.

Assim prefaciар este livro é como fazer o convite a cada leitor para que descubra, por si mesmo, as facetas múltiplas da obra. Tenho a certeza de que o caráter intimista do livro torna impossível compreendê-lo sem que cada um, durante a leitura, confronte-se com a sua própria história.

Caro Marcos Valério Benelux, espero que tenhamos anda um longo caminho a percorrer nas nossas andanças pelo mundo e que seus livros dêem os frutos que já trazem dentro de si. Um abraço fraterno.

*André Eduardo**

- * André Eduardo da Silva Fernandes é mestre em História Econômica e Professor da Universidade de Brasília.

Nota do Autor

Qualquer ruptura é sempre oportunidade para se refletir. Dentro desse contexto talvez não haja nenhuma separação ou morte que seja vã. A aparente perda, muitas vezes, é pura sublimação para uma nova substância, mais próxima de nossa vocação etérea. É o que nos ensina a maravilhosa estória de origem Sufi, chamada “A Fábula das Areias”, abaixo transcrita:

A Fábula das Areias

*Um regato, descendo de sua fonte nas montanhas
distantes,
Passando por todas as espécies de regiões,
Alcançou finalmente as areias do deserto.
Assim como havia atravessado todos os outros obstáculos,
o regato tentou atravessar mais este,
mas descobriu que à medida que penetrava na areia
suas águas iam desaparecendo.*

*Entretanto, estava convicto de que seu destino
Era atravessar esse deserto,
E, ao mesmo tempo, não havia como fazê-lo.
Então, uma voz oculta
Vinda do próprio deserto, sussurrou:
“O vento cruza o deserto; da mesma maneira o regato
pode cruzá-lo”*

*O regato fez objeções,
porque lançava-se contra a areia*

*e tudo o que acontecia era ser absorvido;
o vento podia voar
e por isso conseguia atravessar o deserto.*

*“Agindo da maneira como você está acostumado”,
não conseguirá atravessar.
Ou desaparecerá, ou tornar-se-á um charco.
Permita que o vento o conduza ao seu destino.”
“Mas como isso é possível?”*

“Permitindo-se ser absorvido pelo vento.”

*O regato não aceitou a idéia.
Afinal, nunca tinha sido absorvido antes.
Não queria perder sua individualidade.
E se a perdesse,
como iria saber se a recuperaria?*

*“O vento”, disse a areia,
“executa a sua função.
Recolhe a água, carrega-a por sobre o deserto
E depois deixa cair novamente.
Caindo como chuva,
novamente a água transforma-se em rio”*

*“Como posso saber se isso é verdade?”
“assim é, e se você não acreditar
Não poderá ser mais do que um charco.
Mesmo isto levará muitos e muitos anos para acontecer;
e, certamente, não será a mesma coisa que ser um
regato.”
“Mas não posso permanecer o mesmo regato que sou
hoje?”*

“Em nenhum dos casos permanecerá o mesmo” disse o sussurro.

“A sua parte essencial será levada e formará novamente um rio.

Você é chamado de regato,

Porque não sabe qual das suas partes é a essencial.”

Quando ouviu isto,

Certos ecos começaram a surgir nos pensamentos do regato.

Sem muita clareza,

Lembrou-se de um estado no qual ele,

- Ou seria uma das partes? –

havia sido envolvido pelos braços de um vento.

Ele lembrou-se também

- Foi ele mesmo? –

de que isto era real, mas

mas não necessariamente o óbvio a ser feito.

E o regato ergueu seus vapores a

Aos braços receptivos do vento

que, gentil e suavemente, ergueu-o no e atravessou-o,

deixando que caísse delicadamente logo o

logo que alcançaram o topo de uma montanha

muitas milhas adiante.

E graças às suas dúvidas

O regato foi capaz de lembrar-se e gravar

de maneira mais forte em sua mente os detalhes da experiência.

Refletiu:

“Agora aprendi minha verdadeira identidade.”

*O regato estava aprendendo, mas
As areias sussurraram: “Sabemos,
porque vemos isto acontecer todos os dias.
E porque nós, areias, estendemo-nos ao longo do rio
por todo o caminho até as montanhas.”*

*E é por isso que se diz
que o caminho pelo qual o regato da vida
deve seguir sua jornada, e
está escrito nas areias.*

* * * * *

O engenheiro Marte, a exemplo do regato da fábula, encontra-se diante do deserto, do seu momento de crise, sendo obrigado a se render, mas descobrindo depois a verdadeira essência de uma pessoa, em sua relação consigo e com os demais.

Quanto ao jovem Daniel, sem dúvida, sua essência permaneceu viva. Derrota? De maneira alguma! A perda foi só aparente, sua mensagem ganhou registro, sua denúncia ficou para sempre. Sua morte e a de centenas de companheiros não foram inúteis. Elas transformaram pelo menos duas criaturas antes fadadas ao egoísmo e à maldade; uma, por simples defesa; outra, por vocação. Muitos acharão ilógico a troca de centenas de vidas por apenas dois “renascimentos”. Mas, afinal, a moeda de troca do Criador sempre foi peculiar e, às vezes, incompreensível para nós mortais.

Marcos Valério Benelux

Capítulo I

O velho Marte saiu da joalheria para averiguar o burburinho rouco que vinha da rua. Ele supunha do que se tratava e não estava errado. Deu de frente com o imenso cortejo fúnebre. Sua companheira, ainda na loja, ajeitava outra vez o colar de gemas que acabara de receber de presente. Artesanal, mas de componentes nobres.

Uma caprichosa insistência no dia de seu aniversário. Ele a amava; ela sabia disso e não podia negligenciar o poder de fascínio dos seus trinta e seis anos de idade.

Dezenas de esquifes deslizavam serenos, pela rua frontal, sobre pranchas com rodas. O velho, sentindo-se constrangido pelo assassinato de tanta gente, retornou para o interior do estabelecimento comercial, encobrendo-se parcialmente pela coluna de concreto. Melhor que não estivesse ali àquela hora. Em passos lentos dirigiu-se novamente até a esposa.

- Meu Deus! - balbuciou sem querer. - Parece o fim do mundo...

- O que você falou? - perguntou a loura, desvencilhando os cabelos que se enlaçavam em seu colar.

- Nada - foi o que sussurrou. - Fique quieta, por favor!

- Pare com essa tolice, homem - impacientou-se ela. - Você não teve qualquer culpa nesse acidente.

- Não foi acidente - retrucou baixinho. - Você conhece apenas parte da história.

Os dois silenciaram por poucos instantes. Certa ponta de curiosidade pareceu chicotear a jovem e convidá-la a fugir daquele local proibido às confissões.

- Vamos sair daqui, Marte. Isso é muito deprimente para o meu gosto. Teremos melhor proveito indo ao Café de Paris - propôs. - Afinal, hoje não é meu aniversário?

Os empregados da loja, que antes tinham estado entretidos com as jóias, polindo, arrumando e apreciando cada peça, em ritual amulético, haviam também chegado à porta da joalheria, diante da elevação das lamúrias.

Ao longo da via pública, formava-se um cordão pasmo de espectadores. Quem já não esperava desde cedo pelo cortejo, debruçava-se agora sobre os parapeitos das janelas. O velho Marte deixou-se arrastar pelo braço da companheira, em sentido contrário ao séquito.

Os ataúdes continuavam a aparecer na dobra da esquina, como vagões de um trem interminável. Mesmo para aqueles de espírito numérico, já se perdera a conta dos caixões, até porque a atenção era seguidamente desviada por alguma cena de maior dor.

Os familiares distantes tinham sido avisados do “acidente” e trazidos para o enterro, com as despesas pagas. Outros não esperaram a notícia oficial das mortes. Vieram por conta própria acompanhar a agonia dos entes queridos.

Os mortos cujos parentes não foram localizados deslizavam solitários a caminho dos túmulos. As famílias que já habitavam a Serra do Ronco se juntavam agora ao coro de pranto das demais.

Ao se conseguir acesso ao que restou das galerias principais da mina, constatou-se que era avançado o estado de putrefação dos corpos ou dos pedaços recolhidos. Esmagamento ou asfixia foram as causas das mortes. A maioria dos caixões teve de ser lacrada. As famílias, diante da dificuldade de remoção, resolveram fazer o sepultamento coletivo ali mesmo.

Alguns tiveram o enterro apenas simbólico. Seus corpos não foram encontrados e as buscas estavam encerradas. O cerimonial desses resumiu-se a retratos colados sobre os féretros vazios - no máximo contendo alguma roupa ou pertence do falecido.

Para muitos, podiam ser patéticas aquelas cenas: mulheres chorando ao lado de caixões sem corpos, enfeitados de fotografias. Entretanto isso parecia ser o mínimo de consolo que se podia oferecer às mães e esposas desesperadas.

Eram imagens grotescas e contraditórias. Viam-se no rosto daquelas mulheres, ao mesmo tempo, inconformismo e gratidão. Diante dos cadáveres, estavam como que hipnotizadas, gratas por alguém que as reembolsara das despesas de viagem. A mesma pessoa que roubara a vida dos seus filhos e maridos.

- Não foi acidente, como muitos imaginam - voltou a repetir o velho ao chegar à porta do Café de Paris, na rua transversal, de onde ainda se avistava o cortejo passar. - Também não se tratou de simples assassinato; foi algo pior.

Mergulhou em silêncio misterioso, enquanto procurava local para se sentar.

- Então fale logo, Marte. O que você quer dizer? – provocou Vanda.

O companheiro tirou da jaqueta, com dificuldade, um caderno de capa verde desbotada. A esposa o acompanhou com o olhar.

- Nos primeiros dias da tragédia - falou pausadamente ele - estivemos no alojamento dos solteiros, à procura de endereços para contatar as famílias. Em uma das malas, além de roupas, achamos um diploma, dando conta de que o seu proprietário se chamava Daniel. O diploma estava dentro deste caderno.

Vanda o ouvia curiosa, atenta ao opúsculo que lhe era exibido.

- É um diário - ele o folheava. – Curiosamente, não menciona datas, mas há uma cronologia mental. Devia ser seu único vínculo com o mundo. Em suas coisas não encontramos cartas, cartões ou agenda. Também não havia endereços para contato, mesmo no setor de pessoal da firma, ele nada deixou de informação. Parece que não se comunicava com ninguém.

- E o que diz esse diário? - perguntou Vanda, ansiosa.

- Você mesma verá e compreenderá que faço parte de um grupo de criminosos - ela se espantou - e mais: o relato desse jovem me convenceu de que nosso crime não tem perdão.

Ela pegou nas mãos o caderno e fitou as palavras minúsculas, enquanto o marido se afastava na direção do rústico aparelho telefônico que existia no bar.

Capítulo II

A princípio relutei muito em registrar minha história, pois sempre achei que ela só interessasse a mim”.

Eram essas as primeiras coisas escritas no caderno, ainda na contracapa, e prosseguia:

“Quem perderia tempo em ler ou procurar entender o desabafo de uma única vítima? Fosse um roubo, um acidente isolado ou mesmo um crime individual, o raciocínio estaria correto. Mas se o criminoso é invisível e aponta sua arma contra muitos indefesos, sua denúncia passa a ser obrigação da humanidade.

Não tenho pretensões literárias nem me deleito com isso; a vida não deixou tempo para muitos deleites. No entanto, é inevitável que este relato um dia caia nas mãos de alguém, nem que seja após minha morte.

Sei que não vou melhorar o mundo. Entretanto, sinto a necessidade de falar das marcas que carrego comigo. Não é um caso único nem o mais grave - eu suporrei e estou aqui vivo, com todos os órgãos biológicos funcionando. Mas isso não é justificativa para que outros sejam submetidos ao mesmo a que fui.

Há um ser macabro que desde muitos anos ronda minha vida e a dos que amo - os poucos que ainda restam -, querendo destruir todos nós. Não falta muito para nosso combate final. Quero olhar a cara imunda desse verme do medo e da dor. Quero esmurrá-lo diante dos demais que ele também maltratou.

Quero deixá-lo cair na poça de seu sangue podre e

dizer-lhe: - Levanta, filho da p...! Vem assistir à vitória que tentaste impedir. Vem ver a força daquele garoto de quinze anos que quiseste desmoroar. Vamos, covarde, tenta medir comigo teu poder...”

* * * * *

Eram as últimas palavras da contracapa. Nas folhas que se seguiam, o texto estava em tinta de outra tonalidade, com a letra menor e de formato pouco mais infantil, deixando claro para Vanda que se tratava de depoimento de época anterior à do início.

Olhando para o balcão do Café, viu que seu companheiro começava a falar ao telefone. Ela continuou a leitura. Um misto de medo e aflição a possuía. Que crime teria cometido seu marido? Querendo descobrir isso, passou à parte da narrativa que presumia ser a mais antiga.

Capítulo III

“Dá-se início aqui ao modelo de vida que nunca estive em meus planos. Os primeiros traços desse desenho começaram a surgir quando, nas enchentes de 1974, meu pai viu toda sua safra agrícola perder-se, sob alagamentos e chuvas torrenciais.

Naquele mesmo ano, ironicamente, ele investira pesado em um revolucionário sistema de irrigação subterrânea, por meio de canos porosos.

Os exercícios de adivinhação do clima costumam falhar. Sempre se perde tudo, ora para a seca, o que é mais comum nessa região semiárida; ora para as enchentes traiçoeiras. Daquela vez, os prejuízos foram incalculáveis. Tivemos que vender nossa casa e residir em outra, de aluguel.

A fazenda, de onde provinha nosso sustento, ficou entregue às baratas. Naquela época era comum ver os banqueiros, políticos e demais comerciantes da moeda, solidarizarem-se com os arruinados, dizendo: “A natureza é mesmo perversa”. Os comerciantes da fé alentavam: “Deve haver algum sentido em tudo; o melhor vem depois. É o processo de evolução”.

E os deterministas acreditavam consolar a todos, afirmando: “Cada um já vem com o destino traçado”. Pois bem, nosso destino começava a se traçar. E eu começava a aprender coisas novas.

Decaimos como anjos amaldiçoados, até ficarmos à míngua, em estágio de pobreza absoluta. Nossa família numerosa foi sendo reduzida: minha irmã Lucília foi embora com o esposo e os filhos, não se soube para onde, e nunca mais enviou notícias; meu irmão mais velho –

Valdomiro – casou e fez o mesmo. Restaram os mais apegados entre si: meu pai, minha mãe, meu irmão Maurício, meu primo Zé e eu, o caçula.

A situação piorou até o último ponto de resistência. Meu pai nunca teve profissão, sempre foi inapto para qualquer coisa que não fosse cuidar de lavouras e de animais. Ficou então decidido que ele e minha mãe retomariam para o campo e que todos tomaríamos destinos diferentes.

Não entendi a lógica da decisão, mas devia certamente existir alguma. Quando se é muito jovem, não se tem como decidir pelo próprio rumo. E sempre que alguém age dentro desse impulso é tido como visionário ou, mais comumente, tresloucado.

Para mim é trágico relembrar aqueles últimos dias. A dor era tanta, o silêncio era quanto, que mais parecíamos condenados à morte. Mesmo assim, cada um procurava se mostrar mais atencioso do que nunca para com os outros.

Todos esquecíamos as discussões familiares daqueles muitos anos de convivência, e olhávamo-nos o tempo todo, numa triste despedida. Era evidente em todos a incerteza de que houvesse reencontro.

O primeiro a nos deixar foi Zé, partindo para o Rio de Janeiro. Mauricio foi trabalhar em Santos e meus pais foram se esconder numas grotas do interior. O que resta da fazenda é um matagal enorme. A maior parte foi vendida para sanar as dívidas, restando um pequeno quadrado, onde meu pai disse que plantará legumes e cereais para sobreviver.

É a “reforma agrária” sendo feita, sem alvoroço, pela própria natureza, com a ajuda das pressões bancárias e das omissões políticas. Ignora-se o processo de desertificação, consolidado pelo desmatamento secular

irresponsável; inexistente projeto de reflorestamento com espécies nativas resistentes à seca; não se investe em bombeamento de aquíferos nem no represamento de todas as fontes de água. Somos todos condenados ao martírio, peças descartáveis da rentável indústria da seca.

Compreendo que é o atual momento é difícil para o meu velho pai. Tendo que, aos sessenta anos de idade, começar tudo outra vez! Faz apenas dez dias que nos separamos.

Todos se foram e eu estou aqui sozinho sob os cuidados de minha madrinha, próximo da rua em que morávamos. Meu contato com ela sempre foi mínimo. De vez em quando apareceria em minhas festas de aniversário; outras vezes mandava alguém me entregar o presente. Nunca frequentei antes sua residência nem conhecia suas regras.

Moro neste aposento velho, que já foi quarto de despejos, separado da casa. Embora haja residências por todos os lados, o ambiente possui fortes marcas de abandono.

Costumo fechar a porta e ficar no escuro do quarto. Não há janelas. Longe da claridade, a minha desgraça fica, talvez, menos visível aos meus olhos. Tudo parece irreal, como filme de terror, à espera do momento em que serão acesas as luzes do cinema.

Guardo ainda as derradeiras imagens do meu mundo. Lembro que a última coisa que minha mãe fez foi me examinar o pé, machucado após pisar um galho de roseira.

Ao retirar o corpo estranho que me furava, ela me disse doces palavras que não esquecerei: “Não tome a pisar em espinhos, meu filho. Eles são dolorosos”. E disse com sobriedade.

Ela estava abatida, vencida, mas, mesmo assim,

mostrava esperança de que eu achasse a trilha certa, de que realizasse grandes obras no mundo que viria pela frente. Pareciam palavras de morto que, antes de entregar os pontos, reúne forças e inteligência para falar com sabedoria.

Até agora não tive condições de tomar aquele conselho. Ando à toa pisando em espinhos; não espinhos de árvores, mas outros que a ignorância de minha mãe não a impediu de prever: uns espinhos bem mais dolorosos que, ao invés de entrarem no pé, entram na alma, causando enorme desconforto.

Por esses dias posso avaliar como serão os anos seguintes, até que conclua meu curso de mineralogia e tenha profissão. Ultimamente ando perdido pelos lugares, como se as ruas conhecidas tivessem, de repente, mudado seus rumos.

Dia desses, tomei um ônibus que não me levava ao destino pretendido. Fui explicar isso ao trocador e ele me taxou de idiota; outra vez, também em um ônibus lotado e barulhento, puxei tanto a sineta que o motorista me perguntou em qual circo eu trabalhava.

Abatido por esses e outros fatos para os quais não estou apto a lidar, ontem eu andava cabisbaixo, a caminho da minha escola, quando senti o barulho de passos que se aproximavam. Uma sombra passou a meu lado e, com voz maliciosa, perguntou-me:

“- Procura formigas pelo chão?”.

Desgrudei os olhos da calçada e vi que se tratava de um sujeito bem mais alto e corpulento que eu. Tive que aceitar a provocação, como estou tendo de aceitar tudo ultimamente. Nessas horas, penso que, se andasse com uma arma à mostra, talvez me respeitassem mais.

Boa parte das pessoas parecem sair de casa com o propósito de agredir - com provocações, malcriações, má

educação e desprezo - o maior número de outras pessoas. E só entendem a linguagem do coice. E só se ponderam diante de outro brutamontes que lhe represente qualquer ameaça.

Cada vez que saio às ruas, trago novos ferimentos, como se todas as pessoas que me encontrassem soubessem que estou só, sem ninguém em minha defesa, e assim pudessem se regozijar em sua maldade.

Toda a hostilidade do mundo parece apontar em minha direção. Hostilidade da qual certamente seria poupado se estivesse ao lado do meu pai ou de outros adultos que me cercavam”.

* * * * *

“Décimo primeiro dia sem ninguém, pelo menos dos que me compreendiam. As pessoas que me cercam têm o ar sinistro, são seres de um mundo artificial.

Coisas simples como uma palavra ou pergunta a meu respeito, têm-me feito falta. Aqui parece não haver preocupações com os meus sonhos, com a minha saudade. O que me perguntam é: “- Você já se alimentou hoje?”.

Talvez seja sua forma de carinho, carinho que, para mim, é desprovido de alma. Poderia ajudá-los a entender como gostaria de ser tratado, mas essas coisas não de ser espontâneas; perdem o sabor quando exigidas ou mesmo sugeridas.

O mundo em volta está em completa desordem e cada dia aumenta minha dificuldade de lidar com as várias situações. Em cada esquina existe alguém que cria suas próprias leis, como se cada lugar fosse uma ilha; e, assim, nossa cidade se torna um grande arquipélago.

Nas filas, tenho que me conformar se alguém de sapato mais brilhoso entra à minha frente. Ninguém

respeita ninguém, e se você reclama, é o mesmo que estar chamando para briga corporal o infrator da ordem.

Na escola, é só autoritarismo: tenho que me sentar no banco do modo que o professor de física quer; pentear o cabelo do jeito que o de matemática acha conveniente. Às vezes esses idiotas me fazem perder um tempo considerável, pois tento descobrir o que os números e fórmulas têm a ver com bancos e cabelo.

“- Me chama de SENHOR, atrevido!” - disse-me hoje o professor de Moral e Civismo, só porque, displicente, o tratei por “você”. Quantos imbecis que deveriam andar enjaulados! Tanto abuso de autoridade!

Quem mereceria todo esse respeito deve estar agora muito distante, sob o sol do meio-dia, escondendo-se debaixo do seu chapéu de palha, respaldando-se no cabo da enxada.

Pobre pai! Eu daria tudo para tê-lo aqui. Não faria questão de tratá-lo por “senhor”, “doutor” ou “excelência”. Mas, coitado, seria até irônico, pois ele nunca teve qualquer familiaridade com as letras, a não ser com aquelas que lembram o cenário rural. Como o “H”, por exemplo, que ele considerava uma porteira pouco segura.

E minha mãe? Deve estar queimando as pontas do branco cabelo nas brasas do fogão de lenha ou, talvez, diante da máquina de costura, vendendo suas pedaladas, curtindo suas últimas energias, negociando o sangue de suas varizes rompidas.

Deve ter sido linda, quando jovem, mas a velhice lhe presenteou grandes estrias no rosto e nova tintura no cabelo. Não presenciei sua juventude; já a conheci velha.

Quanto sacrifício ela e meu pai dedicaram à minha criação, quanto amor, quanto desvelo, mesmo no silêncio, mesmo nas palavras desarticuladas. Quanto exercício

primoroso de maternidade e paternidade, esse dom natural que independe de instrução.

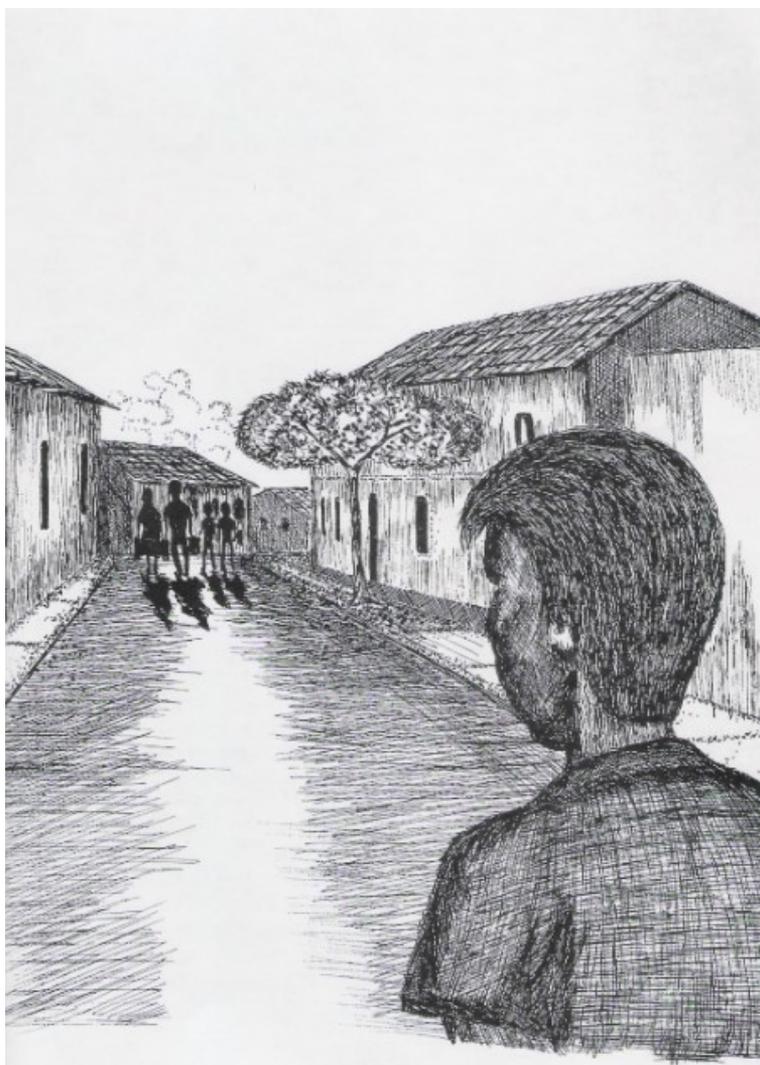
Posso ter sido, é claro, fruto de intenções puramente sexuais, mas resta lembrar que a opção pelo aborto já existia naquele tempo e sempre existirá, enquanto durar a maldade humana.”

“Quando abri os olhos para a vida, havia uma velhinha a me embalar o sono; quando abri os olhos para o mundo, notei que os abraços daqueles dois velhinhos não tinham qualquer fervor. Até os abraços que minha mãe me dava - foram raríssimos as vezes – eram frios; as palavras de meu pai, os seus conselhos, não tinham sentido para meu mundo.

Hoje eu daria tudo, daria todos os meus bens: os livros, os cadernos e as roupas; daria tudo isso, como é só o que possuo, para tê-los, os dois, comigo. Mesmo que não me abraçassem, mesmo que não me dessem conselhos, suas presenças me fariam bem. A proximidade de alguém que tivesse circulando nas veias o mesmo sangue que tenho, com certeza, seria o bastante para meu conforto.

Até agora tenho experimentado a sensação da borda do abismo para o qual me sinto compelido, contra minha vontade. Pergunto-me: Como serão os dias seguintes?”

* * * * *



Capítulo IV

“Faz quinze dias que estou aqui. É o que me diz o calendário. Tenho pensado mais ainda em minha mãe, em meu pai, e principalmente em meus irmãos. Eles terão amigos? Terão casas ou viverão perambulando pelas ruas?”

Do homem, diferentemente dos outros animais selvagens, é exigido enorme sacrifício, longas provas para que se habilite a ter lugar para morar. Uns conseguem; outros, não. Cada metro quadrado tem seu dono.

A maioria dos lugares são caros e proibitivos. Mesmo os locais abandonados têm sempre proprietários à espreita. Quando menos, são reservas ambientais, áreas públicas, regiões de riscos, todas inabitáveis. Muitos pobres são condenados, assim, a viver ao relento, em praças provisórias, como cães sem raça.

Sinto-me atualmente numa rua estranha, onde as pessoas me lançam seu olhar vazio. Não conversam comigo, não perguntam sobre meu dia, seu único afeto se limita ao convite para as refeições. Amargas horas. Sento-me à mesa como autômato; eles parecem de outro país, com hábitos diferentes dos meus.

Os alimentos adquirem o sabor do plástico, inobstante minha fome habitual e preventiva. Todos conversam em língua incompreensível e nas raras vezes que me interpelam é para me perguntar se estou mesmo estudando com afinco.

Sinto uma ansiedade compulsiva. Tenho dificuldade de me adaptar naturalmente à minha nova condição. Às vezes penso que talvez tudo sempre tenha

sido assim; mais dias, menos dias, vou me acostumar. Mas o tempo parece conspirar contra minha paciência.

No escuro do meu quarto, quando me recolho, fico a escutar os barulhos vindos de fora, as gargalhadas, os sons de televisão ou de radiola próximas.

Sinto o mundo inteiro a funcionar como uma máquina acionada por gritos, risadas, vozes e passos. E cada vez entendo menos o significado disso tudo. Talvez por não participar desse espetáculo, pelo menos do jeito que a maioria participa.

Desprezo é o que de pior as pessoas podem oferecer umas às outras. Em sua escala de intensidade, há o desprezo gratuito e o desprezo mesquinho, aquele que tem a intenção de ferir, por motivo fútil, pura tara do autor. As formas de manifestação são por vezes sutis, disfarçadas, mas quem é alvo dessas atitudes percebe nitidamente as garras da maldade.

Quero dizer que, na minha antiga rua, muitos torcem o rosto à minha passagem. Pessoas que antes faziam festejos em presença do meu pai, hoje fingem que não me conhecem. Talvez tenham medo de que lhes aconteça o mesmo que nos aconteceu. Certamente não querem se contagiar com a moléstia que me atribuem.

Há também o aspecto bom, pedagógico, quando se vive de dois lados opostos: hoje me é possível conhecer o cinismo e a hipocrisia dos que antes nos festejavam.

Por viver nesse quarto sujo e abandonado, por vestir roupas simples, por andar sempre a pé e cabisbaixo, eles se julgam no direito de me discriminar. Sei que toda discriminação é sinal de burrice e pobreza espiritual. Isso me consola, pelo menos por algum tempo.

Como passageiro do mesmo barco à deriva, pergunto-me para onde caminha o mundo. Tudo isso, essa estupidez gratuita não será o prenúncio do fim? Os

antigos asseguravam que tudo acabaria com fogo, e eu me sinto aniquilado por “gelo” de todos os lados. E gelo arde tanto quanto chamas.

Sei que não sou exemplar único dessa espécie de desiludidos. Nas vezes em que saio às ruas encontro, além das feras que cruzam meu caminho, vejo pessoas que me parecem tão perdidas quanto eu. É a impressão superficial, pelo simples exame dos rostos.

Nessa leitura facial, imagino que diversas pessoas perderam o emprego, ficaram viúvas, discutiram com o vizinho, estão doentes. Talvez alguns também façam as mesmas elucubrações sobre mim e pensem que sou apenas algum moleque revoltado com a nota baixa obtida na escola.

E se eu contasse a situação por que passo e a incerteza que me assusta quanto ao futuro, e se meu interlocutor fosse um desses executivos caricatos, imagino que me ele me contestaria dizendo:

Para de tolice, menino. Não queiras te julgar importante, dizendo-me que sofres. Tu não tens do que te queixar; eu, sim, peno realmente. Vê tu que meu aparelho de ar condicionado está quebrado há dez dias. Isto sim é sofrimento. Tenho andado feito louco à procura de um técnico.

Já pensaste o que é passar dias inteiros aos pés do telefone, ou lendo jornais e revistas e não aparecer nenhum anúncio de técnico? E meu aparelho de ar condicionado continua parado. Só Deus sabe o que soffro! Passo também o dia dentro do carro, procurando adegas onde o uísque escocês seja mais barato.

Minha vida é complicada. O preço do uísque está pela hora da morte. Tu não podes reclamar da vida, menino. Imagina que já estou economizando só metade do que

*costumava. É muita desgraça para um homem só!
Como se não bastasse, comecei agora a enjoar em
viagens de avião.*

*Isso sem falar nas reuniões da fábrica a que tenho de
comparecer às sextas-feiras. Ouviste, menino? Sente
que não tens do que reclamar; eu sim. Minha vida é
desgraçada. Vida de cão. Esqueci de lhe dizer ainda
que...”*

* * * * *

*“Dezoito dias sem ver o rosto de minha mãe, aquela
criatura que todas as manhãs, à beira do fogão,
preparava-me alimentos, parecendo adoçar com seus
olhos o meu café matinal. Cativava-me de mil outras
maneiras.*

*Só eu era capaz de avaliar o amor com que ela cosia
as meias rasgadas que eu lhe entregava; a resignação
com que me fazia curativos quando eu me machucava.*

*Quanto tempo, também, que não vejo Maurício. Meu
irmão, como eu gostava de você! Você nunca me bateu e,
desde a infância você soube respeitar minha pequenez.
Como eu gostaria de ter um irmãozinho inexperiente para
conversar com ele, como você fazia comigo, para passear
com ele, como você fazia, para lhe ensinar a lição do
colégio, como você.*

*E por falar em lição, Maurício, lembrei-me também
de você, no início desse mês. Nos primeiros dias de aula
encontrei, dentro de um cesto de lixo, um caderno. Estava
em bom estado, embora quase todas as suas páginas
estivessem copiadas a lápis. Passei a borracha e, após
horas de esfregadela, estava tudo limpo. A partir dali,
comecei a usá-lo como rascunho para todas as
disciplinas.*

Boa hora em que aquele caderno apareceu em meu caminho. Mas se não fosse Maurício, eu teria jogado fora ao notá-lo usado. Antes de partir, ele me ensinou a “técnica da borracha”.

Tecnologia de sobrevivência; recuperação dos sobejos e migalhas dos mais abastados, do consumo de tudo o que foi desqualificado por seu senso estético, e rejeitado por seu esbanjamento.

A lembrança de Maurício é a lembrança dos dias que antecederam nossa separação familiar. Sei também o quanto ele sofreu. Aqueles foram os dias mais amargos para todos nós.

O mais angustiante da separação não é a separação em si, mas a contagem regressiva que a antecede. E a hora mais deprimente não é a da partida, mas as horas e os dias posteriores. O sentimento que nos assalta no instante do adeus é de demência, pura demência. Realmente mau é o que vem antes e o que vem depois.

Foi tudo tão rápido, que não pude digerir tudo a tempo. Apenas agora me vêm as lembranças mais dolorosas. Só acredito que estou vivendo uma realidade porque sinto as necessidades fisiológicas animais, ausentes em sonho. Além do mais, pesadelos não durariam tanto tempo, ou durariam?

Tenho agora que enfrentar tudo sozinho, com toda essa carga de incerteza, de opressão e de desprezo. Sei que preciso ter ânimo para estudar, para vencer ou, pelo menos, para lutar. Não posso deixar que os outros me devorem. É a lei do mar, da selva, do ar, e também a lei dos homens. Lutarei até o último reduto. Ninguém pode se deixar devorar.”

* * * * *

“Hoje é o vigésimo terceiro dia de nova vida. Sinto ainda passarem as horas, os minutos. Na noite anterior sonhei com algo macabro. Via toda nossa família reunida em torno da mesa. Em cada prato estava uma fatia de carne. Estávamos comendo um animal de estimação.

Aquela fora nossa derradeira opção, devido à fome. Mas, ao primeiro gesto de levarmos o garfo à boca, todos chorávamos, e as lágrimas caíam sobre a carne do nosso cãozinho que agora nos servia de alimento.

Em seguida acordei e vi que um novo dia me convidava a novos rituais de perda e dor. A cena ao lado de minha família, mesmo chorando, realimenta a sensação do enorme vazio.

O fato é que somos imagens à procura de espelhos; coisas e pessoas que se assemelhem conosco; fatos que nos digam algum significado. Tudo isso me falta agora. O ambiente é desconhecido, sem placas de sinalização.

É claro que eu não estava preparado para esse desenlace, para esse enfrentamento solitário do mundo em idade tão precoce. Mesmo a poucos dias da nossa separação, eu esperava como que anestesiado outra saída para o impasse. Os filhos menores confiam plenamente em seus pais, depositam neles o crédito de que lhes escolherão o melhor destino.

Mas o coitado do meu pai não teve culpa de nada. Ele pensava estar me colocando diante do melhor caminho e acenando: - ‘Siga em frente, filho, leia direitinho as placas e os sinais, que você chegará a um ótimo lugar, no máximo após mil dias de caminhada’. Aqui tenho a alimentação que, pelo menos, conserva viva

minha carne. De fato, estou melhor do que se estivesse na rua. Ao relento não teria esse privilégio.

Ao pensar nisso, vem o questionamento: por que alguém é obrigado a dormir e viver nas ruas, ao sol, enxotado das obras primas da engenharia? Por que a mão do poder público não aparece nos guetos para resgatar quem precisa de resgate?

Por que não dão voz aos que estão tartamudos, luz aos que não conseguem enxergar uma saída? Por que esperam sua destruição total para revirar escombros e usá-los como argumentos de discursos eleitorais?

Escuto uma voz interior que me diz:

- Não se perca em lamentações ou revoltas. Concentre-se no seu projeto, na sua superação. Não espere por ninguém. A você cabe manejar o leme de sua vida. Você mesmo se basta. Encare os problemas de frente, mesmo que eles lhe tirem toda a energia'.

Outra voz, também de dentro, vem rebater o que ouve, dizendo:

- Não adianta bancar o forte. Iludir-me não resolve nada nem me faz sofrer menos. Sinto-me fraco e impotente. Posso enlouquecer a qualquer instante. Já começo a perceber mudanças em mim. O sono anda irregular, tenho tido vertigens e as ideias se embaralham em minha cabeça."

** * * * **

“É manhã de mais um dia. O sol está redondo, inclemente, e cai forte sobre as ruas. A cidade parece cozinhar todos em um caldeirão de vísceras borbulhantes.

É dia de domingo, e eu tenho vontade de ir à praia. Simples desejo de sair daqui, de andar. Oscilo entre o desejo e a ansiedade de abandonar este refúgio, que supre

aparentemente minhas necessidades de abrigo e segurança.

Todos de casa saíram; foram à granja de um amigo. O pouco que já representam para mim, faz-me sentir ainda mais só em sua ausência. Esse é principal motivo para ir e não ir à praia. As mesmas vozes que sempre escuto dentro de mim manifestam-se. A primeira voz fala:

- Talvez seja melhor você não ir. É mais seguro.

- Por que tenho de ficar ainda me remoendo e assistindo a esse tempo que demora a passar? – contesta a segunda voz. E continuam o debate:

- Todas as vezes que você sai às ruas volta mais desapontado. Por que buscar ainda mais sofrimento? – diz primeira.

- Talvez com o tempo eu me acostume, assim como as pessoas se acostumam a viver em meio à guerra, indo ao mercado sob chuva de bombas e balas – diz a outra.

- Tenho o pressentimento de que algo muito desagradável acontecerá – comenta a primeira.

- Ora bolas! Você está sempre pressentindo problemas, farejando aborrecimentos! – repreende a segunda.

- Você sabe que boa parte das vezes eu estou com a razão.

- Lamento, mas não lhe darei ouvidos. Estou-me sentindo mal. Se continuar neste quarto, posso enlouquecer. Na praia, pelo menos, as pessoas ficam tão embevecidas em seu narcisismo, que não se preocupam em agredir ninguém por algumas horas.

- Pois eu não permitirei que você vá. Aqui ganha quem fala mais alto e, dessa vez, estou falando mais alto que suas ideias comuns.

Contenho agora meu desejo de ir à praia. O sol

continua batendo forte na porta fechada do quarto. Não tenho o ímpeto de abri-la. Há perigos no ar. Ouço passos de gente na rua, olho pelas fendas: são pessoas em traje de banho, saindo tardiamente.

Por breve instante, a ideia de ir à praia circula-me a cabeça e é logo rejeitada. Talvez alguma coisa me aconteça de grave se eu teimar em sair. Passa-me um frio pela espinha dorsal. Encontro-me diante de um mundo sádico; devo antever os males e me afastar deles.

É manhã de domingo; estou só em meu quarto e deverei ficar aqui até a tarde. Tenho medo de ir à praia!”

* * * * *

Diante de um silvo do velho Marte, Vanda desviou a atenção do diário que lia. Seu companheiro desligara o telefone e fazia agora sinal de que iria ao banheiro. A tarde começava a se dissipar. A jovem pediu chá ao garçom e continuou a leitura.

Capítulo V

“Já é noite. Sinto-me só. A chuva cai implacável no telhado do meu quarto. Entre um pingo e outro, recordo minha família. Próximo, o rádio toca uma música que lembra minha mãe.

Recordo que nas noites de chuva costumávamos ficar reunidos a conversar. Hoje cada um está sozinho. A falta de dinheiro nos separou. O bendito dinheiro que, muitas vezes, ele é mais forte que o amor que deveria unir os seres humanos.

Por causa dele, perdi os melhores amigos de minha infância; por causa dele, perdi as garotas que amei; por causa dele, vi toda minha família ser detonada e resumida a estilhaços que voaram para longe

À procura dessa “credencial da felicidade”, os homens estão sempre mudando de lugares, de países, deixando para trás as amizades e os amores de seus filhos. Foi assim que perdi meus amigos e minhas namoradas. Por causa dessas efigies pintadas em papel acabei proibido de ver minha mãe.

Imagino a chuva varrendo também o seu telhado, e ela aparando a água que jorra das biqueiras. Sinto pelo barulho dos pingos que ela está tomando chuva, mudando os baldes, apanhando roupas do varal, recolhendo do terreiro dois ou três pintinhos feios...

Mas, por quê, mãe? Não é justo! Você não tem mais energia para isso. Deixe que a água se desperdice, deixe que nossos farrapos se molhem, deixe que os pintinhos tomem chuva. Você não merece sofrer. Deixe que eu sofra por nós dois, deixe que eu tome chuva ou que me molhe nas goteiras do meu quarto. Não despreze sua

saúde. Sua vida é muito preciosa para mim!

A chuva continua, tem ar nostálgico. Aquela música parou, agora começa outra em francês. É como um choro sofrido e, embora não entenda o que diz o cantor, faz-me também lembrar minha mãe. São adereços para a minha saudade.

Há algum tempo eu já deveria ir tendo contato com filmes, músicas e livros que falassem de separações. Seria a forma mais razoável de ir me acostumado com a ideia e me preparar para enfrentá-la.

As goteiras que umedecem minha rede de dormir, a teia de aranha na parede lateral, tudo isso me causa a sensação de que minha família sofre nesse momento. Deve ser só impressão, talvez eu, sem que o saiba, esteja ficando louco, gradativamente.

Talvez não suporte por muito tempo. Meus nervos atingiram o ponto máximo de resistência. Até as cordas de aço possuem limite, além do qual não podem mais ser puxadas sem se romper.

Esses vinte e sete dias me parecem vinte e sete anos. Não de vida, mas de cárcere. Saio às ruas para resolver algum problema ou para ir à aula, e sinto as próprias ruas como terríveis prisões.

Muitas pessoas carregam o olhar carrancudo, como se odiassem todos os demais indivíduos, mesmo sem os conhecerem, sem saberem nada a seu respeito. É o que fazem com relação a mim.

Minhas vozes íntimas me interrompem nesse instante:

- Não generalize, pode ser só impressão – garante a voz alfa – Seu desconforto pode estar ampliando as sensações negativas.

*- Não estou generalizando – contrapõe a voz beta.
- Há uma única pessoa que me ama nessa cidade.*

- Pois bem, e como se chama essa pessoa?

- Não sei, mas isto não vem ao caso.

- Estranho esse tipo de amor...- ironiza a voz alfa.

- Ora, não seja irônico nem deturpe os fatos. Você sabe de quem e do que estou falando... No caminho da escola, sempre passo em frente à casa daquele homem que me parece escritor. Noto-lhe, por trás dos óculos, a presença de olhos amigáveis. Cada vez que passo, ele larga o papel e a caneta e, da varanda da casa, fica a me olhar. É como se fôssemos velhos camaradas. Estou certo de que ele é pessoa de bem.

- Outra vez você generaliza – desafia-me a voz implicante. - As coisas têm as feições que seu juízo forma. O que às vezes parece bom, verdadeiro e justo, não é nenhuma dessas coisas.

- O que quer dizer com isso?

- Esse escritor pode estar usando-o como simples alvo de observação. Os escritores são assim; eles nos usam a todos como cobaias. Espreitam-nos, estudam-nos, interessam-se por nossos problemas, não para nos consolar, não porque nos amam, mas para se deleitarem em seus projetos literários pessoais”.

* * * * *

“Estou chegando da aula da noite. Hoje o dia foi bem cansativo. As sextas-feiras acumulam toda a fadiga da semana.

Pela manhã cheguei cedo à escola. Enquanto não começavam as aulas, fui às arquibancadas do estádio de futebol, onde raramente aparece alguém, devido ao vento frio que ali sopra no início da manhã. O sol nem havia despontado e só existia eu no local.

Evito ir para a sala antes do início da aula. O fato

de ninguém me cumprimentar ou olhar em minha direção incomoda-me muito. Os caras são todos uns boçais estúpidos.

Com relação às garotas, aceito com menos revolta sua atitude hostil, pois elas não têm tanta culpa. São treinadas desde a infância para ignorarem e agirem com petulância. Até Genilta, a menina mais feia da escola, olha-me com desdém, fiel ao roteiro aprendido por ela e pelas demais.

Outra, que parece se chamar Lomena, desempenha de maneira exagerada esse papel ridículo. Quando, por descuido, olha em minha direção, faz um movimento nojentto de entortar a boca, como uma porca que identificou algum sabor estranho na lavagem que come. Consola-me a certeza de que futuramente ficará velha e feia, e mendigará por qualquer olhar de atenção, antes do destino final de ser comida pelos vermes.

Na arquibancada aonde fui nessa manhã, retirei da bolsa o livro que levava e me pus a ler. A grama verde do campo parecia pintada; o silêncio era total e, por instantes, como não via ninguém, eu estava entregue aos meus pensamentos, sentia-me dono de mim mesmo.

Dentro de pouco tempo, ouvi vozes que, não muito afastadas de mim, discutiam sobre algo. Procurei decifrá-las. A conversa me pareceu enfadonha e sem nexo, espécie de goma de mascar sonora. Aqueles sons me fizeram perder a sensação de que o mundo me pertencia naquele instante.

Lembrei-me de buscar silêncio e sossego nos vestiários. Os azulejos estavam cheios de ilustrações e frases pornográficas, com o que havia de mais rasteiro e em nível os detritos que ali eram depositados.

Sem controlar o ímpeto, esmurrei a parede, com toda força de meu braço, e o estrondo ecoou distante.

Senti nojo daqueles colegas e do seu terrível senso estético; senti nojo da escola e da humanidade. Todos parecem chapinhar no lamaçal de sua necessidade suínas.

Veio a aula da tarde e a da noite. Na volta dessa última, encontrei vários espantalhos humanos, desses que parecem combinar em seus covis virar-me o rosto ao cruzarem meu caminho, desses que só fazem gerar novas perguntas que eu não sei responder.

Sempre notei que as formigas, baratas e os insetos mais asquerosos cumprimentam-se, fazem algum contato quando se cruzam. O ser humano, em sua condição também de inseto, é exceção à regra.

Esse ano, já conheci pessoas cuja soberba parece teatral. Por exemplo, um novo colega de classe chamado Ronaldo. Por ele ser novato, procurei me aproximar, tentando fazer minha primeira amizade na escola.

Notei logo sua carência de status, sua autoestima exagerada. Empertiga-se toda vez que vai falar, afina o queixo com os dedos, protege a testa, apalpa o pescoço e olha estrábico, como se estivesse pousando para um retrato.

De seus olhos sempre irradia um brilho malicioso, como se dissesse ao seu interlocutor: - 'Você é um sujeito de sorte! Está ouvindo gratuitamente as opiniões e ensinamentos desse grande filósofo.'

Eu soube que ele é repetente. Talvez se tenha reprovado de propósito para ensinar aos novos colegas o conteúdo didático que está repisando. Comecei falando-lhe que também já pensara sobre a mesma opinião que ele expressara na aula de física, e arrematei:

- Você acredita que nossas ideias originais possam ter passado pela cabeça de alguém, inclusive em outras épocas, e chegam a nós como uma espécie de onda energética? - perguntei para alimentar a conversa, e

também para ouvir outra opinião sobre essa possibilidade de transmissão de ideias, que sempre me pareceu intrigante.

- Preambularmente, um sábio nunca fala à toa – foi o que arrotou. - Para responder a uma inquirição como essa, seria preciso certo tempo de reflexão e de raciocínio analítico.

Convencido de que ele se julgava sábio, resolvi provocá-lo:

- Há certos instantes em que devemos raciocinar rápido. Quando por vaidade ou estupidez nos recusamos a tal, ocorrem grandes acidentes. É o caso dos assassinatos; se as pessoas refletissem logo, eles não aconteceriam.

- O amigo acaba de dizer uma estultícia - foi assim que falou e pareceu sorrir com sua frase arrasadora - pois isso não se trata de raciocínio e sim de direito, e o direito não se cria em fração de segundos. É um processo lento, formado durante toda a vida; nesse caso, existente desde a criação da Humanidade.

- A que direito você se refere? - ousei lhe perguntar.

- Ao direito que certos homens têm de matar outros mais fracos, como todos os animais – respondeu-me em voz firme. – Isso traz o aprimoramento das espécies.

Não me contive, engasguei-me. Estava não apenas diante de um idiota que se julgava sábio, mas também de um psicopata que defendia a eliminação das pessoas comuns.

Ele tem sempre respostas às minhas perguntas, e nunca indagações a me fazer. Isso deve constituir seu orgulho e a convicção de sua sabedoria. Eu prefiro me conservar em silêncio; nunca lhe disse, por exemplo, que

conheço todos os minerais existentes, nem que tenho algumas idéias inovadoras sobre exploração de gemas.

Outra vez o encontrei consultando o dicionário e falei com a intenção pura de brincar.

- Não sabia que você precisava consultar o “pai dos burros”?

Ele franziu a testa e dos seus olhos lampejou o brilho costumeiro. Era o sábio mais jovem do mundo e, com esses adjetivos, certamente, não podia olhar para nada como olha uma pessoa comum.

- De fato, o dicionário é o “pai dos burros”, como se diz, mas só tem grande valor nas mãos de um sábio - falou como das outras vezes, sempre com a intenção de se enaltecer e depreciar quem estivesse em volta.

Pelo jeito, ele conclui que eu me aproximei para medir forças e não para buscar amizade. Nessa areia movediça, estou esperneando sozinho, há vinte e nove dias...”

** * * * **

Capítulo VI

“Hoje é segunda-feira. Algo de novo aconteceu. Surgiram manchas brancas pelo meu corpo e madrinha Mundoca assegurou que elas são contagiosas; separou-me toalha, sabonete, pente e me indicou o lado restrito do armário onde devo guardar minhas roupas que, segundo ela, serão doravante lavadas em separado. Eu ouvi tudo em silêncio.

Já não bastava me sentir sozinho espiritualmente, agora me sinto rejeitado fisicamente. Quando alguém rejeita suas ideias, você pode experimentar desencanto, ou até revolta. Porém, quando as pessoas se enjoam de seu corpo, o que passa pela cabeça é profunda humilhação.

Por um átimo, pensei renunciar tudo, tornar-me morador de rua, mas faltou-me coragem. Aqui, pelo menos, tenho alimentação e o quarto onde posso me trancar, uma porta e quatro paredes que me proporcionam o mínimo de conforto.

* * * * *

“Meu pavor diante do novo tem a mesma intensidade dos primeiros dias. Convivo com as piores experiências de minha vida. O medo de tudo, a ansiedade, a insegurança naquilo que estou fazendo são sensações que, talvez, eu não teria provado ao lado de minha família.

Todos se abandonaram mutuamente! Nosso lar dissolveu-se. Tenho certeza de que os demais estão penando. Estamos todos marcados à brasa. Mas imagino

que essa travessia esteja sendo mais difícil para mim, o caçula.

Repito mil vezes que eu não estava pronto, não havia amadurecido o bastante para enfrentar tal situação. Parece simples, mas não é. Nenhuma ruptura, nenhum esquartejamento são coisas simples. Nenhuma rejeição é banal.

É certo que eu tenha esse jeito desengonçado de andar; é certo que possua o corpo cada vez mais alastrado de pintas brancas, e que isso cause ojeriza aos que me cercam; contudo, o que me deixa mais deprimido é a solidão, esse desejo louco de encontrar, ao menos em sonho, nossa casa reunida.

Enquanto isso, vou caminhando, sempre com livros às mãos. Passo o dia inteiro na escola, às vezes mais por vontade de passar o dia longe de casa e de justificar a alimentação que recebo. O preço maior é suportar os muxoxos de Lomena e as bravatas de Ronaldo.

Não consigo entender claramente minha madrinha. Quando lhe pergunto algo, ela me responde de má vontade, como se eu não tivesse direito de saber de nada, como se minha única missão, nessa casa, fosse comer os alimentos postos em meu prato. Somente um ser irracional estaria conformado com idêntica situação. “Não só de pão vive o homem”. O indivíduo não se resume a matéria.

Quando ela me faz indagações e eu lhe respondo; ela repete, então, as mesmas perguntas duas ou três vezes, elevando o tom e ostentando expressão de impaciência. A razão deve ser porque eu falo baixo - minha submissão me obriga a isso. Tenho medo de lhe responder alto e ela se aborrecer.

Ela é sincera e tal sinceridade tem-me afetado.

Acho que por trás de suas reações há mais queixas contra mim. Aos domingos, para evitar esses problemas, fico o dia todo em meu quarto.

Em um aparelho de rádio que passa pela rua, o locutor grita gol do Alecrim Futebol Clube, meu time do coração – pelo menos era, há tempos atrás. Hoje não sinto grandes emoções. Perdi todo o interesse pelas coisas que não signifiquem minha luta em busca da saída para essa situação, em busca de mim mesmo.”

* * * * *

“Nova manhã! Vejo, escuto, reconheço que estou vivo, guardado entre as paredes desse frágil aposento. Lá fora, por trás dessa portinhola, há o mundo traiçoeiro e vegetativo que conheço, há pessoas isoladas e discriminatórias. Vigora a lei do desprezo e do ódio.

Nesse quarto, isolo-me dessa gente, dessas bestas e feras que rangem as presas ao me ver passar. Consolame saber que nenhum cachorro pode fugir, afinal, dos seus instintos mais primários.

Se pudesse passaria o resto da vida trancado. Tudo neste quarto se identifica comigo: as paredes descascadas, o telhado com goteiras, a porta feita de tábuas, o ferrolho cambaleante. As coisas são exatamente o que são e cumprem seu papel.

Dentro existe a mesinha com duas gavetas, onde guardo meus papeis; o antigo guarda-louças empoeirado, contendo uma perna de cadeira, pequenos ornamentos de flores plásticas e minha coleção de pedras.

Há o velho e aleijado consolo de madeira, sustentando mais flores velhas, descoloridas pelos anos e salpicadas de preto pelas moscas. O piso é de cimento,

sempre com manchas de leite e com buracos, onde os tijolos põem as caras. As formigas fazem a festa; as paredes exibem marcas de pinturas anteriores, em tonalidades de verde, branco e amarelo.

Em todos os lados há buracos de pregos e restos de cartazes. À direita existe a estampa de uma jovem, montada em seu cavalo negro; o telhado é repleto de teias de aranha; na parede do fundo está pendurada minha rede de dormir. Veem-se também uma vassoura e um banco desajeitado.”

* * * * *

Nesse momento, o velho Marte retornou à mesa, após longa demora. Trazia nas mãos um copo de conhaque, apanhado no balcão do Café.

Vanda levantou os olhos do diário e sentiu, na expressão do companheiro, a anuência para que terminasse a página que lia. Foi o que fez.

* * * * *

“Neste ambiente eu me fecho e penso na vida. Tudo se conserva na quase penumbra. Além da porta do quarto, não há outra entrada para a luz externa. Sinto relativo sossego, pelo menos durante a noite. Todas as manhãs, inclusive aos domingos, tenho de acordar cedo e desocupar o quarto que é então usado por madrinha Mundoca como ponto de venda de leite. Neste lugar passo grande parte do meu tempo.

Lembro agora o meu caderno que está chegando ao fim, aquele caderno achado no lixo, depois apagado, que me permitiu usar meu outro caderno para anotação deste relato.

Penso em meu colega sábio que adora me

ridicularizar. A necessidade maior de abordagem agora é dele. Parece preso a um enredo obsessivo que alimenta seu ego.

Sua última investida foi me perguntar novamente se irei à viagem de estudos promovida pela escola. Possível deboche, pois já lhe expliquei a duas vezes que não tenho dinheiro nem coragem para pedi-lo a minha madrinha.

Quadragésimo quinto dia desse enredo!”



Capítulo VII

Vanda deixou que o diário escorresse entre as mãos, como algo deslizante.

- É incrível! - comentou ela. - Ele parece estar tão próximo da gente, apesar da distância.

Seus olhos estavam um tanto anuviados. Havia algumas semelhanças com sua vida. Por instantes lembrava cenas de seu passado de artista de circo... aquele circo miserável onde, após o apagar das luzes, os brilhos e as aparências cediam lugar às incertezas. Homens misturavam-se a animais escravizados, como seres da mesma espécie.

Todos estavam presos pelo fio invisível do destino, condenados a viver o presente fracionado por aplausos. Não se tinha futuro nem passado. Ela, como os demais, não tivera tempo algum, nem antes nem depois de chegar ali. Fora tudo um transe, espécie de coma intercalado por instantes de lucidez.

Era ainda menina, em Recife, quando descobriu que não tinha pai e que sua mãe vendia o corpo para sobreviver. Todos fazem o mesmo, de uma forma ou de outra, conformava-se agora.

De maneira quase genética, herdara da mãe o conhecimento dos homens, dos estúpidos machos que matam, destroem, usurpam e, no entanto, deixam-se dominar por bem pouco. Tal conhecimento fora-lhe útil na vida.

Aprendera muito mais. Fizera coisas reprováveis aos olhos da convenção. Mas quem passou pelo que ela passou, sentir-se-ia incapaz de condená-la. Afinal, não há ética ou moral que justifique a fome.

Querer ser ético com imundos peixes carnívoros, quando se tem a isca capaz de dominá-los, é um masoquismo desnecessário. Peixe ou pescador, quebre o primeiro anzol quem se considerar menos amoral, consolava-se.

A verdade irônica era que Marte também conhecia apenas parte da história. Talvez qualquer dia viesse a lhe contar o resto, mas precisaria estar certa de que ele teria reação aceitável. O companheiro pouco perguntava, embora às vezes a fizesse se sentir sondada e até flagrada por olhares inquiridores.

- Eles nunca estarão distantes de nós - falou o velho, após instantes, traíndo a catarse da jovem que, com algum esforço, percebeu que ele se referia aos mortos - a não ser - continuou - que possamos aniquilar toda nossa consciência.

“Consciência” era palavra muito forte para Vanda. Precisava encontrar algo ainda mais forte, que pudesse anulá-la, deixá-la em segundo plano. Quem sabe, “necessidade”. Pensou nessa palavra; sentiu vontade de ouvi-la. Em sua cabeça havia indícios de como encontrar o lenitivo, a fuga de que precisava.

- Por que será que vieram todos morrer tão longe de suas casas? – indagou, em busca de alívio.

- É uma longa sucessão de fatos - criou ele a expectativa. - O homem - emendou - acaba sendo a criatura mais fácil de cair em armadilhas.

Diante de seu mistério, ela insistiu. Não queria ouvir filosofias e sim fatos.

- Conte-me o que sabe.

- Pois bem. Tudo começou por volta do ano de setenta e três. Até então, a Serra do Ronco era apenas um chapadão lendário, recoberto de vegetação, de difícil acesso. Era um grande latifúndio abandonado. Embora

constasse no cartório como propriedade de alguém, parecia que a terra não conhecia pé humano.

Marte revirou a órbita dos olhos, como a capturar lembranças antigas.

- Foi nessa época que se descobriram os minérios. Com rapidez espantosa, centenas de pessoas acorreram a essas paragens, sonhando conquistar bom emprego ou mesmo riqueza. De repente, a vegetação foi sendo devastada; cada loca ou depressão do relevo foi ocupada por máquinas e equipamentos.

Deu outra breve pausa e continuou:

- A Empresa Floresta, detentora do direito de exploração da lavra, tornou-se um forte império, em torno do qual circulavam súditos, vindos de todos os lugares. Uma espécie de monstro que inchava, assustadoramente, à medida que devorava vidas e bebia suores e lágrimas.

Nesse momento, Marte fez sinal para o garçom, pedindo-lhe a conta. Prosseguiu seu relato, como se aquilo lhe expurgasse parte das culpas. Mas ele mesmo não sabia se deveria falar como cúmplice ou, talvez, como o próprio criminoso.

- No começo foram mortes isoladas - continuou. - À medida que crescia o número de trabalhadores, aumentavam os acidentes. Ora por queda, choque, explosivos ou brigas. As primeiras mortes nos surpreenderam, mas, com o passar dos tempos, tomamos todos tão levianos que ninguém parava mais o trabalho para visitar ou enterrar colegas falecidos. Tudo corria rápido, irreal.

Olhou mais diretamente para a companheira, analisando-lhe as reações, para em seguida continuar o relato:

- Viver e morrer eram sinônimos. O trabalho animalesco e o prazer extremado eram pontas da mesma

corda que se fechava em círculo. No final da jornada, reuniam-se os homens em tendas de pano para se embriagar, ouvir músicas em radiolas portáteis, dançar entre si, apostar nas cartas de baralho e nos jogos de empulhação, ou ainda, para disputar no “par-ou-ímpar” o direito de fazer sexo, nas redes, com as prostitutas que ali apareciam.

Deu breve pigarro nervoso e seguiu adiante com a confissão:

- Em resumo, perdia-se, à noite, quase todo o dinheiro ganho durante o dia. Mas, ganhar e perder também eram sinônimos, frutos da mesma irrealidade. O pouco dinheiro que lhes sobrava era deixado nas cantinas da Mineradora ou com os mascates que vinham de longe, às escondidas, na calada da noite ou nos finais de semana, vender-lhes roupas, perfumarias e outros artigos...

O garçom chegou à mesa e lhe passou às mãos a conta. Após pagá-la, seguiram para casa. Ficava perto. Saíram de braços dados, respirando o ar poeirento e cavernoso daquela noite fresca, rara no lugar.

- Desde o início, fui o engenheiro-chefe do projeto – continuou, dessa feita, franzindo a testa, certamente por se sentir traído e impelido a revelar coisas que lhe martelavam a cabeça. Sem dúvida seria a parte mais dolorosa, mas não sabia como se livrar dela. Era como alguém perseguido, fugindo pelo corredor único, no fim do qual havia uma porta travada.

- Vi cada pessoa que aqui chegou no começo de tudo - prolongou. - Não conhecia suas vidas nem seus problemas; apenas rostos. Depois de algum tempo, eram tantas as levas que chegavam que eu já não os identificava pelos rostos, mas por quantidades: “Os trinta de ontem, os cinquenta de hoje”... - um grupo de pessoas passou ao lado do casal e o encarou firme. O velho Marte

interrompeu sua confissão e permaneceu em silêncio o restante da caminhada.

Vanda compreendia que não convinha compartilhar, com estranhos da rua, depoimento tão pessoal. Ao chegar em casa, porém, o marido continuou mudo. Reclamou que sentia enxaqueca e recolheu-se ao quarto.

Ela respeitou a indisposição do companheiro. Não sentia sono. E sabia que não era por ser cedo da noite. Era enorme a curiosidade que a impulsionava a continuar a leitura do diário. Ela se revia naquele relato. No passado também fora massacrada, cuspidada, estuprada, cobaia de sádicos. É verdade que também dera vários trocos. Podia até ter sido injusta em algumas ocasiões.

Vinha agora a imagem daquele velho gringo, chamado Pablo. Em sua mente, o sorriso e a cara de gozo do velho iam-se desfazendo e cedendo lugar à expressão de terror. Era muito pesado aquele fardo... Não! Lá vinha a imagem do corpo estendido sobre a cama, língua de fora, faces roxas.

Vinha a lembrança daquele pulo pela janela, a fuga com as mãos cheias de notinhas de dinheiro verde. Não! Não podia lembrar isso agora. Tinha que fugir daquela situação incômoda, mesmo que fosse substituindo uma irrealidade por outra.

Foi para a sala, deitou-se ao sofá e abriu outra vez o caderno verde que o marido lhe dera, com palavras de um dos prováveis mortos do cortejo fúnebre daquela tarde.

Capítulo VIII

“Todos se foram na viagem de estudos da escola e eu fiquei. Hoje é quarta-feira e só haverá aulas na próxima segunda-feira, pois os professores viajaram com os alunos. Como já dito, não pude acompanhá-los por falta de dinheiro. O dinheiro vem cumprindo à risca sua missão em minha vida.

Essa viagem será a explicação prática das aulas teóricas. Visitarão minas e usinas de beneficiamento. Será a melhor ocasião para os mestres observarem os alunos de melhor rendimento e lhes indicar boas oportunidades de emprego. São privilegiados os que puderam ir.

Minhas vozes interiores voltam a digladiar como dois pugilistas.

- Não ter ido a essa viagem pode ter sido para seu bem – consola o pugilista médio.

- Lá vem você com suas justificativas. Sabe o que isso representa? O que se aprende em uma aula prática supera o de dez aulas teóricas – contesta o pugilista leve.

- Sua vida já está tão agitada. Tente se poupar. Se assistir às aulas com atenção e copiar todo o conteúdo, há chance de se sair bem – retoma o primeiro.

- Copiar! Essa é boa! Você não percebeu que meu único caderno está acabando?

- Se não tiver mais caderno, copia tudo na cabeça. É só ficar repetindo o conteúdo de cada aula vinte ou trinta vezes, que nunca mais se apagará de sua memória.

- Essa tarefa é insana! Nem animal suportaria.

- Nem tudo é como a gente quer. As pessoas se superam justamente na adversidade, realizando o que parecia impossível.

- Bem que tudo poderia ter sido diferente. Não tive coragem para pedir à madrinha o dinheiro. Fiz insinuações que ela fingiu não entender.

- A insinuação é o jogo dos cínicos. Quem tem algo a pedir deve fazê-lo de maneira clara, direta e objetiva. Quem prefere jogar, que arque com as consequências. Olhe para a frente e aproveite para resolver suas tarefas de inglês.

- É mesmo! Há as tarefas do inglês para a aula da noite. Tenho que valorizar a bolsa de estudos que recebi.”

* * * * *

“Tive aulas normalmente. A excursão chegou. Todos alegres, comentavam as maravilhas da viagem. Ronaldo fez questão de se aproximar. Não fui eu quem o procurou. Ele veio a mim, colocou-se em frente à minha carteira e ali ficou encarando-me firme, sem pronunciar qualquer palavra. Isso constitui seu orgulho. Para sair daquela situação incômoda, perguntei-lhe:

- Foi boa a viagem?

Ele tirou os cabelos da testa; de seus olhos chisparam as costumeiras e petulantes faíscas.

- Do ponto de vista prático, eu poderia afirmar que ela teve rendimento inefável, todavia, sob o prisma intelectual, foi, de certo modo, pusilânime. Eu lhe confesso: poucas foram as coisas vistas que serviram para enriquecer meu cabedal de conhecimentos. Foi tudo uma espécie de ‘dejá vu’ - concluiu a frase com meia gargalhada.

Não entendi o motivo do riso, como também não me contive. Não ter ido à viagem era meu maior constrangimento naquele instante; não me encontrava disposto a ouvir declarações de grandeza. Encarei-o

decididamente, sem fazer rodeios...

- Você parece ainda mais imbecil quando sua autovanglória vem seguida de risada sem propósito.

Ele fingiu não escutar. Sua arte de ter respostas maliciosas na ponta da língua, para qualquer frase, revelou-se novamente.

- A psicologia constatou que a segunda-feira é o dia em que nossa estupidez fica mais à mostra. Você sabia?

O sangue ferveu em minha cabeça. Por instantes, tive desejo de lhe dar socar o nariz. Em vez disso, pedi licença com desdém e fui ao bebedouro. Sempre juro para mim mesmo não mais dirigir qualquer palavra àquele desgraçado. Mas ele, com sua malícia, sempre me obriga a tomar as iniciativas, ao parar à minha frente, feito qualquer espantinho idiota.

Esse não foi o único aborrecimento de hoje. Essa conversa com o sábio foi pela manhã. À tarde, chegou à classe a professora de Mineralogia, ordenando que ficassem em sala de aula, para trabalho em grupo, os alunos que haviam ido à excursão. Eu fui o único a sair. Segui para a biblioteca.

No horário seguinte, o professor de Prospecção Mineral nos avisou de que as notas desse mês serão dadas pelos rendimentos individuais durante a viagem. Eu, como exceção à regra, terei de solicitar um enfadonho trabalho de pesquisa para não ganhar zero como nota.

Até aqui, meu quarto me serve para fugir do mundo. E é esse o meu único prazer. Sento-me à rede, fico a digerir a vida, a lembrar meus familiares distantes, a rever minha coleção de pedras. Esse é meu passatempo.

Agora olho para ela, a coleção, e sinto certa desconfiança de sua parte. Quase a vendi para ir à excursão, e em diversas vezes passadas a mesma ideia

veio à tona.

Possuo, nesse mostruário, pedras de esmeralda, água marinha, safira, turmalina, topázio, ametista, ágata, granada e outras encontradas ou trocadas. Tenho simpatia especial pela ametista, pois sinto que ela se identifica comigo.

Para afastar ideias destrutivas, preciso me distrair com os minerais; passar muito em frente à casa do escritor, e recorrer a todas as lembranças de minha família. Ainda não me conformo: fui tão idiota que não fiquei com nenhum retrato deles, pelo menos de meu pai, de minha mãe e de Maurício, meu irmão querido.”

* * * * *

“Começou a chover há pouco tempo. Se não tivesse voltado para casa logo depois da aula noturna de inglês, teria enfrentado um temporal. Por enquanto chove fino, mas essas ventanias indicam que virão fortes quedas d'água. E sempre que apanho chuva, fico resfriado.

* * * * *

Agora a chuva cai forte. Seu barulho sobre o telhado do quarto traz-me mensagens longínquas, não sei bem de onde. Tenho constante medo da morte, não me parece nada natural, principalmente se ocorrer antes dos oitenta anos de idade.

Nessas ocasiões, me imagino gelado, dentro de um caixão, ouvindo os comentários mais demagógicos. Vários deles se reunindo em torno de mim - os vizinhos e todos os imbecis desse bairro - se em um quarteirão coubessem. Ouço suas vozes cínicas dizendo: “Foi um bom rapaz”, “Era a pessoa que eu mais admirava”, “Que pena ter

acontecido isso com ele!”.

Vou cuidar bem da minha saúde para nunca lhes propiciar esse prazer. Sei que dariam tudo para me ver em posição horizontal.

A chuva prossegue e meus pensamentos se voltam para minha mãe. Como seria bom se eu pudesse estar agora ao seu lado. Pode ser que agora esteja repousando, pois no campo, se dorme à boca da noite. Ou talvez esteja rezando. Essa era a coisa de que mais gostava de fazer.

Mesmo nas épocas mais negras, ela encontrava ânimo para rezar e confiava nas providências de seus santos. Imagino-a ajoelhada, como espécie de santa, aos pés do seu oratório, iluminando o rosto com o brilho de velas. Serão bonitos seus sonhos? Haverá ainda em seus olhos algum brilho de esperança?

Um breve relâmpago ilumina as frestas do meu quarto e me mostram com clareza minha realidade; o teto cheio de aranhas, que eu não vejo razão para remover; o piso apinhado de formigas, em volta de poças ressecadas de leite, e deitado na rede de dormir úmida, um resistente ser humano, embora verde. Um ser humano que ora se esconde da chuva e da vida

* * * * *

“Há três dias chove direto, só havendo ligeiras pausas de minutos, quando então o sol aparece. O clima de Natal é exótico. Bem definido mesmo só existe o verão; o que se chama inverno aqui são poucos dias de chuva braba, em qualquer época do ano, entremeada pelo sol quente. No geral, não há flores nem revoadas de folhas secas.

Estamos vivendo esses raros dias de chuva. Eles

não vêm em épocas predeterminadas do ano. Às vezes ocorrem entre janeiro e fevereiro; às vezes, entre junho e julho. Agora, tenho andado sempre debaixo da aguaça.

Mas mesmo que caia uma tempestade, tenho que sair para as aulas. Sentir frio ou adoecer não podem ser pretextos para mim. Com sol ou com chuva, meu cotidiano tem de ser o mesmo.

Logo cedo tomo meu café da manhã - fiel ao nome: apenas café e, quando muito, pão. O verdadeiro café, com frutas, sucos, biscoitos, iogurte e queijos só fica pronto às oito horas para a família de madrinha Mundoca. Eu bebo o meu às seis da manhã quando todos ainda dormem e a criada acaba de acordar.

Depois saio debaixo do céu anilado ou cinzento, ando vários quarteirões até a parada de ônibus, espero quase uma hora para que apareça na esquina a carroceria verde-musgo, a cor do veículo que me leva à escola.

Entro no amontoado de pessoas, sendo apertado e sacudido, como se estivesse enlatado. O suor me banha o rosto e os sovacos; ando milhares de passos entre a parada final do ônibus e a escola; chego em sala de aula, sento-me à carteira e fico olhando diferentes rostos passarem à minha frente... Repreensões por não estar prestando atenção... A sirene anunciando início e término de cada aula.

Finalmente levanto e venho embora. Nova caminhada, novo suor, novo cansaço, novo desencanto por saber que estou só e que em casa continuarei só. Novamente misturando-me entre estranhos doentes e endiabrados; a fome devorando-me o estômago, o isolamento pleno.

Salto do ônibus, subo a rua, vendo todos os minotauros e medusas me torcerem o rosto, como uma

tragédia grega personalizada; chego em casa mais morto que vivo, tomo banho rápido para não gastar muita água; almoço e sou outra vez arremessado ao mundo.

Outra espera pelo ônibus, outros apertos, outra caminhada, outra vez os bancos da escola, vendo rostos diferentes, tendo de suportar o peso de figuras como Lomena e Ronaldo; exausto de copiar fórmulas, mas sendo obrigado por ser minha porta de saída do caos e a justificativa pelos alimentos que recebo; ouço a sirene tocar duas, cinco, oito vezes; saio finalmente e tomo o caminho de volta para casa, para o lugar onde faço refeições.

Mais caminhada., mais espera, mais cansaço. A essas horas. percebo que é quase noite; vejo novamente o rosto dos mesmos personagens bufões e rabugentos; subo a rua., escuto muxoxos, pilhérias e cochichos. O cansaço é tão grande que não consigo sequer sentir revolta.

Passo pelo meu quarto, troco a carga, chego outra vez à casa de madrinha. Novamente o banho, a janta, e saio para a aula noturna de inglês. Sento-me em novos bancos e fico curtindo as últimas energias; saio de lá perto das nove horas da noite, quando já não sou dono de meus passos.

Chego em casa e venho direto para o quarto, durmo às vezes com toda a roupa do corpo. É como se tivesse sido surrado o dia inteiro. Deito-me à rede e adormeço. De repente, abro os olhos e percebo que ainda estou vivo. Olho para tudo na escuridão matinal - as frestas da porta me dizem que o dia amanheceu.

Escuto vozes distantes e noto que estou sozinho. Tão sozinho que se tivesse que morrer não faria diferença para ninguém, senão para o entregador de leite. Este, é certo que se irritaria com minha demora em lhe desocupar o ponto de venda e com os efeitos negativos

que tal fato geraria para seu comércio de parceria com madrinha Mundoca.

Chego a imaginá-lo, com aquele bigode úmido e esbranquiçado de rato de esgoto, a esbravejar: “Esse filho da mãe não podia ter escolhido outro lugar para morrer!?”

** * * * **

“Ontem, finalmente, tive coragem de entrar na casa do escritor. Chovia bastante, como o faz há sete dias, e eu voltava da aula. Ele estava na varanda, com os mesmos olhos amigos de sempre. Aproximei-me e pedi-lhe meio inibido.

- O senhor me deixa passar a chuva aí?

- Pois não, pode entrar.

Aproximei-me de sua cadeira. A inibição inicial de minha parte manteve o silêncio no ambiente. Tal silêncio era quebrado somente pelo barulho da água no chão.

Estranhei sua atitude, pois seu olhar fora tão amigável para comigo, nas vezes que transitara por ali. Bem, eu pensava que ele desejasse muito me conhecer e falar comigo. Diante do impasse, tomei a iniciativa:

- Eu admiro muito o senhor - disse-lhe quase de arranque, em voz trêmula.

- Por quê? - inquiriu-me friamente, encarando-me como se nunca tivesse me visto antes.

Senti-me perturbado e, a princípio, não tive resposta.

- Sabe, admiro muito os escritores. Bem, é que pensei... talvez o senhor seja um desses homens que fazem livros, poesias, e contam histórias maravilhosas - foram as palavras que saíram de minha boca, naquele momento. Ao pronunciá-las, esperei que ele sorrisse.

Com o mesmo ar indiferente, interrogou-me.

- O que o levou a pensar isso?

A conversa passou a exigir mais de mim. Minhas mãos começavam a gelar.

- Realmente não sei... talvez por seu olhar. Deve haver diferença entre o olhar de um escritor e o das pessoas comuns. O fato é que, todas as vezes que eu passava por aqui... bem, é que o senhor sempre me olhava. Então eu fiquei pensando que... o senhor me entende, não é? - ele acenou positivamente com a cabeça.

- A meu ver, uma pessoa comum não perderia tempo em olhar para alguém que passa. Mas, o senhor, não. Acompanhava sempre a minha passagem.

Sua resposta fez-me perder as ilusões.

- Eu tenho esse velho hábito. Olho para todos que por aqui passam; analiso-os; às vezes tento fazer um palpite quanto a seus problemas, seus estados de espírito, suas profissões, sua estória, suas crenças.

- Eu também tenho uma mania parecida com essa.

- Como assim?

- É que costumo testar minha memória. Por exemplo, depois que um automóvel passa por mim, tento recordar o número de sua chapa, os adesivos pregados nos vidros, a fisionomia e a roupa de seu motorista, e assim por diante.

- Não deixa de ser um exercício mental interessante - sorriu, expressando-me apoio. - Você deve ser inteligente - olhou-me firme. - Poderia ter me procurado antes. Seria agradável conhecê-lo há mais tempo.

Fiquei sem palavras. Não teria coragem para lhe dizer: "Nunca entrei aqui por medo de ser agredido". Resolvi falar alguma coisa que lhe agradasse.

- Gostaria de morar numa rua como essa, por

onde passassem pessoas de todos os tipos.

- Realmente é muito bom Pena que eu esteja de mudança pronta.

- O senhor vai mudar? - perguntei-lhe curioso.

- Dentro de algumas semanas sigo para o exterior.

- O senhor gosta muito daqui, não é?

- Bastante.

- E deve ter escrito muitos livros nessa paisagem – insinuei.

Ele piscou os olhos como que voltando de um transe.

- Eu não sou escritor; sou sociólogo. De fato, chego a escrever, mas são trabalhos científicos. Nada imaginário. Algumas coisas chocantes, mas tudo muito real.

- É só esse seu trabalho? - perguntei-lhe sem me dar conta da indelicadeza.

- Não - explicou-me. - Além de escrever, presto assistência a algumas favelas e bairros pobres de nossa cidade. Ao mesmo tempo que é uma experiência humana formidável, isso fornece subsídios para meus estudos e pesquisas.

- Compreendo. Aí então o senhor dá palestras, entrevistas e conferências, não é? - Ele sorriu de novo e eu continuei. - E ainda está sujeito à conquista de algum prêmio.

Ele nada me respondeu e eu fiquei sem saber se dissera algo esplendoroso ou alguma tolice.

- Só não lhe peço para ler algo porque não adiantaria mesmo - falei-lhe ingenuamente. - Provavelmente não entenderia nada.

- Um dia entenderá. - respondeu-me compreensivo.

- Então o senhor não tem emprego? - perguntei-

lhe.

- Tenho sim. Há uma instituição internacional interessada em meu trabalho e que me custeia os gastos. Presto-lhe então um serviço.

A chuva passou e eu notei que a única redenção para as bobagens que falara seria sair logo dali.

- O senhor vai me desculpar. mas preciso aproveitar a estiagem. Tenho aula daqui a pouco.

- Está bem. Foi um prazer conhecê-lo - apertou forte a minha mão. - Como se chama?

- Daniel - respondi-lhe apressado e acabei me esquecendo de lhe perguntar o nome. - Adeus - disse-lhe saindo – e muito obrigado pela acolhida.

- Daniel! - ouvi sua voz ao me distanciar e recuei.

- Chamou-me, senhor?

- Daniel, espere - consultou o mostrador do relógio. - Hoje é segunda-feira; no sábado farei uma visita às favelas. Você é muito questionador e isso é um bom sinal - olhou-me esperando a resposta para a pergunta que nem fizera ainda. - Desejaria ir comigo?

Fiquei como que anestesiado diante da irrealidade de suas palavras. Há quanto tempo eu não recebia convite de espécie alguma! Hesitei um pouco.

- Acho que sim, senhor.

Explicou-me que sairemos no sábado às oito da manhã. O local de partida será sua casa. Não lhe perguntei muito a respeito do passeio, pois isso pareceria indício de desconfiança.

Quando alguém confia em outro não faz perguntas do tipo: “Como iremos?”, “Aonde iremos?”. Eu confio nele e estou curioso para ver seu trabalho. É inexplicável a sedução que sinto. Espécie de ordem interior que sigo resignado, sem questionamentos”.

Capítulo IX

“Esse mundo é cheio de surpresas. Nessa tarde de sábado, fico a analisar várias coisas. Se não fosse aquela chuva, talvez eu nunca conhecesse Demutier, meu grande amigo.

*O destino organizou o encontro e não quis que ele fosse embora sem me dar a chance de conhecê-lo. É um grande sujeito e isso eu senti quando me obrigou a tratá-lo por **você**, não obstante ser um senhor respeitável.*

Cheguei à sua casa, faltando poucos minutos para a hora marcada; ajudei-o a carregar o automóvel; levamos caixas e mais caixas e saímos. Naquele instante eu não imaginava o que me esperava pela frente. Talvez, um gostoso passeio. Mas devo dizer que nunca aprendi tanto.

Percorremos algumas favelas e a que mais me impressionou foi a chamada Brasília Teimosa. Lá deparei-me com extremos de miséria que, pelo menos materialmente, fizeram com que eu me sentisse privilegiado.

Eram ruelas de areia e lixo tão estreitas que, ali, somente duas pessoas caminhariam lado a lado. Residências de até dois metros quadrados. Assisti a cenas que me impressionaram. A fome era tanta que vi jovens comendo barro; vi crianças mastigando excrementos nasais e cascas de feridas, cavando na carne sua alimentação.

- O palco e o cenário já estão montados para o novo ato - falou-me Demutier misteriosamente, contemplando os casebres miseráveis. - Falta pouco para começar. Apenas uma frágil cortina impede que todos

vejam. Os curiosos são afastados por guardiões hábeis e obedientes como cães de fila.

- E como será esse novo ato? - continuei seu jogo de metáforas.

- Violência, muita violência - falou em tom de apreensão. - Isso aqui está crescendo e ninguém faz nada. A sociedade continua acreditando demais na eficácia da polícia, nas leis e até nos grupos de extermínio. Adquirem-se mais armas, mais munições, recrutam-se mais homens, ensinam-lhes a desconfiar, a bater e a torturar e tudo está pronto. Constroem-se penitenciárias dentro de um pretensão enfoque ético.

Encarou-me, como a me confiar um segredo:

- Na verdade, todos gostariam mesmo era de poder cercar as favelas com arames eletrificados, isolando-se assim de seu contágio social. Ou, melhor ainda, varrê-las do mapa com a única despesa de um bombardeio aéreo. Mas isso é como um tumor, cuja extirpação é impossível. Ela, a sociedade, maldiz esse tumor e esquece que ele é fruto de suas extravagâncias e descasos. Sabe que ele é parte dela, mas prefere ignorá-lo e deixá-lo crescer. Porém, a indiferença não vai impedir sua marcha silenciosa; não vai conter o carnegão de supurar mais cedo ou mais tarde.

Nesse ponto, olhou em volta, como a cadastrar mais miséria. E prosseguiu:

- Aqui se prepara uma revolução que não causará surpresa. Certamente haverá reações para contê-la e muito sangue será derramado. A repressão das armas é mais violenta contra as revoluções que clamam pelo essencial, pelo inquestionável direito de se alimentar, de se abrigar, enfim, de viver.

- Há condições de viver aqui? - indaguei-lhe, esquecendo por instantes, minha condição de vida.

- Isso é polêmico - adiantou-me. - Muitos dirão: "dá; dá para agüentar". É claro que dá para agüentar. Há homens que resistem ao gelo, às florestas, aos soterramentos, aos naufrágios, à vida nas sarjetas. Não se trata, porém, de julgar resistências, mas sim de questionar se essas podem ser formas definitivas e aceitáveis de vida humana.

- Você vê alguma solução? - interessei-me, acompanhando sua ansiedade.

- Sim, há soluções, mas elas esbarram em preferências.

- Como assim?

- É que a sociedade não reclama se o dinheiro de seus impostos vai custear festividades ou mesmo engordar os bolsos da corrupção, mas, a mesma sociedade acha que não lhe diz respeito a construção de escolas, creches ou hospitais próximos dessas favelas. Isso, quando acontece, são concessões, jamais opções. Preferem sempre que se construam prisões para amedrontar e punir.

Os transeuntes passavam receosos... com minha presença, como me explicou Demutier:

- Eles não o conhecem e passam a duvidar de mim mesmo que venho aqui habitualmente. Têm tanto medo de nós quanto nós temos deles. Qualquer presença estranha lhes cheira como indício de mais usurpação, por mais que você seja jovem e se vista sem ostentação - foi muito bondoso nesse comentário. Minha roupa era vergonhosamente simples.

Outras pessoas apareciam às portas das casas, com ar apreensivo, à espera de nada.

- O que faz essa gente? - interroguei-lhe.

- Parte não tem emprego, por razões que a sociedade resolveu estigmatizar como vagabundagem,

mas que têm raízes profundas na subnutrição, na doença, na desqualificação profissional e na desmotivação. Afinal, ninguém vai, por opção, ficar sem dinheiro para se alimentar ou procurar arriscar a vida ou a liberdade para consegui-lo. Tudo é questão de oportunidade. Podemos abrir a porta para um homem em apuros ou deixar que ele, desesperado, arrombe-a.

- Há muitos que trabalham? - fiquei curioso

- A maior parte trabalha, mas tratam-se, no geral, de biscates, de ocupações incertas, de subempregos, conseqüentemente com subsalários. O que se quer, então, esperar dessa gente? - encarou-me como se coubesse a mim responder, mas não esperou por isso. - Que tenha bons modos? Que ande sorridente e bem-comportada? Que faça planos para o futuro? - franziu a testa. - As famílias são numerosas e famintas; as crianças, expostas à doença, sem educação, sem qualquer assistência, vão forjando as quinas dos rostos que serão, no futuro próximo, manchetes das páginas policiais - parou incrédulo. - Como falei antes, o problema é de opção, de preferência social... e preferências não se discutem.

Continuamos as visitas às casas. A reação deles à nossa chegada não era de alegria, mas de frieza. Nossa presença não significava muito. Trazíamos medicamentos, roupas e materiais escolares, mas talvez isso não interessasse tanto a eles. Perguntei a Demutier por que não lhes dava alimentos.

- É preciso que algo os impulse a lutar.

- Então, qual é a finalidade dessas doações?

- São apenas coisas que complementam a vida e fazem com que eles se sintam menos esquecidos, porém, a alimentação é a causa mais importante que eles defendem e que os obriga a batalhar por alguma melhoria. É uma das formas possíveis de se lidar com a problemática.

Reconheço que é polêmica, alguém pode discordar.

- Admiro o seu trabalho - pronunciei inconsciente a frase, como se conhecesse com afinco os problemas daquela gente.

- É certo que nem sempre é visto com bons olhos pela sociedade. Há os que tentam justificar sua omissão e o total egoísmo, com a pregação: “Nada de paternalismo! os mais pobres têm que construir seus destinos, têm de descobrir seus caminhos”. Seria um brilhante axioma se nós não minássemos tais caminhos nem os enchêssemos de armadilhas e de obstáculos.

Ora eu me contagiava com suas palavras e com seus plurais e me sentia o próprio opressor; ora me dava conta de minha condição de oprimido, em circunstância, é claro, um pouco melhor que a daquele sofrido povo. Em ambos os casos, suas palavras me conscientizavam de um estado grave, assim como a dor, mesmo incômoda, conscientiza-nos do ferimento que precisa ser tratado. Tenho-me sentido ultimamente em posição semelhante, mas nunca palavras tão precisas a delinearam.

- Aí você me pergunta - continuou ele, gesticulando – “quem são os responsáveis?” E eu não saberei responder. Não sei como chegar a responsabilizações individuais. Cada um de nós acaba tendo sua parcela de culpa. Sim, porque cada privilégio que desfrutamos, cada conforto que usufruímos, foram-nos concedidos à custa da desgraça de muitos. Essas doações são o mínimo que se pode dar em resgate. É claro que não solucionam todas as suas dificuldades, mas ajudam a combater sua marginalização.

E assim ficamos toda a manhã em meio ao sofrimento. Foi a melhor e mais comovente visita que fiz a algum lugar. Aqui e ali, Demutier entrava em uma tapera e conversava com as pessoas, ouvia os sentenciosos

problemas, punha anotações em seu caderno. Fomos ao carro meia dúzia de vezes, trazendo os braços cheios de donativos. Os coitados eram tão ignorantes que nem sequer agradeciam. Mas, pensando bem, seria mesquinho exigir agradecimentos por doações humanitárias.

Quando o carro parou novamente defronte à casa de Demutier, era por volta do meio-dia. No trajeto de volta fiquei sabendo de muitos dados a respeito de meu amigo. Mora com a esposa e não tem filhos. Vive da aposentadoria como ex-delegado de polícia. Recebe o aluguel de uma casa e verbas de uma instituição alemã, o que lhe permite ajudar algumas famílias pobres.

Boa parte dos donativos é, porém, comprada com seu próprio dinheiro, e isso fez aumentar minha simpatia por ele: alguém que esquece sua posição social e se mistura ao povo humilde; alguém que vivencia um ideal; que tem sobre si inúmeras responsabilidades nas quais acredita e para as quais se dá por inteiro. Perguntei-lhe se não era tudo muito cansativo.

- Quanto mais você fizer o bem - disse-me ainda no carro, de forma doce - mais bonitos serão seus sonhos. Pense sempre nisso.

Suas palavras, não sei porque, são inteligentes e gostosas de ouvir. Ele me convidou para almoçar, mas eu lhe expliquei que não poderia.

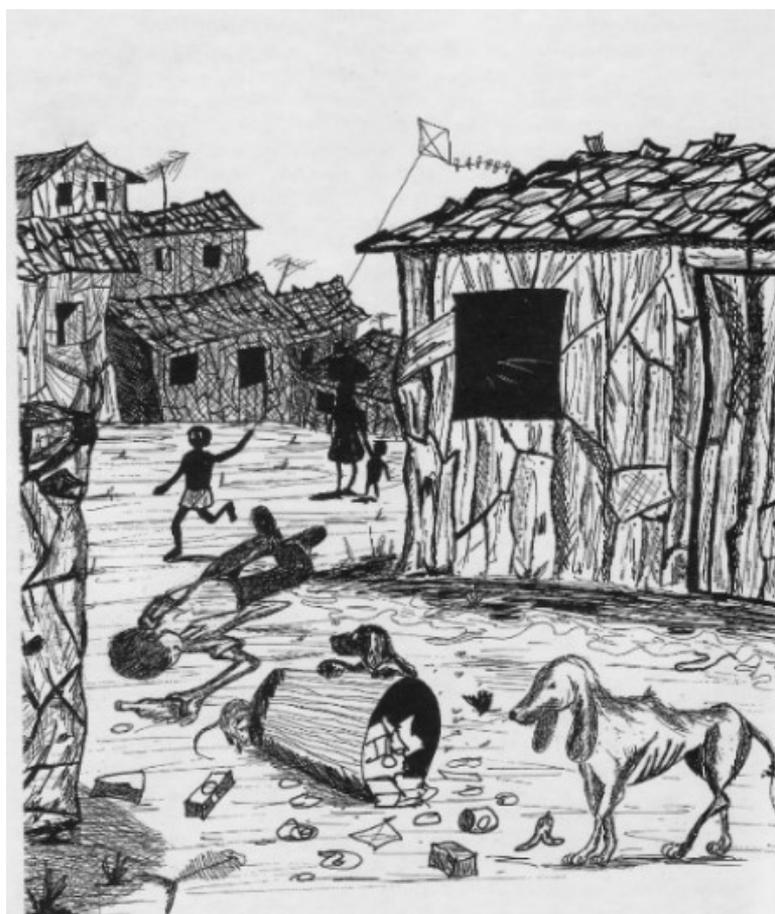
- Prometi a minha madrinha que voltaria para o almoço. Não quero desapontá-la.

Despedimo-nos. Estou outra vez sozinho na tarde desse quarto; lembro-me do passeio que fiz com o meu amigo. Pena que ele vá embora de Natal. Todos os dias, nas idas e retornos da aula, conversarei um pouco com ele. Como sou burro! Por que já não fiz assim, desde o início da semana? Na segunda-feira nos conhecemos, mas, nos dias seguintes, atalhei caminho. e não passei em

frente à sua casa. Não sei bem se por timidez ou por receio de que ele mudasse de opinião quanto ao convite. Talvez as duas coisas juntas.

Hoje pela manhã, nossa amizade se concretizou. Acho que sentirei muito sua falta. Volto a me questionar: Por que ele tem de partir dentro de poucas semanas? Por que a vida tem de ser uma eterna sucessão de separações? É difícil aceitar a idéia de que meu melhor amigo irá embora!”

* * * * *



Capítulo X

“Ao final da tarde, estive outra vez com Demutier. Aproveitei o fato de não haver aula no instituto de línguas, por motivo de reunião, e fiquei bastante tempo em sua casa.

Jantamos juntos. Sua esposa, dona Margarida, é calada, mas doce e de gesto suave. Não se juntou a nós na conversa, mas me tratou de modo cortês. Voltamos a falar do que vimos no sábado.

- Por que aquele lugar se chama Brasília Teimosa?

- É antiga a história - ensinou-me paciente. – Você talvez nem fosse ainda nascido quando a dita favela começou a se formar. Era terreno de propriedade municipal em área nobre, como você viu, defronte ao mar. Os governantes certamente esperavam aforar os lotes para pessoas notáveis, mas, por um cochilo burocrático, surpreenderam-se com a ocupação total da área por numerosos barracos de favelados. Não podia ser! Aquilo não se poderia admitir! Após avisos e ameaças, os tratores públicos, finalmente, devastaram a comunidade. Cercaram-na e afixaram placas irônicas: “ÁREA DE DOMÍNIO PÚBLICO - PREFEITURA MUNICIPAL”.

- O que aconteceu depois?

- Foi interessante. Com rapidez incrível, do dia para a noite, toda a favela estava de novo instalada no mesmo local. Voltaram a derrubá-la outras vezes e os seus moradores teimaram em reerguê-la. Como era época da construção de Brasília, o lugar ganhou nome de Brasília Teimosa.

- A Prefeitura aceitou então?

- Não foi assim. Acho que ninguém aceita até hoje. Chegaram a colocar policiamento, mas um guarda foi morto e o jeito foi evitar o mal maior.

- Lá deve haver muita violência, hem? - arrisquei o palpíte.

- Sim, mas violência existe em outros lugares - disse-me em tom professoral. - Os violentos de lá são presos e espancados porque não atendem a nenhum interesse dominante. Os carros matam centenas de pessoas diariamente. Por que não saem de circulação? E as armas de guerra que matam milhões? Há ainda as formas de morte lenta que chegam a ser incentivadas. Que punição recebem as empresas que envenenam as pessoas com cigarros e bebidas, com alimentos químicos ou com a contaminação do ar? Que punição existe para as firmas que causam as chamadas doenças profissionais e para as que matam milhares de pessoas por enfarte, derrame e úlcera?

Demutier emocionava-se quando falava de seu objeto amado - a humanidade, as classes oprimidas. No entanto, havia mais doçura que agressividade em suas palavras.

- O que você espera de seu trabalho? - mostrei-me interessado.

Ele ajeitou-se sobre a cadeira e esfregou os olhos por trás dos óculos.

- Temo que tudo acabe virando filme ou reportagem sensacionalista. Mas procuro cumprir o meu papel. Sinto-me bem ao lado dessa gente abandonada. Talvez seja a minha redenção.

- Não entendi - confessei.

- É que no passado eu já estive contra eles. Hoje procuro ficar ao seu lado.

- Como assim? - inquiri-lhe após a frase

enigmática.

- É também outra longa história. Como já lhe falei, fui policial. Comecei como agente e fiz carreira. À medida que eu odiava, prendia e torturava, ia ganhando novos elogios e promoções. Foi-me ensinado odiar os negros, os raquíticos, os maltrapilhos, os sujos, os sem-documento - olhou-me um tanto amargurado e prosseguiu...

- Meu trabalho era contraditório: eu prendia os que se embriagavam com cachaça, mas não importunava os que ficavam bêbados com uísque; detinha os que iam à rua vender seus corpos e festejava os que traziam até suas mansões esses corpos sem rosto, fazendo compras em domicílio; espancava os que furtavam algo para matar a fome e, ao mesmo tempo, ia a jantares nas casas dos que roubavam a classe trabalhadora ou os cofres públicos para comprarem novos iates ou casas de veraneio; coagia os que se drogavam com éter e cola e aplaudia os discursos dos que dopavam a humanidade com o ópio da mentira e da hipocrisia - parou por instantes e coçou a cabeça. - E pensar que fazíamos tudo apoiados na Lei!

- Devia ser terrível esse papel - opinei meio sem jeito.

- Terrível sim, Daniel. Estabeleceu-se uma ordem das coisas em que o homem mais explorador do semelhante, o que tem mais roupas, mais jóias, mais terras é também o mais condecorado. E os policiais são pagos para dar cobertura a seus patrimônios e a suas formas de exploração. Em qual greve de trabalhadores viu-se a polícia fechando fileiras com eles em defesa de seus direitos? Os que contribuem, de fato, integralmente, para os cofres públicos, por não terem como sonegar impostos, acabam sendo deixados em segundo plano - apontou-me ao longe e só depois entendi que se referia ao gari que trabalhava nas imediações.

- Ninguém viu ainda policiamento dentro dos cortiços e favelas, onde está a verdadeira massa trabalhadora, a menos privilegiada, a massa animalizada fisicamente, a das pás e vassouras, picaretas e pinceis. Pior ainda, quem já viu a polícia indo a tais cortiços senão para levar terror e coação? Senão para pilhar casas e constranger os que não conhecem seus direitos - só medos e obrigações. Nessas casas, se os soldados encontram armas, drogas ou cenas de sexo não-autorizadas pela lei, prendem e arrebatam. Mas será que não encontrariam as mesmas coisas nas mansões e palacetes? - põe-se a contar os dedos.

- Muitos falarão em termos de probabilidade - prosseguiu. - Dirão que essas batidas policiais são coerentes; que é mais lógico encontrar irregularidades nas favelas, mesmo que lá também existam famílias decentes.

- Não pode ser verdade, Demutier? - intervi, contagiado pela maquiagem externa da frase.

- Ora! - zangou-se pela primeira vez. - Não há lógica que justifique a injustiça cometida contra um único ser humano.”

Capítulo XI

Nesse ponto, Vanda já se sentia cansada. Não era tarde ainda. O companheiro certamente dormia. Melhor assim. Não queria, pelo menos agora, ver em seu rosto marcas de aflição que também desenterrassem nela outras aflições.

Fechou o diário, deixando-o largado sobre o sofá. Entrou na penumbra do quarto. Aquelas sombras traziam à memória sombras amorfas de seu passado, fragmentos de episódios que se juntavam, como peças misturadas de um quebra-cabeça.

Ela sofria, as têmeoras latejavam, aniquilando suas forças. As sombras agora tinham vida, ganhavam forma humana. Lembrava o aborteiro dos seus pesadelos. Com a máscara de gaze no rosto, ele ainda grunhia de prazer em seus ouvidos, aquele porco imundo, enquanto ela se esvaía em sangue. Certa ânsia de vômito incontrolável veio interromper essas lembranças. Ela ainda conseguiu chegar ao banheiro.

Entre soluços e náuseas, viu-se no espelho, transfigurada, com o rosto adolescente coberto de lágrimas e ronchas, e viu dessa vez, já não o aborteiro, mas aquele outro monstro, barbudo, enfiando a mão inteira em sua vagina, vasculhando-a como se vasculha um cesto de lixo – “O que você fez com os sacos do pó, desgraçada??? Eu vou te partir ao meio para achar esse bagulho”.

Conteve-se para não gritar. A dor estava viva em sua mente. Por instantes lembrou-se do companheiro que estava no quarto ao lado. Fora longo e espinhoso o

caminho percorrido, desde sua infância em Recife até conquistar a relativa paz que hoje desfrutava.

Vinha agora à lembrança a imagem de Renato, seu único amor, o homem que a conduziu ao caminho seguro ou quase seguro após tomá-la, literalmente, como a um amuleto, das mãos de outro protetor.

Via-se no circo, como em sonho, a seu lado, dividindo aplausos, aprendendo a trabalhar e a crer outra vez nos homens. Mas, como sonhos entremeados por pesadelos, ele também se fora, deixando atrás o medo e a dúvida. Não lhe dera explicações, simplesmente sumira, largara-a, como se larga, na rua, o sapato velho que se enjoou de calçar.

No difícil retorno ao presente, a tristeza instalou-se em seu peito. Tomou banho morno e foi se deitar ao lado do companheiro que dormia seu sono estremecido e ruidoso.

Foi uma daquelas longas noites, de letargia em vez de sono, e a consciência de que as horas passam lentas. Os ponteiros dos relógios parecem transportados por preguiçosas tartarugas; os barulhos mais sorrateiros adquirem a intensidade de sirenes assustadoras; o vento uivante nas janelas dá a impressão de que se corre perigo.

Daquelas noites em que bruxas e almas penadas murmuram alto, em sua linguagem incompreensível, e tramam explicitamente contra os intrusos do seu mundo de sombras.

Para ser mais preciso, foi daquelas noites de suor frio, de espinhos e pedras sobre a cama, sensação de calabouço úmido, sem saída, onde a única alternativa é esperar... esperar... esperar...

Vanda e Marte acordaram quase ao mesmo instante e ficaram, por algum tempo, abraçados em silêncio. Os dois portavam olheiras, durante o café da

manhã. Cada qual entregue às suas angústias, a seu ruminar de lembranças.

- Ontem, você me falava dos rostos das pessoas – provocou ela.

- Rostos? - estranhou ele

- Sim. Falava que não conhecia as pessoas que aqui chegavam, só seus rostos, e depois nem mais isso.

- Rostos... - balbuciou o engenheiro, recobrando lentamente a narrativa. - Eles não tinham rostos, mas apenas a expressão de perda. Quase todos tinham deixado para trás os amigos, a família, os afazeres, enfim, o mundo.

Apontou para o diário, como do que acabara de falar.

- Eram legiões de exilados, sofrendo as lembranças de sua terra ou fugindo, propositalmente, desse fio que os prendia à realidade. Com o passar dos tempos, nos olhos começavam a brilhar sonhos de riqueza, logo substituídos pelo brilho da leviandade, da loucura.

Sinalizou para a prateleira que servia de adegas, a ilustrar o que diria agora:

- Passavam a buscar o prazer até a exaustão, nas mulheres e nas bebidas, tomavam-se apostadores de tudo, pois para eles, fortuna e miséria estavam no mesmo baralho. Não lhes interessava folhear as cartas lentamente, nem construir com paciência as trincas e canastras. Tinham que arriscar numa única cartada o sucesso ou a desgraça. Havia pressa em tudo.

Dito isto, Marte encaminhou-se para a janela e a abriu, trazendo aos olhos as imagens da rua, para prosseguir seu relato:

- A pressa era o retrato autêntico do povoado que crescia desordenadamente. Havia esse magnetismo que persiste até hoje. Todas as pessoas, mesmo as que saíam

da Mineradora Floresta, acabavam trabalhando no comércio ou em outras atividades que giravam em torno da mina. Em suma, ficavam por aqui mesmo, presenciando a conquista dos minerais, na mesma expectativa com que vemos nosso melhor amigo conquistar uma mulher bela e difícil.

Vanda serviu-lhe mais chocolate líquido, que ele sorveu em goles pausados, durante a narrativa que se seguiu.

- Foram surgindo os restaurantes, as casas noturnas, os bares, o comércio em geral, as primeiras oficinas de lapidação e as primeiras ourivesarias, tudo em função daquele imenso formigueiro humano. Surgiu, inclusive, um capataz da mina que criou seu promissor negócio clandestino, do qual alguns tinham conhecimento, que se chamava debochadamente de RICAFEZE.

- Ricafeze!? - repetiu Vanda - o que era isso?

- Algo curioso que mostrou como o ser humano é indomável - fez suspense. - Durante o dia, muitos trabalhadores, orientados pelo dito capataz de nome Jerônimo, iam engolindo pequenas gemas e pepitas de ouro encontradas. Passavam imunes pelos postos de revista. À noite, sob o pretexto de ir jogar baralho, dirigiam-se ao barraco mantido pelo tal Jerônimo, afastado dali. Muitos estranhavam nele o fato de morar distante e em local de difícil acesso, e ele se defendia: - “Isso aqui vai crescer, virar cidade. Vai ser um inferno. Só então todos irão me entender e me dar razão”.

- Pois bem - continuou Marte - à noite, em sua casa, dezenas de trabalhadores defecavam sobre peneiras. As fezes eram lavadas e colhidas as pedras que eram vendidas ao próprio Jerônimo.

- Onde está agora o capataz?

- Foi assassinado há poucos anos: por algum

vendedor de fezes, com certeza. Apareceu estrangulado... deduziu-se que foi por questões de pagamento. Como eu estava contando, o progresso começou a aparecer por aqui. Surgiu a igreja, o cinema, novas formas de lazer, o circo - olhou para Vanda. – Pois é, o primeiro circo que apareceu me trouxe essa linda “*partner*” que me encantou.

Ao pronunciar a frase, esboçou leve sorriso para a companheira, mas logo recolheu aquele esboço.

- O resto você sabe, de uma forma ou de outra - disse levantando-se e pegando o capote. Sentia-se traído. Sem querer, ia-se empolgando e dizendo coisas indevidas.

Vanda pressentia algo no ar. O companheiro escondia coisas que, agora, ela desejava ardentemente saber. Tinha pressa, mas saberia esperar o momento certo. Ele explicou que precisaria sair e ela não opôs resistência.

A curiosidade martelava sua cabeça. Ele sabia de coisas que talvez a aliviassem ou a fizessem sentir-se menos culpada com relação aos erros cometidos.

Despediram-se com beijos no rosto. A lembrança do diário de Daniel fez-se presente de novo. Lá estava o caderno verde sobre o sofá, como o deixara na noite passada. O que ali estava escrito tanto poderia lhe dar respostas para perguntas que se fazia, fervilhando de curiosidade. Assim, continuou a leitura.

Capítulo XII

“Demutier continua sendo meu melhor amigo. Hoje, quando eu voltava da aula, ele estava na varanda, como se já me esperasse. Entrei e conversamos um pouco. Limitei-me a relembrar as cenas do sábado e a falar sobre os meus estudos. Como sempre, ele mostrou-se interessado e compreensivo. Não pude me demorar muito devido à aula de inglês da noite, da qual retomei agora.

Quisera eu que minha família estivesse aqui para conhecer meu amigo. Só assim poderia levá-lo a minha casa. Seria a única forma de recompensa. Ele tem sido tão bom, tem-me dado tanta atenção! Eu não sonhava que houvesse no mundo alguém tão especial.

Como poderia imaginar que naquela casa houvesse um amigo sincero à minha espera? Como poderia imaginar que no meio de tanta gente má, tivesse alguém que me compreendesse? Que no meio de tanta gente idiota houvesse alguém inteligente e de palavras tão agradáveis ao ouvido?

E pensar que o simples acaso promoveu nosso encontro. Naquele dia de chuva em que me abriguei em sua casa, não esperava pelo início dessa bonita amizade e dessa admiração que lhe dedico.”

A espera da sua partida traz-me novas sensações de perda. Desespero-me. Demutier não deve ir embora; meu melhor amigo não pode ir embora!”

* * * * *

“Desgraçadamente, é verdade! Hoje entrei em sua casa. No meio da conversa indaguei-o se iria mesmo

viajar.

- Dentro de dez dias - respondeu-me.

Sinto grande aflição. É desesperador sentir que a única corda que nos prende à beira do abismo está ruindo.

Agora, quando tudo parecia bem, entro em contagem regressiva para nova separação. Após meses de solidão, encontrei um amigo, um verdadeiro pai ou irmão mais velho, que me aceita como pessoa humana, aconselha-me, ensina-me a viver e a ver o mundo!

Demutier parece mesmo um anjo da guarda, como falava minha mãe: essas criaturas de luz que chegam inesperadamente em nossa vida e nos mostram caminhos a seguir. Só não ouvi minha mãe dizer que esses anjos da guarda um dia vão embora.”

** * * * **

“Hoje é sábado. Meu amigo parte a essa hora. Não fui visitá-lo porque não teria coragem de lhe dar adeus. Ontem foi a última vez que nos encontramos. Conversamos bastante e ficou mais ou menos clara a dificuldade que teremos de nos vermos novamente. Ele está indo para a Alemanha onde ficará, no mínimo, por três anos. Depois disso não sabe se voltará ao Brasil.

Levado por um ímpeto qualquer, falei-lhe que sua partida me deixava arrasado. Sei que errei. Aliás, errei de várias formas em todo esse episódio: ao entrar na casa de Demutier; ao tê-lo feito meu amigo, ao ter ido àquele passeio.

Paternalmente, ele me disse que não queria me ver arrasado, mas assertivo e focado no futuro; que eu encontraria outros amigos até melhores ao longo de

minha vida. Falei que isso era impossível. Ele me lançou um olhar terno, emoldurado pelo seu silêncio cheio de sabedoria.

Tudo indica que retornarei à monotonia de sempre.

* * * * *

“Novas decepções ao enfrentar esses porcos que se intitulam seres humanos. As coisas aparentavam nova fisionomia enquanto durou minha amizade com Demutier. Talvez por que naqueles dias dei pouca importância às pessoas, não olhei para elas, ignorei suas cretinices.

Agora, tudo volta a ser como antes. Sinto-me novamente nessa Torre de Babel, onde falo meu idioma diferente do das outras pessoas.

As raivas têm-se acumulado. É como se um ser sádico estranhasse minha resistência e quisesse me matar de qualquer jeito. Pela manhã, de dentro do ônibus, avistei Naja, de braços com outro rapaz; eles riam, não se contendo de felicidade, beijavam-se e faziam brincadeiras amorosas. Escondi o rosto para que não me vissem.

Não esperava ver aquela cena, cuja protagonista era a garota que mais amei na vida e cuja perda doeu-me e deixou-me marcado para sempre. O desenlace se deu por imposição de sua mãe, coincidentemente após a decadência econômica do meu pai. Em seguida ela namorara alguém de uma família abastada. Algo assim como se as pessoas fossem berinjelas raras, colocadas na feira, à disposição de quem pague mais caro.

Como se não bastasse, na hora da chegada, madrinha Mundoca me chamou e avisou-me:

- Como vê, a casa sofreu nova arrumação.

Fui conduzindo à despensa, onde ficam guardados

meus objetos de uso pessoal. Ela abriu o armário de mantimentos e eu reconheci logo minhas roupas.

- Aí está - apontou. - Separei essa gaveta para você.

Era um receptáculo onde mal caberiam meus livros. Dentro estavam toda minha roupa, meu par de sapatos, além de vários objetos, num emaranhado infernal, a demandar um exercício de montagem e desmontagem desesperador. Francamente!

Minha madrinha me aceitou em sua casa, mas me impôs tantas regras que me tomou uma máquina! Se quer me submeter a um verdadeiro teste de resistência, por que não me obriga também a morar na gaveta?

Fico refletindo sobre as normas do mundo, sobre as pessoas que insistem, obstinadamente, em transformar a vida num inferno. Aliás, é para aí que o mundo caminha, para o inferno total e pleno. Sou dos que já vivem no tipo de mundo assim, servindo de alvo para a descarga de muitas munições.

Poderia fazer a lista das pessoas que me aborrecem, mas faltaria papel para tanto. Há os que torcem o rosto – e isso eu sempre achei ridículo; outros aceleram ou encurtam os passos para evitar cruzamentos, escondem-se atrás de postes ou placas, fazem percursos mais longos, fingem consultar o relógio por mais tempo que o normal, tudo para não cumprimentar ou simplesmente olhar, como se fossem ratinhos assustados. Há também os que riem como se eu fosse palhaço. Finalmente, tem os que dão muxoxos e aqueles que não contêm o sadismo e falam pilhérias quando passo.

O festival bufo é tão ininterrupto que, se fico um dia sem ver ou ouvir esses tipos de canalhice, chego a estranhar. Não é por masoquismo, mas por simples espanto. Quando se esquecem de agir assim, as pessoas

perdem sua autenticidade e me confundem, pois deixo momentaneamente de notar o quanto são perversas e desumanas.”

** * * * **

“Já em outras horas, elas ultrapassam os limites e, afinal, eu não sou de ferro. As pessoas estão sempre ultrapassando os limites.

Hoje defecaram em frente à porta de meu quarto, como se as cercanias fossem uma latrina. Aonde essa gente pretende chegar?

Falta-me ânimo. A partida de Demutier é uma lacuna dolorosa; a saudade de minha família, o tratamento que recebo na casa de minha madrinha, a falta crônica de dinheiro, tudo são lacunas. A visão de Naja acompanhada de outro esfacelou-me o que restava de amor próprio.

O fato de estudar na mesma classe que a rainha intocável chamada Lomena e o “semideus” arrogante de nome Ronaldo arranca-me qualquer sobra de sensatez. Hoje o “sábio”, vendo-me acabrunhado num canto da sala, aproximou-se com voz cínica.

- Faz algum teste para ator?

Levantei a cabeça de dentro dos braços. Em outra ocasião teria argumentado, mas como às vezes os limites são ultrapassados, escapuliu-me da boca o que eu não gostaria de ter dito.

- O teste é para palhaço. E não dá para concorrer com você!

Ele arregalou os olhos com a malícia habitual.

- Não me enganei. É mesmo um grande ator - e retirou-se com sua risada de hiena grávida.

* * * * *

“Os rádios continuam tocando, às vezes, perto de meu quarto, canções melancólicas que me doem ouvir. Ninguém seria capaz de me entender, mesmo que eu dissesse que estou vivendo os piores dias de minha vida.

Com a partida de meus pais pensei que, junto com o tempo, fosse desaparecendo a sensação de perda. Entretanto, ocorreu o inverso. Cheguei aos limites do desajuste.

Até aqui percebo que não enlouqueci, mas já posso entender como se criou gente igual a Nero, Hitler e outros. Eu já fui gente, antes de me tornar alvo para a descarga de munições sádicas.

Minhas vozes interiores voltam a falar. A que se identifica como voz da razão me diz:

- Você vive muito isolado, em corpo e espírito. Isso não é bom. Não há mundo possível apenas com você de habitante. Há outras pessoas. É com elas que você precisa conviver.

- Eu já fiz de tudo – diz a voz da emoção. – As pessoas são muito estranhas.

- Ora, deixe o mundo seguir sua trajetória. Cada pessoa é diferente das outras, no fundo, todos são vítimas de alguma circunstância familiar, cultural, religiosa. É só não pensar no que elas têm de diferente em relação a você. Eu o ajudo a parar de pensar – sugere o cérebro.

- Por favor, não me proponha o impossível. Deixe que eu pense sozinho. Nessa manhã fria de domingo, necessito pensar – finaliza o coração.

Madrinha Mundoca saiu com toda a família. Passarão o dia na granja de sempre. Fiquei por aqui. Ela

deixou-me alimentos para o almoço. Fechado entre paredes, espreito as frestas e vejo a rua deserta. Tenho a impressão de que uma bomba nuclear devastou a terra, e só ficaram alguns geradores de barulho ligados.

Ainda há pouco o rádio da vizinha tocava uma música triste. Agora escuto outra canção melancólica. Parece que não há cantigas alegres. Todas falam de dor e abandono. Que triste sina humana! As paredes duras e frias não se mexem, não falam nada para me ajudar ou me esclarecer.

Esse ambiente serve de palco para essa peça trágica, em que contraceno com lembranças muito além dessa cidade e espero que a gota d'água transborde no copo.”

* * * * *

Capítulo XIII

“No último sonho que tive, eu estava trancado em uma jaula, gritando com os olhos vermelhos de fúria. Homens, vestidos de branco, passavam e diziam: ‘Deem um choque elétrico nesse doido!’

Nas ruas do bairro, as grades dos portões sempre me lembram uma grande prisão. Nelas se fracionam rostos sisudos como de prisioneiros, babando raiva contra quem circula pelo corredor da cadeia, lançando-lhe improperios com olhar de ódio. Ou serei eu quem está atrás das grades, contemplado por eles, que se refestelam na sala de recepção do presídio?

Vem-me a lembrança outro sonho que tive nos primeiros dias da separação: toda nossa família estava reunida em torno da mesa, num choro sofrido, comendo nosso animal de estimação.

Vêm-me ainda as imagens de meu pai, de minha mãe e de meus irmãos - todos eles passam voando, como se fossem de fumaça. Logo em seguida tomam a aparecer, como figuras deformadas.

Busco justificativas: haverá sentido nessa coisa? É enorme a falta que me fazem. Mas é algo irreversível, que eu tenho de aceitar. Já a perda de Demutier é como se fosse um inaceitável abuso da vida comigo.

Depois da partida daquele meu amigo, o caminho da escola ficou desértico. Falta-me até o ar no trajeto. As pessoas deixam marcas indeléveis nos ambientes por onde passam ou até mesmo no ar que respiram.

Sinto-me como náufrago. Queria agarrar alguma coisa que me desse alento, e esse alento vem da lembrança de suas palavras: “Leia, meu filho, e leia

muito, não se contente com o que seus professores lhe ensinam. Não se contente mesmo, pois a escola prepara o homem para os empregos, enquanto que os livros o preparam para a vida”.

Em seguida, ainda o ouço falar: “Daniel, os livros têm esse dom de transformar as pessoas. Os livros sérios, pelo menos. Foi lendo que me conscientizei de meu egoísmo. Descobri que era preciso ajudar o próximo, fazer algo pelos semelhantes. Notei que da vida nada se levava, mas podia-se deixar muita coisa. O fato triste é que muitos nada levam e nada deixam.”

As palavras se evaporam e me põem em dúvida: ele me falou essas frases antes ou está agora conversando à distância comigo? Sinto uma desconfortável confusão mental. Isso tudo está acontecendo, ou será sonho?

Como estarão meus familiares? Será que foram mesmo embora? Eu sonho com frequência e por vezes tenho tido dificuldade de separar sonho de realidade, já que os personagens são os mesmos, com as mesmas atitudes.

A única novidade no enredo aconteceu ontem. Eu estava voltando da escola, quando ouvi a pancada de corpos à minha frente. Uma bicicleta em disparada acabara de atropelar na contramão alguém que atravessava a rua. Aproximei-me, enquanto o infrator fugia.

A vítima tratava-se da colega de sala chamada Lomena, ou algo do gênero. Estava desacordada e sangrava nos braços e no rosto. Sinalizei para que algum carro parasse. Curiosamente o terceiro veículo estacionou e prestou ajuda.

Segui com ela até o pronto-socorro, dei as informações do que vi e aguardei no hospital que recobrasse os sentidos. Sua família logo apareceu, após

avisada pela unidade médica. Ela me chamou e, com olhar de curativo, balbuciou:

- Muito obrigada, Daniel... pelo que fez... por mim – curiosamente sabia meu nome, embora nunca tenha me dirigido nenhum gesto, além de muxoxos. – Você foi... um anjo... em meu caminho.

- Não fiz nada além do que devia. O importante é que está tudo bem – simplifiquei.

Ao fim, sua família me deu carona até a casa de minha madrinha e também me cobriu de agradecimentos.

Não pude deixar de achar curioso o episódio. Uma pessoa que sabia até meu nome, tratava-me antes como se eu não existisse ou fosse um ser inanimado. E só se dirigiu a mim com decência quando lhe foi conveniente.

A conveniência é a grande moeda de troca do cinismo. Pessoas que parecem animais selvagens no saguão dos aeroportos ou nos edifícios, solidarizam-se, apoiam-se, ajudam-se como irmãos queridos, quando ocorre de um avião cair ou de um prédio incendiar. Somente quando as vítimas se reconhecem vítimas, identificam-se entre si.

Na escola, ela, Lomena, passou a me lançar meio sorriso mudo na primeira vez do dia que cruza meu caminho. Nas outras vezes, usa a estratégia do ratinho assustado. Em sua escala de deferências deve ser o máximo que mereço. Eu retribuo com um sorriso também amarelo.

** * * * **

“Parece incrível, mas Ronaldo, meu colega “sábio” tem demonstrado como nunca grande necessidade de descarregar seu lixo sobre mim. Quase todos os dias agora ele se aproxima. À distância já

percebo o brilho de malícia irradiando dos seus olhos.

Hoje chegou perto de minha carteira. Também usando a tática do gabiru assustado, eu abri rapidamente o caderno, mas tenho certeza de que ele percebeu meu gesto. É ilusório pensar que ninguém percebe essas coisas teatrais.

- O que está fazendo? - perguntou-me.

Virei o rosto surpreso. Não sei por que, ele me causa medo, embora finja enfrentá-lo. Toda reação hostil é expressão de medo e insegurança. Sinto medo, principalmente quando ele ostenta aquele sorriso malicioso, quase irreal - o sorriso da Mona Lisa. Ou seja, quase sempre.

- Estou dando olhando nas matérias

- Ah! Muito bem! Você tem estudado muito ultimamente.

Percebi a malícia de sua afirmação. Como podia dizer aquilo se era a primeira vez que me via com o caderno aberto? Mas, ele me causa medo - estranho e misterioso medo. Senti necessidade de me justificar.

- Eu vadiiei um pouco nos testes passados. Até me envergonho de contar.

- Ora! Nunca se envergonhe do seu passado, pois ele foi presente – disse petulante e me olhou cauteloso como se espreitasse algo. - Acaso, envergonha-se do seu presente?

A pergunta teve um tom agressivo. Analisei por algum tempo os motivos de sua constante procura por mim. Certamente ninguém aturava escutá-lo, por isso ele me descarregava suas frases célebres, frases ensaiadas que ele, de certo, desejaria ardentemente fossem ouvidas por alguém.

Ele queria ganhar o diploma de pensador, de gênio, e procurava todos os meios de obter esse diploma.

Portava-se como brilhante repentista de frases pernósticas e arrasadoras. Estava ali a meu lado, sereno, esperando meu pronunciamento.

- Não vejo em que isto possa lhe interessar - respondi secamente.

Ele mostrou novamente suas aptidões como repentista.

- Mudando de assunto - é assim que começam suas frases mais cretinas - quando o doente conversa com o psiquiatra, é do interesse do primeiro dar todas as informações necessárias.

Tive vontade de comentar que os loucos têm sempre o psiquiatra incluído em seus assuntos. Não adiantaria, pois ele teria outra frase pernóstica em seu repertório. Fiquei em dúvida entre lhe dar um soco ou contrariá-lo, fingindo não ter entendido sua ofensa. Optei pela segunda alternativa.

- Concordo com você e, ainda mais, o trabalho dos psiquiatras tem sido de grande importância para o desenvolvimento e o progresso do País.

Senti-me sem graça ao pronunciar aquelas palavras estúpidas. Ele se retirou, sem falar nada, como se resmungasse em pensamento: “É um idiota de primeira categoria!”

** * * * **

“Sei exatamente que hoje faz duzentos e cinco dias desse meu exílio. Nenhum prisioneiro precisa de calendário. Cada pedaço da grade da cela representa os dias, meses e anos de sua sentença.

Agora é uma parada tarde de sexta-feira. Estou chegando da escola. Perdi o dinheiro do ônibus e precisei vir a pé. Seis quilômetros de distância. Na

caminhada vim olhando as ruas. Percebi há uma farmácia em cada esquina. Talvez os seres de hoje já nasçam doentes, completamente doentes - do corpo e da alma.

No meio de tudo isso, ainda há pessoas que erguem a voz para falar: “Haverá um dia em que a Terra será o paraíso do amor, todas as nações se unirão, os homens sorrirão e se abraçarão à toa”. Para mim, isso tem cara de anedota. A verdade mostra que o mundo caminha visivelmente para a desgraça e a autodestruição.

As pessoas têm esquecido sua natureza humana e têm-se atirado cegamente às regras desse antijogo, dessa brincadeira de se tratarem mutuamente como cavalos.

É claro que a Humanidade caminha para o desencontro. Mais à frente, nenhum líder ou regime político conseguirá apaziguar os homens e reuni-lo sob a aliança de objetivos comuns. Será o mundo dos loucos e revoltados. A culpa é dessa cega corrida individualista que não leva a lugar nenhum. Cada qual só pensa em si e, quando se sente com força bastante, ambiciona impor aos demais seu modelo exclusivo. Ter uma nação inteira sob trabalho escravo, custeando-lhe as mordomias e caprichos, é o desejo de muitos.

Há verdadeiras indústrias de loucos. Quando as pessoas são massacradas, elas enlouquecem; quando amam e perdem os entes amados, mais que enlouquecem; quando passam o ano inteiro, trabalhando feito abelhas, também enlouquecem; quando são obrigadas a viver distantes das suas famílias, não têm como não enlouquecer.

Transformam-se todos em robôs sem nenhum sentimento. Robôs desnorteados. Robôs que vão se matando, vão-se massacrando, vão conversando com os outros somente o indispensável, vão respirando a fumaça liberada por eles mesmos, vão agindo sem refletir.

E há ainda os robôs solitários que passam por momentos de depressão e revolta; que sentem saudades; que não têm amigos, e que de vez em quando choram por não suportar, sobre os seus ombros metálicos, o peso da sua realidade; robôs que vão ao centro de treinamento por conveniência e justificativa pela energia e peças de reposição que recebem; robôs que andam desesperados pelas ruas, batendo a lata em outros robôs e lutando contar as marcas de ferrugem.

* * * * *

“É mais uma noite de sábado. Falta luz elétrica na rua, e as pessoas passam como espectros envolvidos no manto escuro. Um automóvel aparece na esquina e seus faróis alcançam figuras, banhando-as de tom dourado. São pessoas elegantes, bem vestidas.

Nenhuma delas deve abrir sequer um livro, ir a exposições de arte ou algo que signifique cultura. Mas sabem se enfeitar com pedras e ouro retirados do solo pelas mãos pobres de garimpeiros.

Daqui a algum tempo, estarei ao lado desses escavadores, trabalhando debaixo do chão e encontrando as pedras raras que irão enfeitar os pescoços e braços dessas beldades. Não entrarei na universidade, pois não tenho condições nem vontade de prosseguir como estou por mais quatro ou cinco anos.

Recordo ligeiramente os traços do rosto dos meus entes queridos. Vem de repente a lembrança vaga da frase encontrada em um papel amassado: “A separação é um forte referencial para medirmos a profundidade dos nossos sentimentos”, frase que bem retrata minha experiência nesses longos meses.

Enquanto os outros vão à festa, eu fico entregue aos pensamentos que absorvem meu dia. Resta-me a impressão consoladora de que alguém muito distante pensa em mim. A nossa família era feliz; o dinheiro a separou e arremessou para longe, em estilhaços incommunicáveis entre si.

De novo lembro aqueles nossos últimos dias. Todos nos abraçávamos, como se tivéssemos a certeza de não nos encontrarmos outra vez, de não morarmos novamente sob o mesmo teto, de não comermos da mesma refeição, sentados à mesma mesa, de não dizermos as velhas anedotas, sorrindo em conjunto, de não conversarmos na varanda após o jantar. Fui eu quem ficou mais perto de nossos pais, muito embora, cerca de trezentos quilômetros ainda nos separem.

O ano letivo, não tarda a findar. Desejaria ver outra vez meus velhos queridos. Não sei de qual modo poderia fazer essa viagem. Talvez economizando o dinheiro do ônibus, voltando da aula todos os dias a pé.”

* * * * *



Capítulo XIV

“Estou chegando a meu quarto. É quase madrugada e estou bêbado. Ia andando sem destino, passei pela frente de um bar, quando um homem barbudo e solitário me chamou.

- Ei amigo! Não me deixe beber sozinho! Vamos aproveitar a noite, pois da vida nada se leva.

Não conhecia o homem, mas fui atraído pelo carisma de suas palavras. Elas me tocaram com uma dose de nostalgia. Alguém acabava de me chamar de amigo. Aquelas palavras me fizeram lembrar Demutier. Elas exerceram uma curiosa atração sobre mim e estão até agora fazendo eco em meus ouvidos.

“Da vida nada se leva”. Então, por que as pessoas se entregam tão desesperadamente à cata de dinheiro, de poder, de posições de comando?

“Da vida nada se leva”. Então, por que tanta indiferença no relacionamento irmão a irmão? Por que as pessoas se matam e se massacram como bichos?

Aquele senhor, com certeza, era diferente dessas alimárias que vejo perambulando pelas ruas. Não me conhecia e mesmo assim me convidou para lhe fazer companhia.

Pensando bem, não seria preciso nos conhecermos; apenas nossos passos não se cruzaram antes pelas ruas. Apenas não sabíamos o nome um do outro. Apenas nunca tínhamos conversado. Mas éramos seres humanos, ditos racionais.

Aproximei-me. Ele mostrava sinais de embriaguez. Estendeu-me a mão, cumprimentando-me com simpatia.

- Sente-se e vá bebendo. Essa noite você será meu

amigo. Não é preciso perguntar meu nome. Também não perguntarei o seu. Não é necessário. Na vida todos somos irmãos.

- Você deve estar bebendo há muito tempo - olheio, buscando alguma reação de sua parte, mas ele me fitava com os olhos mortos e parados nas órbitas. - Já deve ter gasto bastante.

Ele deu uma gargalhada incomum, para depois reassumir sua expressão de seriedade.

- Sim! Tenho gasto todo o dinheiro, mas o que me importa? No próximo mês sento de novo à escrivania, rabisco novos papéis, levo-os aos chefes para lhes colher as preciosas assinaturas e outra vez ganho dinheiro para gastá-lo novamente. Que valor tem o dinheiro? Se ele é o que existe de mais importante para os outros, não o é para mim; se muitos se escravizam por ele, eu o uso como escravo.

Fez breve pausa; entornou o copo de cachaça e deu continuidade ao seu discurso:

- Dinheiro é como água! - apontou para a cachaça, como se a considerasse água - e, muitas vezes, procurando uma gota d'água, você pode passar despercebido pela beira de um lago - voltou a gargalhar de modo estridente.

Ao acabar de dizer isso, ele já pegava nas mãos outro copo cheio. E eu, levado por um gesto quase automático, dei o último trago da primeira dose que tomara a curtos goles, enquanto ouvia seu palavreado colorido e franco, como o são os palavreados de todos os ébrios.

Sem dúvida, ele poderia ser muito agradável - pena que estivesse bêbado! Cheguei a propor a quebra do pacto inicial de mistério, mas, não sei se pelos efeitos do álcool ele insistiu em não me dizer quem era, como se

chamava ou onde residia.

- O ser humano tem tanto a falar, que a vida é curta para toda a mensagem. Por isso, certas coisas, que não nos conduzem a nada, devem ser omitidas das nossas conversas, para dar lugar a fatos de real interesse - olhou-me direto e prosseguiu...

- De que adiantará para você saber meu nome? Os nomes não representam nada – afirmou convicto. - Foram distintivos postos por nossos pais que pediram opinião aos amigos, e estes, por sua vez, consultaram almanaques. Nossos nomes vêm de almanaques. Dessa mesma maneira dão-se os nomes aos animais: aos burros, às vacas, aos coelhos, e isso não representa nada para eles.

Olhou em volta, como a buscar aprovação de sua plateia imaginária.

- Os nomes são apenas sinais para que tenhamos, indiretamente, as marcas que em outros animais são feitas à brasa. São marcas feitas com letras, mas que têm o objetivo único de nos distinguir um do outro.

Continuou em forma de discurso, como se pretendesse falar a noite inteira.

- No meio da discriminação não é necessário que as pessoas de idéias superiores se prendam a insignificâncias. Pois esses imporão suas figuras por onde passarem, e não será preciso que deixem escritos seus nomes. Você já ouviu falar de artistas que não assinaram as suas obras?

Não esperou pela minha resposta e seguiu em frente:

- Eles impuseram tanto e tanto os seus estilos e ideologias, que alguém foi capaz de descobri-los, mesmo na omissão de assinatura - parou aí para tomar, de um só gole, o novo copo de cachaça. - É isso, meu caro, o tempo

é pouco e nós devemos usá-lo. Precisamos falar. Você por exemplo, fale alguma coisa.

Aquele segundo copo era o reflexo da minha desgraça. A imagem de minha mãe começava a se formar em minha retina, de maneira acentuada e sólida. Eu nunca bebera antes porque me faltava dinheiro, nunca desabafara porque até ali ninguém, fora Demutier, mostrara-se desejoso de me ouvir.

Comecei falando de minha mãe e, de repente, percebi que meu companheiro de mesa não me fitava mais. Estava com a cabeça entre as mãos. Parei. Em instantes ele, como que despertando de um pesado transe; levantou a cabeça.

- Ela não podia ter feito aquilo - assustei-me, a princípio, imaginando que a citação se referisse a minha mãe. - Eu dei tudo àquela mulher e ela acabou me trocando por um artista de circo, um vagabundo que estará sempre de partida e nunca lhe dará o lar feliz nem a vida decente que eu tentei lhe dar. Ela era tão linda. Tinha os cabelos tão louros que me encantaram desde a primeira vez. Eu tentei tirá-la da vida que levava. E consegui, para outro tomá-la de mim.”

* * * * *

Nesse ponto do diário, Vanda teve um sobressalto. Aquela notícia do passado viria de uma das pessoas que ela destruíra? Não poderia ser! As coincidências têm limites. E afinal, muitos bêbados têm essa história comum. Apesar desse consolo provisório, mais intrigada ainda, continuou a leitura.

* * * * *

“Percebi que se tratava de uma mulher - esposa ou amante - que o abandonara. Sempre as amantes! Sempre o sexo! Sempre o dinheiro! Os motivos de toda destruição.

Devia ser essa a causa da bebedeira daquele meu amigo. Sua ferida estava aberta; a dor, recente, pelo menos em sua lembrança. Não entendi a partir dali o que ele queria dizer e a qual ponto desejava chegar. Balbuciava um arrazoado de palavras soltas, às vezes ininteligíveis, lamentava a perda da companheira, da qual eu nada sabia, choramingava feito criança.

Ainda me encheu outro copo - o terceiro - e eu só tive tempo de dar o primeiro gole. Nesse momento, ele tombou para trás em queda surda, junto com a cadeira; corri para acudi-lo e vi que seria em vão tentar acordá-lo.

Ali estava eu diante de alguém que não conhecia. Entretanto, algum elo parecia me prender a ele. Tinha que o socorrer, ali eu era seu único amigo. “Você será o meu amigo essa noite”, dissera-me ele ao me fazer o convite inicial. E amigo não abandona o outro assim nas horas mais críticas.

Retirei o estofado da cadeira e apoiei nele sua cabeça, olhei para os cantos: as mesas estavam vazias. Divisei apenas o corpo branco do garçom que, à distância, observava-nos impassível, sem esboçar o menor gesto de preocupação.

Que acontecesse qualquer coisa! Ele não se incomodaria. Estava ali somente para receber a conta... Espere! Isso não teria sido uma cilada? Aquele homem teria dinheiro para pagar a conta ou me teria convidado a lhe fazer companhia para se eximir desse compromisso?

Experimentei um momento de desespero, li mentalmente meu nome em manchetes de jornais: “BEBEU A NOITE INTEIRA E NÃO QUIS PAGAR A

DÍVIDA”, “MENOR EMBRIAGADO DISSE QUE NÃO TINHA DINHEIRO”. Seria o maior escândalo para madrinha Mundoca. Ela na certa me expulsaria de sua casa. Vi-me em situação embaraçosa.

Agora o garçom estava parado, distante, com o olhar vidrado em meus movimentos. Ele só queria receber o dinheiro! Eu, minha madrinha e aquele bêbado caído que nos danássemos todos! A vida era o dinheiro e só isso lhe interessava! O dinheiro é a alavanca do mundo!

Eu tinha que achar uma saída. Não havia explicação para dar, mas, também não poderia ficar todo o resto da noite, esperando que o meu amigo acordasse. Veio-me solução: revistei seus bolsos e encontrei um pacote de cédulas que pagaria vinte despesas como a nossa.

Coloquei o dinheiro de volta no mesmo bolso. Olhei para o garçom e tentei adivinhar o que ele pensava a meu respeito; fiz-lhe sinal, pedindo sua aproximação. Ele veio e parou a dois metros do corpo bêbado e adormecido.

- Deixe-o dormir à vontade. Agora ele está bêbado. Mas é um grande homem: bom e importante para a humanidade. Por favor, respeite seu sono indefeso.

Eu, certamente, empolgara-me com as palavras grandiloqüentes do meu amigo; por isso devo ter falado aquelas coisas.

O garçom continuou estático. O que ele queria era receber o dinheiro, não lhe interessava se aquele homem dormia ou se estava morto, se era inteligente ou se sua vida era importante para alguém. Ele queria receber o dinheiro e estava ali para isso. Eu encenei o movimento de saída e ele falou decisivo.

- Meu camarada, mas, e a...

- Não se preocupe - fui eu quem o atalhou - ele tem

dinheiro suficiente para pagar a conta. Eu olhei em seus bolsos.

Dito isto, ele me encarou com olhar frio e inquiridor. Desconfiava - estava na cara - de que eu roubara o pobre coitado que permanecia espichado no chão, alheio a tudo quanto se passava, alheio à discussão em torno de seu dinheiro.

Retirei-me do ambiente e tomei o caminho de volta a casa. Vim mastigando ligeiro ressentimento, uma leve sensação de culpa. Talvez não devesse ter abandonado, aos caprichos da noite, aquele pobre amigo.

Estou em meu quarto. Daqui há algumas horas o dia amanhecerá e eu não consegui ainda dormir. Os efeitos do álcool começam a se intensificar. As imagens são turvas. Eu não devia ter me embriagado. Jamais devia ter feito isso.

Tudo gira desordenadamente, os objetos cheiram a irrealidade e sonho. Tudo é suave. Ouço o silvo distante do apito do vigia da rua - um silvo longo que parece ter vida, que parece fazer dupla com o corpo do apitador rondando sozinho no meio da noite.”

* * * * *

“O sol está alto. Acordei quando o carro do leite já buzina à porta do quarto. Abri a fechadura e, meio tonto de sono, fui guardando a rede de dormir. A pequena multidão de todos os dias aglomerava-se do lado de fora:

*‘- Um litro para mim! - Duas garrafas!’,
bradavam as mulheres com as mãos estendidas. ‘- Rápido, dona Mundoca, a criança ficou em casa chorando de fome!’”.*

Minha madrinha não queria saber daquilo. Pouco lhe importava se alguma criança chorava ou morria, o

que ela queria era receber o dinheiro. Quem pagava tinha o direito de levar o leite. Era o Pega-lá-dá-cá. O importante era apenas dinheiro. Fome ou choro de criança, nada disso importava.

Saí meio sem graça, limpando a remela dos olhos. Cuspi no chão a saliva amarga. Madrinha não me encarou nem me fez perguntas do tipo “Que cara é essa?”

Tomei café, com grande mal-estar. Sinto como se os miolos estivessem soltos dentro da cabeça. Uma vontade louca de beber água.

Agora, crianças passam na rua lateral. O barulho de seus velocípedes vem até meus ouvidos e eu recordo minha infância. Lembro que também tive um velocípede. Ele era todo azul, marca Bandeirante, presente de meu pai, por volta dos meus cinco anos.

“Quando eu ficar grande, papai, vou ser bem rico e comprarei, para o senhor, o maior e mais bonito carro que existir!” Essa frase, dita na infância, ainda está guardada dentro de mim, e tem-se feito mais viva nesses últimos tempos. Em minha lembrança, meu pai ainda sorri afetuosamente ao ouvi-la. Qual seria a reação de meu velho se me ouvisse hoje pronunciar as mesmas palavras?

Os meninos continuam pedalando e emitindo, com a boca, sons de buzinas.

Continua doendo, latejando minha cabeça. Lembro-me da bebedeira, de meu amigo caído ao chão, inconsciente do mundo e das próprias aflições. De onde teria vindo aquela figura estranha? Quem seria aquele homem que, sem me conhecer, fizera-se meu amigo? Quem seria a mulher responsável por sua destruição?

Ele teria acordado? Teria saído daquela posição humilhante? Teria pago a despesa? O garçom o teria explorado? Tenho minhas dúvidas, afinal, não é todo dia que se pode tirar dinheiro fácil de alguém e deve-se estar

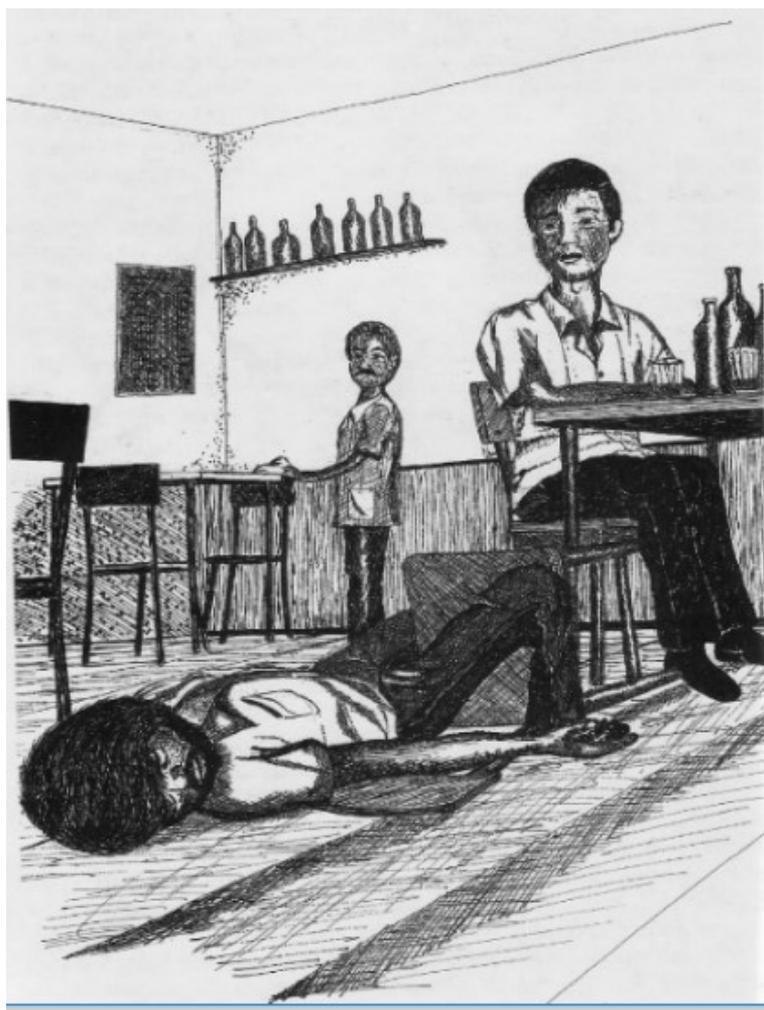
sempre atento a essas raras oportunidades. O dinheiro é tudo! Um bom negócio não pode ser desprezado!

Eu fui mau. Não poderia tê-lo deixado sozinho, deveria ter esperado mais tempo. Ele era meu amigo; interessou-se por meus problemas e se dispôs a me escutar. Se não estivesse bêbado, talvez não se opusesse a passar a noite inteira ouvindo-me.

Ele não se parecia com Demutier, mesmo assim, gostaria de ouvir os dois conversando sobre a vida; gostaria de nos ver, os três, reunidos.

O sol a pino cai sobre a cidade, nessa manhã quente e abafada.”

* * * * *



Capítulo XV

“Os meus agressores têm buscado formas originais de me agredir. Já não bastam a indiferença e o isolamento, já não bastam as risadas que soltam à minha passagem, elas aperfeiçoam seus métodos. Querem que eu saia do seu espaço, como se minha presença contaminasse a paisagem e apodrecesse o ar que respiram.

Hoje colocaram, à porta de meu quarto um preservativo usado. Peguei a vassoura, e o arremessei com raiva para a rua.

A semana passada outro defecou no mesmo local. Qual será o objetivo desses sádicos? A Terra está cheia desse tipo de gente. Contento-me em saber que existe quase uma bomba mortífera para cada ser humano.

Só uma guerra mundial poderia limpar essa podridão. Se houvesse geração seguinte, é provável que nascessem pessoas menos perversas. Seria impossível nascer gente ainda mais diabólica.”

* * * * *

“Recebi carta de minha mãe. A principio não quis acreditar, mas o carteiro me estendia a mão, e eu enxergava no campo do remetente seu nome escrito em sua letra.

Abri o envelope e me deparei com a doce caligrafia amiga. Parecia-me estar vendo seu corpo à minha frente; as palavras pareciam ditas de viva voz. Coitada! Suas frases eram cheias de erros. Mas naquele

momento amei sua letra malfeita e suas falhas de português.

* * * * *

“Meu filho, Deus ti abençoe. Istô iscrevendo esta para le dizer que tenho resado muito pur você e tenho sintido muitas saudade di você. Aqui é muito difícil a gente butar carta no coreio, mas eu fiz um isfoço e fui na cidade qui fica daqui a duas légua. Meu filho, gostaria que você vinhesse para aqui nas festas di ano bom qui eu e seu pai ficaria contente. Eu aproveitei as oras vaga e fiz uma roupinha para você. Ela é muito bunita e falta dá a prova. Sem mais aceite um abraço da sua mãe Inácia.”

* * * * *

Por que deveria me envergonhar de dizer que chorei? “Ela é muito bunita e falta dá a prova...”. Fiquei ruminando essas palavras. Certamente trata-se de uma roupinha humilde. Para comprá-la, com certeza, fez pesadas economias, sacrificando sua alimentação.

Minha pobre mãe! Como eu gostaria de lhe ajudar ou de pelo menos lhe dizer para não se sacrificar ainda mais por mim. O que lhe falta em conhecimentos, sobralhe em desvelo e dedicação. Pareço estar vendo suas mãos carinhosas, tirando-me do pé um espinho, naqueles nossos dias de despedida, dizendo-me: ‘não tome a pisar em espinhos, meu filho’.

O que diria ela se me visse agora, vivendo essa vida? Aquele foi apenas um dos muitos conselhos que me deu. Acontece, porém, que eles, os espinhos, estão sempre por onde andam meus pés, mãe.”

* * * * *

“Faltam apenas poucos dias para o fim das aulas. Curiosamente, um dia desses, Genilta, a menina mais feia da escola, pediu-me emprestada a borracha, eu cedi; no retorno do lanche, ofereceu-me uma bala, eu aceitei. Passou a me cumprimentar e puxar assunto.

Parece um clima de balanço geral, esses que as lojas fazem para se livrar dos produtos encalhados. Algumas pessoas resolvem consertar as merdas que fizeram, livrar-se do lixo que produziram, ao fim da temporada.

O mais incrível foi ela reclamar que eu nunca a cumprimentei. Esse argumento é escroto. Determinada garota o ignora, menospreza, vira a cara por meses a fio, não responde aos seus primeiros cumprimentos, até você encher o saco e tratá-la do mesmo jeito. E aí, num belo dia, quando lhe é conveniente, ela resolve bancar a simpática, a boazinha, e põe a culpa em você pela frieza do relacionamento.

Nesse ano não haverá cursos especiais de férias como no inverno passado. Falei com madrinha e ela se dispôs a me ceder dinheiro para viajar até onde estão meus pais.

- Você acerta o caminho? - foi o que me perguntou.

- Acho que sim – assegurei

Minha expectativa tem sido intensa. Não sei como ficarei nessa última semana de provas. Vou fazer revisão geral das matérias. A cada minuto que passa, sinto-me mais perto do que mais desejo. Talvez, por isso, tudo ficou mais bonito.

Até mesmo Ronaldo não me tem aborrecido esses dias, aliás, há vários dias. E quando diz alguma pilhéria, não ligo importância. Lembro apenas que, dias atrás, ele se aproximou de mim.

- Você... - nunca me trata pelo nome, como se isso o inferiorizasse.

- Eu o que? - perguntei-lhe.

- Costuma ler o jornalzinho aqui da escola?

- Às vezes - respondi-lhe. - Por quê?

- Não sei se faço bem em antecipar, mas é que escrevi um artigo que será publicado - olhou em volta e respirou profundamente, como se no ar estivesse contido o que escrevera. - O artigo é bem profundo - continuou. - Não sei se os mediócrs entenderão o que quis dizer.

Não suportei a sua petulância e desabafei

- É incrível como os verdadeiros mediócrs, geralmente, julgam-se sábios.

Ele me observou com a malícia de sempre - era a própria Mona Lisa que estava ali reencarnada.

- Mudando de assunto - é esse o início de suas frases mais cínicas - qual foi o último livro que você leu?

Não era possível! Ele insinuava que aquelas palavras não eram minhas. De fato, elas não saíram de repente; eu as houvera imaginado havia dias. Eram fruto de minha imaginação. Guardara-as para a primeira oportunidade, mas sentia-me ridículo por tê-las pronunciado. Ele continuava de pé, aguardando minha resposta.

- Vá às favas! - foi o brado colérico que brotou de dentro de mim, filtrado pelos dentes.

Ele saiu sem falar nada, e isso me irritou mais do que qualquer palavrão. Há momentos em que o silêncio dói tanto quanto um punhal aguçado. Tenho certeza de que, no íntimo, ele pensava: “Não há condições de

dialogar com ignorantes. Quando não têm respostas, sua saída é a brutalidade.”

Isso não quer dizer que ele tenha ficado magoado. Mágoa é sentimento rasteiro, e um espírito superior como ele não se coloca em tal nível. Sentir mágoas é característico da plebe espiritual. Ao contrário, ele até tem parecido alegre, não sei se pela aproximação das férias ou pela convicção cada vez mais forte que tem de sua sabedoria.

Ouçó o som de uma antiga música romântica. O violão vai cadenciando o baixo, como se triturasse as dores do poeta. Há nisso muito de mim, muito de minha mãe. ‘Gostaria que você vinhesse...’, são as palavras que me acompanham Como a amo! Como amo seus erros de ortografia porque neles há pureza! ‘Tenho sentido muitas saudade di você...’

* * * * *

“Genilta, a menina mais feia da escola, apareceu ontem com outra novidade.

- Quero lhe apresentar meu amigo Moisés – foi o que falou.

Fato curioso. Moisés é nosso colega de sala, não haveria razão para ser apresentado. Ao ser humano parece sempre antinatural dirigir-se a alguém e lhe dizer:

- ‘Oi, colega X, eu sou o colega Y e gostaria de conversar com você para nos conhecermos e nos entendermos’.

Por que se deixar apresentar por uma terceira pessoa? Por que ele adiou por tanto tempo a aproximação? Por que preferiu se juntar aos que me ignoravam? Talvez tivesse receio de que eu mordesse ou

portasse alguma doença de contágio imediato.

Talvez Genilta tenha lhe jurado que não sou uma fera, que meus dentes caninos são curtos, que minhas garras são aparadas e polidas, que não tenho nenhum cheiro desagradável.

Isso certamente o encorajou a se aproximar de mim, usando-a como anteparo, como aqueles cavaleiros antigos que tinham seus escudeiros, com a função de protegê-los contra o temido inimigo, caso caíssem, ou até de atacar o adversário covardemente, pelas laterais, a depender do grau de fidalguia de ambos, senhor e servo.

No caso de Moisés, é nítido que seu interesse deriva de necessidades. Ele é um sujeito que mente compulsivamente, e todo bom mentiroso necessita de plateia para ouvir suas lorotas. A maioria da sala já o cadastrou na lista negra e o tem evitado.

Quando ele se aproxima de qualquer grupo e começa a fazer seu novo relato, percebo que o grupo se dissipa. Isso deve incomodá-lo. Por isso pediu ajuda de Genilta para reformar sua clientela.

Conheci vários mentirosos e sei que essa prática é viciante. É uma necessidade de fuga da realidade. Há pessoas que buscam as drogas, o álcool, o fanatismo religioso; outros encontram na arte da mentira a forma mais inofensiva e divertida de recriar sua realidade incômoda.

Mesmo quando o mentiroso é desmascarado, ele assume seu último reduto de fuga que é mentir para si mesmo. Finge desconhecer que foi desacreditado por todos. E nessa automentira encontra amparo no interlocutor mais dócil: ele mesmo.

Como lorota de estreia, ele contou-me de seu tio que naufragou na região amazônica e passou dez dias zanzando pela mata, até ser resgatado por uma tribo

indígena. Antes disso escapou por milagre ao cruzar com um leão. No momento em que se preparava para a luta corporal com a fera, uma castanheira, possivelmente roída pelos cupins, desabou sobre o bicho, matando-o e salvando o homem da morte.

- Eu não sabia que na Amazônia havia leões – comentei.

- Tem de tudo que é fera: leão, tigre, onça, urso preto – garantiu-me seguramente Moisés. – Meu tio viu na tribo que o acolheu peles de todos esses animais.

“Recebi os resultados dos testes, obtive a média requerida em cada disciplina. Poderei viajar. Hoje fui à missa, conduzido por certo impulso mecânico. Pelo mesmo ímpeto, pedi a Deus que protegesse a mim e a minha família. Foi a primeira vez que me senti perto de Deus.

Senti-me no céu, rodeado de pessoas também santas. Depois assumi a consciência dos fatos. Fazia dó que aquelas pessoas, santas durante todo o tempo que passavam ali naqueles bancos, saíssem da igreja, em seguida, para cometer toda espécie de brutalidade.

Ouvi deliciosas músicas sacras que cortavam o ar da igreja, vindas de um piano bem afinado e misteriosamente escondido dos olhares. Ali era o céu; aquele homem sentado no altar, que falava em voz calma e pausada, era Jesus, indiferente ao que os homens lhe preparavam. Recriminava com doçura a violência:

- Não se deve matar nem mesmo a pequena formiga que passa - aconselhava ele, bondoso e sereno - pois ela também veio cumprir uma missão dentro de seus

limites animais.

Ao retomar, folheei o jornal na casa de madrinha Mundoca. Deparei-me com a página policial. Eram assassinatos e as maiores barbaridades: “PAI MATOU FILHO POR QUESTÃO DE DÍVIDA”, “ESTUDANTE DEFLOROU IRMÃ MENOR”. Era a velha cantiga! Sempre o sexo! Sempre o dinheiro a causa de todo o flagelo! Outras notícias havia: “CABELEIRA DE AÇO ESFAQUEOU COLEGA”.

E os conselhos de “Jesus” ainda se mantinham vivos em minha lembrança: “- Não se deve matar nem mesmo a pequena formiga...”. O jornal era o retrato da perversidade e estupidez humanas. – “ASSALTANTE DISPARA CONTRA TRANSEUNTE À QUEIMA ROUPA...”

Viajarei amanhã à tarde. Hoje arrumei algumas peças de roupa. Madrinha não se aproximou de mim uma vez sequer nem me disse uma palavra. Para ela, talvez não faça diferença se viajarei; se ficarei distante dez dias, cinqüenta dias, ou se não voltarei nunca mais. Só lhe interessa ter a consciência limpa e, para isso, bastou me dar o dinheiro para a viagem. No mais, é só me manter vivo, dando-me os alimentos necessários para a sobrevivência do meu corpo.”

* * * * *

Vanda parou aí. Acabara de identificar o barulho do carro do companheiro que retornava. Marte devia estar cansado e faminto. Era dia de folga da empregada. Precisava esquentar algo para almoçarem.

O diário de Daniel ficou sobre a estante. Estava ansiosa para ler a passagem em que ele, provavelmente,

encontraria os pais. Pais que ela não tivera. Pais, essa palavra forte e dolorosa. O homem que emprestara o esperma para sua criação, ela nunca conhecera; e sua mãe a deixara órfã aos doze anos, estrangulada que fora por um de seus fregueses de prostituição.

Capítulo XVI

Almoçaram em clima de apreensão. Marte mal a encarava.

- Está muito preocupado ainda? - interessou-se Vanda.

- Tenho pensado em tudo. Por ter informações que as outras pessoas não têm, acabo-me afligindo mais.

- Refere-se também ao Jerônimo? - indagou misteriosamente a mulher.

- Jerônimo!? - sentiu-se ele flagrado pela boa memória da companheira.

- Sim. Falávamos dele esta manhã. Aquele capataz que comprava as fezes dos garimpeiros.

- Percebo no que está curiosa - entregou os pontos o velho. - Você sabe que eu sei que Jerônimo não foi assassinado por nenhum de seus clientes. Pois bem, é verdade o que pensa: a Mineradora mandou matá-lo e redobrou a vigilância sobre os garimpeiros durante o trabalho. Não só durante o trabalho, mas também à noite.

À essa altura, a respiração do velho Marte tornou-se, inexplicavelmente, mais ofegante:

- As luzes passaram a ser apagadas e um clima funesto passou a dominar o ambiente, junto com a crença generalizada de que a Serra do Ronco era lugar mal-assombrado e perigoso para se andar no escuro: havia riscos fatais de se cair nos poços e crateras abertos no chão. Além disso, colocaram-se guardas de prontidão às portas dos depósitos, prontos a fuzilarem os possíveis sonâmbulos que por ali perambulassem, evitando assim que estes se assombrassem ou caíssem, por descuido, dentro de algum poço profundo. Mesmo assim, não

puderam evitar que ocorressem algumas mortes noturnas espontâneas, uns eletrocutados, outros dinamitados, outros, ainda, tombados em abismos enormes.

- Houve participação sua no assassinato do capataz? - indagou Vanda, à queima-roupa.

- Você desconfia de mim?

- Só lhe fiz uma pergunta...

- A resposta não faria diferença ante a centena de pessoas que acabaram de morrer - justificou-se ele.

- Esse é outro caso - argumentou a jovem - Nesse eu sei que você não teve culpa.

Marte acendeu um cigarro e prosseguiu.

- Ouça, Vanda, a questão dessa morte coletiva é mais grave do que a morte daquele capataz. Como engenheiro-chefe, eu sabia todos os riscos que se corriam aqui - sentenciou Marte - e protelei, também por orientação da mineradora, os investimentos que precisavam ser feitos para eliminar tais riscos.

- Que tipo de risco?

- Ora, essa é uma região acidentada. Os laudos técnicos apontam para uma fissura subterrânea de baixa profundidade. Nada de monstruoso, mas extensa o bastante para engolir três serras como essa. Todos estavam cansados de saber que aqui era uma área de tensões geológicas. Uma falha nas camadas rochosas em profundidade de mil a mil e quinhentos metros. Sabe o que quer dizer isso?

Vanda apenas balançou a cabeça negativamente, alheia aos termos técnicos da questão.

- Trata-se de raro capricho da natureza, não bastasse o terreno ser poroso e solto. A superfície não oferece total garantia. A lavra mineral aqui, para propiciar o mínimo de segurança, deveria ser feita a céu aberto, com quadratura ampla e algum tipo de escoramento. Após certa

profundidade, a lavra subterrânea só poderia haver mediante o lajeamento compacto de túneis e galerias.

- Você nunca falou isso aos diretores?

- É claro que falei; tentei convencê-los da gravidade da situação. Óbvio que eu não lhes dizia qualquer novidade. Eles sabiam de tudo; até o homem mais simples sabia dos perigos daqui. Não foi à toa que o lugar ganhou, desde muito tempo, o nome de Serra do Ronco. De tempos em tempos, ouviam-se barulhos, aqueles barulhos imensos, surdos e distantes no meio da noite.

- Eu lembro desses barulhos - acrescentou Vanda. Sempre foram misteriosos, assustadores.

- Pior ainda, são o sinal mais vivo de que o perigo nos ronda mesmo aqui no povoado. A natureza é assim mesmo: dá pequenos avisos para depois se precipitar de vez. É como a doença e a morte que deixa sempre as pessoas incrédulas, estupefatas, como se não tivessem sido avisadas. Os primeiros desses avisos foram rachaduras nas paredes de cinco casas e do paiol de explosivos da Mineradora. Alguém deu o alarme: “A terra vai desabar”. Doutor Moura Lins ficou irado com o comentário: “Isso é conversa mole” - foi o que disse. – “Não posso perder tempo com boatos”. Mas as rachaduras continuaram em ritmo crescente, atingindo novas construções. Foram instaladas simultaneamente duas comissões técnicas de investigação: uma, da parte da Mineradora; outra, da parte do Governo, ambas com o mesmo propósito teatral.

- Em que deu o trabalho dessas comissões? - provocou Vanda.

- Em bonitos e luxuosos relatórios arquivados, como quase tudo nesse País. O Governo chegou a recomendar a execução das obras de engenharia necessárias. A Mineradora Floresta acatou oficialmente a

recomendação, prometeu realizar o que o órgão oficial solicitava. Mas, de nenhum dos lados havia prazos.

- Sim, eu conheço essa cantilena - completou a esposa.

- É, mas a natureza não tem cantilenas. E o próximo passo foram rachaduras surgidas no chão, nas ruas. Passaram tratores e terraplanaram o solo, acreditando, com isso, que resolveriam o problema, que ludibriariam as entranhas da terra.

- E os trabalhadores? - bisbilhotou ela.

- Vários deles estavam assustados. Chegaram a ameaçar paralisação, ao que o doutor Moura Lins esbravejou: “O que eles querem é ficar à toa, achar motivos para receber salário sem trabalhar. Pois bem, quem parar será demitido!”

- Houve paralisação?

- De modo algum! Não passou de tentativa. Não havia organização. Era tudo uma balbúrdia. Os principais líderes estavam, como estão até hoje, mais preocupados com a emancipação da Serra do Ronco do que com qualquer outra coisa. A elevação do povoado à condição de cidade significaria câmara de vereadores, prefeitura, repartições oficiais. Isto sim lhes interessava. Seus futuros e os dos seus parentes estariam garantidos. Não pretendiam ser garimpeiros a vida toda. Aquilo era trabalho duro, coisa para quem não nasceu com os dons de falar em público e de iludir - ele deu um gole amargurado.

- Continue - encorajou Vanda.

- Pois é, falando ainda do pessoal, a maioria continuava indiferente ao perigo. Os roncões noturnos registravam-se cada vez mais freqüentemente. Muitos levavam isso na brincadeira. Galhofavam dos estrondos surdos, dizendo tratar-se de peidos de um velho chamado Malaquias - roçou uma mão contra a outra em atitude de

descrença. - Aqui é mesmo o país dos humoristas; as coisas mais graves são motivo de riso. Há um programa de humor por dia, falando de coisas reais, nada engraçadas. As pessoas preferem gargalhar com a própria desgraça a tomar providências necessárias. Vivem sorrindo, sofrem sorrindo, morrem sorrindo, são exploradas sorrindo.

- Sim, mas e... - atalhou a parceira.

- Como dizia, os roncões tomaram-se mais fortes e freqüentes - bocejou Marte. - As rachaduras apareciam nos lugares mais diferentes; eram atribuídas às chuvas que caíam à época sobre a região. Passavam tratores e abriam valas laterais para o “escoamento da água”. Chegou a aparecer aqui uma equipe de reportagem da televisão, interessada em noticiar os perigos anunciados. Foi, no entanto, convencida a apresentar sim as riquezas da Serra, o processo de tratamento e os recursos que os minerais geravam para a população local - nesse momento, o velho apontou para o próprio peito. - Eu mesmo fui o escolhido para acompanhar a equipe de reportagem, levá-la aonde interessava, falar-lhe o que convinha e esconder os perigos.

- E então? - quis saber a companheira.

- Pela ótica da Mineradora, e talvez até da emissora de televisão, devo ter me saído bem. Mas eu sofria. Por mais que, no âmbito da Mineradora, travasse grandes batalhas com o Doutor Moura Lins, para o público externo e as equipes de técnicos e operários eu mostrava que estava tudo bem. Ao sairmos do escritório do Diretor, eu e os outros estávamos preparados para a encenação. “Quem fizer alarde será demitido!”, ameaçava-nos a todos. Eu oscilava entre a defesa do ótimo salário e da minha consciência; da ética profissional jurada em minha formatura, há muitos anos atrás, ainda no auge da juventude e dos conselhos do meu pai que se mantinham

vivos em minha memória. Finalmente apareci, distorcendo verdades, diante das câmeras de televisão, arranjando desculpas para o meu medo.

- Você apareceu na tela? - perguntou Vanda com leve riso.

- Sim, no melhor estilo de garoto-propaganda. Aliás, a propaganda convencia a todos, menos à Serra. Assim, nem bem a equipe de reportagem partiu, ocorreu o primeiro acidente fatal. Durante uma explosão de barreira, dois jovens foram soterrados e eu tive de explicar, em público, que eles não haviam seguido corretamente as instruções técnicas. Nova comissão de investigação foi instaurada, e novos soterramentos com vítimas ocorreram. O capataz Alexandre, chamado a depor perante tal comissão, assegurou que o morto se achava embriagado e insistira em permanecer numa área já desativada. Segundo ele, não houvera, na verdade, deslizamento de terra, mas descarga de entulho de uma galeria superior. Mais outro deslizamento presenciado pelo mesmo capataz, e ele forneceu à perícia todos os detalhes do fato, ressaltando: “Isso não quer dizer que outros venham a acontecer.” - Marte bocejou novamente e prosseguiu...

- Os fatos continuaram a ocorrer e eu resolvi tentar, pela última vez, vencer o Doutor Moura Lins. Levei-lhe o projeto detalhado de sustentação das galerias e túneis. Óbvio que tal projeto custaria muito. Mostrei-lhe, expliquei-lhe, tentei convencê-lo com todas as minhas forças, mas ele se manteve relutante.

‘- Doutor, é preciso agir enquanto não acontece um mal maior. Está tudo desabando e não vai parar por aí. Há oito anos esta serra vem sendo esburacada, dinamitada. Esses roncós e deslizamentos não são bons indícios’, avisei.

'- Ora, Doutor Marte, o senhor sabe melhor do que eu que esses roncões sempre existiram, são naturais do lugar.' disse-me ele.

'- São naturais até certo ponto. A natureza já foi muito violentada e não tarda a se vingar.' - argumentei.

'- Tudo bem' - rebateu-me ele – *'então improvise uma maneira segura e econômica, que realizaremos o seu projeto. Esse aparato de concreto armado, que o senhor quer instalar, elevaria os custos a mil, tornando praticamente inviável a exploração. Teríamos que fechar a mina'* - encarou-me. *'- Já pensou quantos ficariam desempregados, inclusive o senhor? A ruína em que transformaríamos toda essa região?'*

'- A natureza às vezes é caprichosa' - tentei ainda convencê-lo – *'não aceita economias ou improvisações. Há forças que precisam ser anuladas, sob pena de sairmos derrotados.'*

Ante o seu silêncio enigmático, joguei minha derradeira cartada:

'- Doutor Moura Lins, acredite que não estou preocupado com eles; raramente tenho descido às galerias. É no senhor, na empresa, em mim mesmo que estou pensando. Quando acontecer algo de grandes proporções aqui, vai sobrar encrenca inimagináveis para todos nós.'

'- Ponha a cabeça no lugar, Doutor Marte. Não vamos arrancar o ouro do chão para depois enterrá-lo no mesmo local', foram as últimas coisas que me disse. Retirei-me, pronto a tomar uma decisão, e acabei não fazendo nada.

* * * * *

Dito isto, Marte bocejou outra vez.

- Está cansado?

- Estou - foi só o que respondeu.

Ela ficou por instantes em misterioso silêncio, ruminando suspeitas.

- Marte, você não tem mesmo nada a ver com a morte de Jerônimo, não é?

- Digamos que eu tratei diretamente, a mando da Mineradora, com o pistoleiro que realizou o trabalho. Eu queria manter meu emprego a qualquer custo. Sabe, Vanda, a vida não me foi fácil. Meu pai foi abastado, mas acabou perdendo quase tudo. Desde cedo ele me ensinou que o mundo era uma grande competição, onde só brilhariam os mais fortes; que deveria dar tudo de mim para vencer a batalha; que não deveria poupar ninguém nem me sensibilizar com lágrimas quando estivesse no topo. Ele me dizia ainda para não confiar em ninguém. Chegava a me pregar peças, a me trair, a me enganar, a descumprir seus tratos comigo, para que eu assimilasse bem as lições. Eu sinto que o lado bom e romântico herdado de minha mãe precisou ser sucumbido para que habitasse a fera que vinha do meu pai.

Depois de breve reflexão, Vanda o encarou.

- Há mais algo grave que você tenha cometido?

- Isso já não basta? Para mim, foram erros imperdoáveis que eu vou carregar sempre comigo.

- Sabe, foi bom você ter me confiado esses segredos. Nós nos precisamos mutuamente. Eu também quero lhe contar coisas que você não sabe... e que me sufocam até hoje - sentenciou com expressão sofrida.

- Quero ouvi-la. No entanto, prefiro que seja depois. O sono dessa noite não foi repousante. Sinto-me exausto.

- Então durma um pouco, querido - concordou.
- Tem lido o diário que lhe dei? - perguntou ele antes de se recolher ao quarto.
- Estou quase terminando.
- E o que acha dele?
- Tenho encontrado respostas confortadoras. Saber que não somos o único preso de um cárcere, parece nos dar algum alento.

Marte retirou-se pensativo apesar do cansaço. Vanda desfez rápido a mesa do almoço, com a expectativa voltada para o caderno de capa verde.

Minutos após, deitada outra vez no sofá da sala, reabria o diário de Daniel e mergulhava em sua leitura.



Capítulo XVII

Era uma tarde cinzenta, ameaçando chover. quando tomei o velho estradão que conduzia até nossa antiga fazenda. O ônibus me deixou no canto da rodovia, de onde avistei o “Umbuzeiro Verde” - assim chamam a imponente árvore de uma colina que sempre apresentou o curioso fenômeno de não secar as folhas, mesmo nas secas mais intensas.

Os mais supersticiosos atribuíam poderes mágicos àquela árvore; outros faziam promessas e garantiam, de viva voz, ter escapado de males incuráveis. Todos se prostravam de joelhos diante de seu tronco. Por isso era comum verem-se fitas coloridas penduradas em seus galhos.

Isso faz muitos anos. Talvez os homens tenham desacreditado em seus milagres. Lembro ainda hoje das muitas estórias que giravam em torno do Umbuzeiro Verde.

Contava a lenda que um assaltante saqueara uma imagem de ouro, de uma igreja distante, e caminhara léguas em busca de comprador. Porém, sentindo-se perseguido pela polícia, cavara um buraco na raiz daquela árvore e ali escondera a imagem.

Dali em diante, nunca mais o umbuzeiro perderia sua cor verde. Outros homens diziam ter visto a Virgem Santa, “em carne e osso”, sentada à sombra da majestosa copa.

Tomei o caminho do Umbuzeiro Verde, pois sabia que de lá a poucos metros ficaria a “encruzilhada”, o encontro de cinco braços de estrada. Um deles me levaria à casa de meus pais. Foi fácil achar a encruzilhada, mas,

lá chegando, fiquei confuso. Havia três porteiras e eu não lembrava qual delas seria a do caminho correto.

De repente veio-me algo importante à memória, e saí farejando-as, uma a uma. Na última havia obscuramente pintado em letras miúdas: “Ao passar, feche a cancela”. Era o distintivo! Por ali eu deveria seguir.

Empurrei com as mãos a velha grade de madeira e ouvi o mesmo rangido de sempre. Aquele som trouxe, em fração de segundos, vivas recordações dos tempos de menino. Eu não passava por aquele lugar fazia cinco anos, porém, aquele barulho choramingado ficara guardado em meus ouvidos.

Botei os pés na trilha. Embora ameaçasse chover, o chão era seco e esturricado, uma fina nuvem de poeira ia ficando para trás. Caminhei perto de meia hora.

A estrada se mostrava abandonada. Gramíneas e arbustos rasteiros começavam a invadir seu leito. Estava tudo diferente das cenas que eu gravara da última vez. Surgiram veredas que, por instantes, deram-me a sensação de estar perdido.

Prossegui na caminhada e não tive mais dúvidas quando surgiu à minha frente o Riacho dos Porcos, o pequeno córrego que, nos dias de enchente, constituía minha piscina natural.

Após a próxima curva, avistei o velho casarão da fazenda. Ali ficara parte dos meus sonhos infantis. Naquelas varandas sombrias se juntava toda a nossa família nas festas juninas: um grupo jogava “sueca” no baralho, e outro conversava enquanto comia pamonhas feitas por minha mãe.

Agora já não havia sinais de alegria, de união, de vida. Era uma casa monótona como outra qualquer. Morava nela outra família, a quem meu pai vendera a

fazenda. Nossa casa deveria estar perto, alguém haveria de me informar.

- É logo ali - apontou-me um dos criados do novo proprietário. - É naquele telhado lá embaixo. Siga aquele passadiço, que irá no rumo certo.

E lá estava eu tomando o caminho que me levaria a meus pais, o coração batendo descompassado. Não sei dizer ao certo o que se passava comigo: o desejo de vê-los foi-se misturando a outra sensação estranha, como se eu nunca quisesse chegar. E a casinha de barro foi-se tomando maior em tamanho e mistério.

Atravessei roçados de milhos feios, com palhas murchas. Certamente, aquilo já pertencia a meu pai. A miséria tem o dom de se refletir em tudo. Finalmente, vi-me no terreiro da casa. Detive-me como se tivesse medo de entrar. Uma portinhola sem jeito foi-se abrindo e, de dentro, saiu uma mulher de cabelos brancos e despenteados. Era minha mãe.

Por bons momentos fiquei estático, não sei bem se por certa dose de decepção. Nunca a vira daquela forma. Trajava um vestido pobre e nodado. Ao me reconhecer quis dar um sorriso, mas desistiu, preferindo esperar pelo meu. Eu continuava sério e ela aproximou-se sem tocar meu corpo, como se eu fosse um deus.

- Que bom que tu veio, meu filho.

Essas palavras, ditas numa voz cansada, trituraram-me, desfizeram meu silêncio. Senti alguma coisa se mexer dentro de mim, muito forte. Experimentei uma repentina euforia interna ver aquela parte de mim chamada mãe. Peguei seu rosto entre as mãos e dei-lhe um prolongado beijo.

- Que bom vê-la de novo, mãe! - abracei-a com instinto protetor.

Trocamos calorosos afetos.

- Onde está o pai agora?

- Ele foi buscá uma carga d'água, mas logo tá de volta. Se adivinhasse que ia chovê, nem precisava de ir tão longe. Era só apará nas biqueira.

Fez-se pausa, olhei ao redor para ter certeza de que tudo aquilo era real.

- Tu recebeu a minha carta, filho? - perguntou-me só por perguntar. Talvez quisesse apenas ouvir minha voz.

Nova pausa. Um homem veio se aproximando ao longe.

- É o pai que vem vindo acolá?

- Não, meu filho, num é - esclareceu-me. - Vamo entrá? - foi ela quem sugeriu.

Esperou-me à porta, deixando-me passar primeiro, com honrarias de visitante ilustre. No interior do casebre só havia três cômodos minúsculos: sala, cozinha e quarto. O banheiro, com certeza, era no mato. Sentei-me no banco desconjuntado que ela me indicou.

- Tá com fome, meu filho? - indagou-me com o mesmo desvelo de sempre - Tem feijão qui sobrou do armoço. É só requentá.

- Não é preciso, mãe. Eu almocei bem, antes de sair de casa.

- Como vai sua madrinha?

- Vai bem.

- Ela é boazinha, num é?

-É.

- Todos le tratam bem?

- Todos - tranqüilizei-a.

Era noite e chovia torrencialmente quando meu pai chegou. Entrou em casa todo molhado, com o barril às costas. Ao me ver, parou duro no meio da sala, como se olhasse um fantasma. Em seguida, desfez-se do barril e me cumprimentou com a mão ainda molhada.

- *Como vai, meu filho?*
- *Tudo bem, pai - retribuí-lhe o sorriso e lembrei-me de satisfazer o que sempre representou seu máximo prazer. - A sua benção, pai - beijei-lhe o dorso da mão.*
- *Deus le abençoe - respondeu-me cheio de felicidade.*
- *Por que tu demorou tanto, Argeu? - quis saber minha mãe.*
- *Dotô Roberval quiria conversá cumigo.*
- *O qui ele quiria, home di Deus?*
- *Qué mi dá uns pedaço di terra pra eu cultivá de sociedade com ele.*
- *Quem é esse Doutor Roberval? - entremeei a conversa.*
- *É o home qui mi comprou a fazenda.*
- *E o que quer dizer “cultivar de sociedade”? - fiquei curioso.*
- *Ele mi cede um pedaço da terra dele - explicou-me – eu limpo o mato, faço a plantação, cuido das planta, colho o produto e divido cum ele a colheita.*
- *Mas isso não é vantagem para o senhor - opinei desconfiado.*
- *O qui si pode fazer, filho!? Ele tem a terra e eu só tenho o trabalho. Só a produção desse nosso terreno num dá prá nós.*

Dito isso, reergueu o barril e caminhou para a cozinha. Acompanhei-o e apenas observei seus movimentos, sem, no entanto, mover ação. Ele encheu uma jarrinha de barro e voltou para o terreiro. Ao vê-lo sair debaixo da chuva, resolvi acompanhá-lo, mas, na saída da casa, ele tentou me deter.

- Deixe qui eu levo sozinho, filho. São pesados os barril e, ainda por cima, tá chovendo.

Ele achava indigno, para mim, fazer aquele tipo de

trabalho, molhar-me naquela chuva.

- Pare com isso, pai. Eu faço questão de ajudá-lo. E juntos descarregamos os barris, enchemos as jarras e guardamos a cangalha do burro.”

** * * * **

“No jantar comemos feijão com farinha de mandioca, batata doce, e tomamos um fraco café preparado por minha mãe. Eles comiam felizes a pobre refeição e eu, sem dúvida, completava sua felicidade. Eles também eram tudo o que eu poderia desejar naquele instante. Fizeram-me perguntas. Quiseram saber a respeito de meus estudos.

- Tenho me saído otimamente. Os professores falam que sou o melhor aluno da classe - menti-lhes, em homenagem ao colega Moisés.

À luz do candeeiro, notei-lhes, nos rostos, a expressão brejeira de orgulho. Eu também me sentia feliz por estar naquela casa, porque eles me entendiam e me amavam.

- Pur onde andarão os outro? - Minha mãe fez uma pergunta ao ar, e eu respondi por ele.

- Deus deve estar do lado de todos - falei assim por ter ouvido tantas vezes o nome de Deus ser pronunciado pela sua boca. Ela calou-se como que satisfeita com a resposta.

- Você sabe do paradeiro di Maurício? - interrogou-me, e eu também senti uma traiçoeira saudade a me rasgar o peito. Aquele nome não era apenas um nome, era o distintivo de um ser iluminado que sempre estivera a meu lado. Por onde ele andaria naquela noite escura e chuvosa?

- *Ele nunca escreveu para mim, mas tenho certeza de que está bem*

Ela calou outra vez, como se minhas palavras fossem mágicas. Nossa conversa rompeu horas, clareada pelos pavios, cadenciada pelo respingar da chuva.

- *Quando desconfiei qui ia chover, já tinha inchido os barril - explicou meu pai - se não, era só butá as jarra nas biqueira e isperá inchê.*

Fomos dormir, devia ser umas dez horas da noite, muito tarde para os hábitos locais.

Acordamos cedo da manhã. Meu pai caminhou em direção aos fundos da casa e só então percebi que, num abrigo de palha, havia uma cabra magricela, cortejada por dois borregos franzinos.

- *Todo dia tiro leite dessa danadinha - falou meu pai, colocando os arreios nas coxas do pequeno animal - mas é tão pouquinho qui só dá pru café da manhã.*

De cócoras, ordenhou a cabra, tirou bem um litro de leite que passou às mãos de minha mãe.

- *Inácia, prepare um pirão daqueles qui só você sabe fazê. Ela sorriu com o elogio, um sorriso quase penoso.*

No café da manhã tivemos essa comida curiosa: mistura de farinha de mandioca mais leite e sal de cozinha. Eles chamam de “pirão de pinto”. Eu provei e gostei. Era algo novo, descoberta da minha mãe, nova cultura forjada na privação de quase tudo. Tomamos também café e comemos batata doce.

Capítulo XVIII

“Quando surgiu o sol, meu pai e eu saímos pelos roçados. Ele mostrou-me as poucas plantações de feijão, mandioca, batata doce e milho.

- Deu uma peste de largata e o milho atrufiô – justificava-me. - O feijão também num tá bom. Só o que tá verdinho é o maxixe. Olhe qui beleza! - arrancou um e me exibiu.

Depois me levou ao açude do tal Doutor, distante dois quilômetros da nossa tapera. Tanto insisti que me deixou ajudá-lo a juntar a água nos barris e a pô-los sobre o animal. A todos os novatos que encontrava, parava e dizia...

- Tá vendo esse rapaizão forte e bunito? Pois é o meu filho.

Isso, era evidente, dava-lhe prazer e orgulho. Nesse primeiro dia meu pai não trabalhou na roça, ficou manhã e tarde inteiras a meu lado. À noite, quando nos reunimos novamente em torno da mesa, toquei no assunto e me dispus a auxiliá-lo na lida. Ele desconversou e na manhã seguinte saiu com os instrumentos agrícolas sobre os ombros, recusando minha proposta de ajuda.

Nos diálogos seguintes, meu pai sempre mudou o rumo da conversa quando lhe falei de ajuda. Concordou apenas que ficasse as manhãs em sua companhia, falando amenidades enquanto o via trabalhar. Minhas tardes eu dedicava à minha mãe, que aceitava pequenos auxílios em suas tarefas do lar.

Pouco a pouco, eu e meu pai fomos nos tornando mais íntimos e, no quarto dia, acabou consentindo em me dar a enxada. Trabalhei o dia inteiro a seu lado. Fiz calos

nas mãos, molhei o corpo de suor e de alegria ao seu lado. Tive a sensação impagável de trabalhar por prazer.

Nesse dia, minha mãe apareceu por lá. Vinha com um chapéu à cabeça. O cabelo despenteado caía de um lado e do outro. Era a figura mais gostosa de se ver! Trocou algumas palavras comigo, enquanto enchia o cesto de maxixes.

- Num pensa ainda em casamento, num é, meu filho?

- Claro que não, mãe - até estranhei a sua pergunta. - A senhora esquece a minha idade?

- Tome cuidado com as moça, principalmente com as mais bela - alertou-me. - Lembre-se qui as cobra mais bunita são sempre as mais venenosa.

Deu-me outros conselhos e eu não me cansei de ouvi-la. Estava linda, doce, agradável. No almoço tivemos cozido de maxixes, que meu pai chamou de maxixada; comemos feijão com farinha, pedaços de batata doce, e tomamos suco de limão.

Fizemos a sesta, sentados ao chão frio da sala. Minha mãe, que, a princípio, lavava os pratos numa panela com água encardida, começou a bater pregos numa lata velha.

Minutos após, estávamos outra vez no roçado, labutando a terra, revolvendo as raízes daninhas. Todos os dias trabalhei junto ao meu pai, e nunca me senti tão recompensado. Nossas conversas foram reveladoras, embora algumas vezes ganhassem um ar triste. Certa vez minha mãe me indagou em casa.

- Tu teve saudade di nós, meu filho?

- Muita saudade, mãe; perdi noites de sono, chorei de vez em quando. Um dia desses cheguei a beber - disse isso e, mais uma vez, retratou-se, em minha imaginação, a figura bêbada e caída no solo daquele meu amigo sem

nome.

Minha mãe fez gesto de reprovação, com a boca e a testa, contudo, manteve-se calada por instantes. Isso me doeu muito e eu prometi para mim mesmo não repetir tal descontrole, nunca lhe dar essa tristeza, independentemente de que viesse a saber ou não.

- Nós também sentimos muito a sua falta, filho - disse a voz triste.

- É questão de tempo, mãe. No futuro breve moraremos juntos numa casa bonita, para que não haja mais saudade. Eu juro que os tirarei daqui - vendo seu olhar de descrença complementei com uma certeza incomum. - Acredite em mim.

Os dias que se seguiram foram de absoluta paz. Minha mãe se mostrava cada vez mais carinhosa comigo. Outro dia ela fez suspense...

- Tenho surpresa pro almoço, Daniel.

Quando estávamos à mesa, ela apareceu, trazendo pedaços de carne torrada e bem cheirosa.

- Veja qui beleza di preá! - elogiou, apontando no prato para dois pequenos animais.

- Onde os conseguiu, mãe?

- Eu armei um forje na clareira qui ixiste ali pur trás - apontou para os fundos da casa.

Durante o tempo que passei naquele casebre de barro, fui a alegria dos dois. Notava que iam dormir mais tarde que de costume para ficar conversando comigo. Vez por outra, minha mãe fazia uma comidinha especial para nós. À noite, às vezes, tínhamos coalhada, feita com o pouco leite de cabra - para isso, tomávamos puro o café da manhã. Dessa maneira, no jantar, cada um podia saborear uma pequena concha da iguaria.

Numa das conversas próximas de meu retorno, deixei-me trair pela ansiedade. Minha mãe que, por

natureza, foi sempre intuitiva, notou em mim algo errado.

- Filho, mesmo nas hora mais difícil, bote a cabeça no lugar, e muito cuidado para num fazer besteira. Sua vida é muito valiosa para mim e seu pai, mesmo qui a gente passe a vida toda separado.

Compreendi o significado de suas palavras.

- Fique tranqüila, mãe. Por pior que seja a vida, as razões para viver e para fazer as coisas certas são sempre maiores. Além do mais, minha vida tem sido boa - menti-lhe para tranquilizá-la, ao estilo do meu colega Moisés, mas não sei se a convenci, afinal, foi tão intensa a maneira como me olhou...

Fiquei quase um mês com eles. No dia da minha partida, meu pai fez novo passeio comigo, apresentando-me aos transeuntes que eu ainda não conhecera. Queria mostrar para todo o mundo que eu era seu filho. À tarde, minha mãe me entregou dois tabletes brancos.

- Esses queijo de coalho, você leva pra sua madrinha. Diga a ela qui fui eu qui fiz.

- Está bem, mãe - tranqüilizei-a.

Senti uma enorme piedade daquela criatura que, pretendendo ser agradável, sacrificava-se, tirava os alimentos da própria boca.

- Está bem, mãe - respondi-lhe mais uma vez, diante de algo incompreensível que ela falou enquanto eu estava absorto em meus pensamentos.

Mais tarde ajudou-me a arrumar a sacola, guardando as roupas que ela lavara e engomara incluindo, entre elas, a vestimenta que me dera de presente - um conjunto de calça e blusa feitos de tecido pobre.

Cada peça que ela colocava dentro da sacola era mais uma gota que caía no lago de meus vazios emocionais. Pus-me a refletir, olhando aquelas paredes.

O que seria o tempo? Há poucos dias chegava ali e agora estava de partida.

Dali a alguns minutos já não teria sequer a visão daqueles dedos enrugados que dobravam minhas camisas. O que seria o tempo? Alguém dirá: “É o produto do trabalho dos relógios e calendários” e eu replicarei: “Não será apenas um piscar de olhos?”

No momento da despedida, o céu estava cinzento, da mesma cor que estivera no dia de minha chegada. Cairia um toró d'água. A natureza parecia querer unir as duas pontas de minha passagem por aquele lugar.

Trocamos palavras carinhosas, ao mesmo tempo que desenganadas. Meu pai estendeu a mão com algumas notas de dinheiro. Tão pouco, coitado, mas que certamente lhe faria tanta falta! E eu só aceitei porque minha recusa seria um choque para ele. Minha mãe, que sempre fora minha conselheira, perguntou-me numa frase quase sem possibilidade de resposta:

- Pur que tu tem qui ir imbora, filho?

- É a vida, mãe. A vida é de separações. Todos nós fomos embora, uns dos outros. Tive aquele grande amigo de que lhe falei e ele também foi embora - ela manteve-se cabisbaixa. - É a vida. Quando menos se espera e deseja, parte alguém querido.

Pensei dizer-lhe que para mim eles também estavam partindo, mas optei por me calar. Ela permaneceu muda e meu pai repetiu-lhe o gesto. Em silêncio coletivo, beijei demoradamente o rosto de cada um, pedi-lhes a bênção e saí.

Andei desolado algumas dezenas de metros e resolvi olhar para trás: estavam na mesma posição, acompanhando meus passos. Acenei-lhes mais um beijo e eles me imitaram. Tive ainda desejos de voltar para abraça-los, mas lhes dei novamente as costas e prossegui.

Pouco mais adiante, olhei outra vez para trás. O mato tomara toda visão. Fiz outras tentativas inúteis. Somente do casarão do Doutor Roberval avistei nitidamente a cumeeira da tapera. Não divisei mais o menor vulto de gente.

Procurei me despedir do Doutor e dos trabalhadores que havia no casarão, apenas para ter certeza de que estava ainda perto de meus pais.

Outra vez me vi na estrada. Ao passar pela porteira, abri-a e fechei-a várias vezes, enfeitiçado por seu barulho metálico. “Reeeiiiiimm”. Aquele ruído de dor era o lamento dos meus pais e eu tinha que levar comigo.

Detive-me também por poucos minutos debaixo do Umbuzeiro Verde. Ainda havia, em seus galhos, farrapos de coloridas fitas, dando-lhe o aspecto de uma exótica árvore de natal. Imagino quantas lorotas meu colega Moisés, mentiroso compulsivo, seguramente teria para contar se conhecesse aquele umbuzeiro e ouvisse as lendas a seu respeito.

Continuei a caminhada, o corpo flutuante, as pernas mudando automaticamente os passos, e a sacola quase sem pesar. Quando dei por mim, estava sentado à beira da rodovia. Não sei quanto tempo esperei pelo ônibus. Deve ter sido mais de uma hora. Ali permaneci estático, em total perplexidade, como a duvidar da nova separação.

Enquanto isso, caía uma forte chuva e, embora me tenha abrigado debaixo de uma frondosa árvore, fiquei bastante molhado. Aos pingos, entrei no ônibus.”

* * * * *

“Faz doze dias que regressei. As aulas recomeçaram e eu me sinto impulsionado por uma nova

força; sangue novo circula por minhas veias. Tenho estudado como louco.

A cada dia pretendo me aprofundar ainda mais nas matérias e acumular mais e mais conhecimentos. Os estudos são minha garantia única. Garantia de que alguém pagará pelo meu suor, de que terei assegurada pelo menos minha sobrevivência.

Ademais, há sempre perspectivas, mesmo que remotas, que apontam para a premiação do esforço. Garantia adicional então de que poderei cumprir o que prometi a minha mãe: tirá-la da miséria. Essa é a maior motivação para percorrer a trilha obrigatória, ao largo dessa longa enseada.

A miséria em que encontrei meus pais despertou-me essa vontade desenfreada de vencer. Tenho me importado menos com os idiotas que me tratam com desprezo, excluindo-me de seus círculos, sorrindo de minha cara ou cochichando pilhérias ao me ver passar.

Tenho ignorado mais a ação dos psicopatas que largam seu lixo físico e mental à porta de meu quarto. Continuo entregue à solidão; não a solidão dos loucos e dos cárceres, mas a solidão dos que param para refletir, e nessa reflexão descobrem o caminho certo.

Foco-me na arma dos meus estudos, e tenho me exercitado em todas as horas disponíveis. Quero, mais que nunca, vencer na vida e não tenho tido hora certa para dormir e acordar. Meu relógio têm sido as necessidades de aprender e evoluir.

Lembro-me frequentemente, agora com outro enfoque, de minha mãe, de meu pai e dos vinte e três dias que juntos passamos. Foram aqueles os melhores dias de minha vida. Ao regressar não houve, infelizmente, com quem conversar, além de minha colega Genilta, que sempre me cobre de atenções.

Madrinha Mundoca não me fez qualquer indagação; apenas me agradeceu quando lhe entreguei os queijos, presentes de minha mãe. Mas o agradecimento foi convencional. O sorriso que o acompanhou também não foi sorriso, mas a contração de músculos do rosto. Para dizer que falou alguma coisa, fez-me uma única pergunta:

- O dinheiro que lhe dei foi o suficiente para as despesas?

Decidi não lhe falar que não tive despesas, só investimentos. Durante aqueles dias ouvi vozes e frases que pareciam sair da tela do melhor filme e do mais luxuoso cinema:

‘Qui bom qui tu veio, meu filho’, é a voz de minha mãe que ainda tenho nos ouvidos. Trago as imagens do dia em que ela chegou ao roçado com chapéu de palha à cabeça.

‘As cobra mais bunita são as mais venenosa’ – repete minha mãe na imaginação. Madrinha é muito bonita. Naja também era muito bonita e o seu nome era de serpente. Como podia minha mãe adivinhar que uma serpente, há não muito tempo, ajudaria também a me massacrar?

Agora assume forma, diante de meus olhos, os preás e os pedaços de batata doce, a coalhada e o feijão que comíamos... Reiiimm!, é o ruído da cancela, dominando meus tímpanos, a exigir minha volta.”

Capítulo XIX

Vanda fechou novamente o diário. Acompanhava a trajetória de Daniel e, mais recentemente, o consolo que surgia para sua dor, a reação que nele se esboçava agora.

Cada vez mais, sentia vontade compulsiva de ler aquele relato. Ele representava alento, espécie de cumplicidade misteriosa. Provocava-lhe inevitável conversa interior, desejo de revelar todos os segredos, antes guardados em baús lacrados da memória. Daniel era uma espécie de filho - aquele mesmo que ela perdera. E ele imitava sua caminhada.

Ela também tivera em sua vida instantes de reviravolta. O mesmo destino que a massacrara, dera-lhe vários prêmios para tomá-los em seguida. Por isso, tudo era transitório e incompleto, nada se esgotava.

Fora sempre uma estranha entre estranhos, os vínculos com as pessoas rompiam-se antes que pudesse de fato conhecê-las ou se fazer conhecida. Fora assim com Juvenal e com Renato.

Temia que com Marte acontecesse o mesmo. Mas agora, como nunca, preocupava-se com isso. Ele lhe transmitia paz, segurança, coisas que não queria perder. Não a amava com o ímpeto apaixonado dos jovens, mas lhe dedicava um carinho maduro, interesse sincero. Isso lhe propiciava o equilíbrio e a constância não experimentados antes em nenhum tempo.

Precisava se abrir com ele, confiar-lhe segredos que a atormentavam e a revolviavam em pesadelos. Queria dividir com ele a carga, fazê-lo entendê-la um pouco mais; tê-lo mais próximo, mais confidente.

Dirigiu-se ao quarto onde ele estava. O

companheiro estava acordado, com os olhos fitos no teto. Mostrava-se sereno.

- Conseguiu dormir? - perguntou encostada à porta.

- Um pouco. Agora sinto-me melhor.

- Não gosto de vê-lo tenso - pronunciou ela - mas só nos últimos dias tenho-me sentido próxima de você. Afinal tudo que aconteceu tem alguma relação comigo mesma.

- Refere-se ao acidente com seus pais? - insinuou o companheiro.

- Não, Marte - tremeu, pronta a se revelar.

A compulsão transbordara, levara-a a um momento de ruptura interna.

- Minha vida é muito mais séria do que a história de um simples acidente que me deixou órfã de pai e mãe - encarou-o para ter a certeza de que seria entendida. - Não houve tal acidente nem meus pais eram artistas de circo.

Marte sentou-se apoiado no espelho da cama e ela, a convite do marido, acomodou-se a seu lado.

- Eu menti para você - prosseguiu ela. - Não queria perdê-lo e menti. Não o amava, mas queria ficar com você. Estava carente, desesperada. Acabara de ser abandonada por alguém muito importante para mim.

O velho engoliu em seco, coçou a cabeça na altura da testa e ouviu em silêncio a continuação do relato.

- Meu pai deve ter sido mero frequentador de cabarés. Podia ser adolescente ou velho. Não o conheci. Minha mãe era uma pobre mulher da vida. Vendia o corpo antes de ficar grávida e continuou fazendo o mesmo durante e após, até ser assassinada estupidamente por um freguês.

- Questões de dinheiro? - interessou-se Marte.

- Não acredito. Deve ter sido puro sadismo. O

criminoso fugiu, deixando muitas notas de dinheiro sobre o cadáver. Talvez julgasse ter-lhe comprado a vida, e aquele pagamento macabro devia lhe aliviar a consciência. Algo como essas coisas de “palavra cumprida” que tanto se valorizam.

- E você como ficou?

- No inferno, Marte. A maioria das pessoas preparam-se a vida inteira para se livrar do inferno após a morte. Eu não tive essa opção, pois o conheci em vida.

- Ninguém a ajudou? - quis saber o companheiro.

- Não posso chamar de ajuda. A cafetina de minha mãe prometeu tomar conta de mim. No início, dava-me dinheiro, comida e estada, em troca de faxinas em sua casa e no cabaré. Aos poucos começou a me dizer que eu nascera para ser estrela e não faxineira. Começou a me presentear com perfumes e roupas novas; chegou a me pagar aulas de boas-maneiras. Deixou-me tão dependente de seus cuidados que, meses depois, quando negociou a minha virgindade por um bom preço, eu nada pude fazer para me opor.

Balbuciu contrita e respirou fundo, buscando força para continuar:

- Eu estava como dentro de um barco fétido, mas não tinha outra opção, salvo se quisesse me afogar nas águas. Ela, sem nenhum escrúpulo, apenas me avisou que aquela seria a noite da minha “primeira comunhão”. Segui atordoada, como uma vaca que percorre, sem opção de retomo, o corredor estreito em direção ao matadouro.

- Que cretina! - deixou escapar Marte, buscando encontrar sentimentos em seu peito apático.

- Eu só tinha treze anos de idade. Ela tentava me convencer de que me ajudava; de que eu tinha como recompensá-la; de que aquele era um trabalho como outro qualquer; de que estava escrito pelo destino que eu

nascera para aquilo.

- Você passou então a trabalhar para ela? -
questionou o velho.

- Durante cinco anos. Quando fiquei maior de idade, saí dali e acabei me envolvendo com serviços ainda mais pesados.

- Que tipo de serviço?

- Passei a trabalhar por conta própria, atendendo em domicílio. Ganhava mais, no entanto, estava mais vulnerável, mais sujeita aos sádicos. sem nenhuma estrutura que me defendesse - seus olhos marejaram, mas prosseguiu:

- Certa vez fui chamada a uma rica mansão. Era uma reunião de homens; devia ter mais de vinte convidados. Pensei que fosse deitar com um deles e, quando me falaram de suas intenções, tentei voltar atrás. Eles não me permitiram. 'Onde está o profissionalismo?'. argumentaram todos. Procurei me desculpar, mas eles não aceitaram e eu fui obrigada a satisfazer suas taras. Agrediram-me. Fizeram-me sexo coletivo e simultâneo. Jogaram-se sobre mim aos montes, tomando-me o fôlego. Perdi a conta dos que me penetraram. Deixaram-me desfalecida. Depois um deles levou-me no colo até o carro, pôs umas notas de dinheiro em minha bolsa e me jogou numa rua deserta, como se joga um jornal velho e amassado

- Você prestou queixa à polícia? - sugeriu o parceiro.

- Ora, Marte, você sabe que as pessoas marginalizadas não têm direitos em nosso país. Tudo que se faz contra essas pessoas é aceito. Só há padrões éticos e de direito no caso inverso. Minha queixa à polícia de nada adiantou. Foi apenas um dos muitos casos registrados.

Ela respirou fundo, buscando novas forças e

continuou:

- Alguns que me contratavam faziam questão de me enfiar pedaços de madeira e frascos vazios, e pareciam sentir prazer com minha expressão de dor. Cada nova situação era uma surpresa e eu, amedrontada, suportava tudo calada - ela encarou o companheiro com ar desamparado. - Passei por tudo, Marte. E, como não podia ser diferente, acabei também ficando grávida.

- Você tem filho!?! - estranhou ele, lembrando-se da sua constante negativa de engravidar.

- Não... não havia condições para isso. Foi quando uma colega me falou de um “especialista” muito caridoso. Levou-me até sua presença e ele se dispôs a me fazer o serviço por um preço muito camarada, quase de graça. Realmente cumpriu a palavra - um brilho de ódio faiscou em seus olhos - só que, após me extrair uma bolota de sangue talhado, tirou a roupa, excitado, e veio para cima de mim. Eu estava traumatizada e não movi nenhuma ação - agora seus olhos lacrimejavam. - Anestesiada como estava, não sentia nada, apenas seus movimentos. Comecei a me sentir mal e olhei para baixo. Vi que me esvaia em sangue. O desgraçado também viu, mas nada fez. Continuava penetrando-me sem piedade, com o prazer estampado nos olhos, aos grunhidos, quase devorando a máscara de gaze que usava. Por pouco não morri de hemorragia.

- E depois? - encorajou Marte.

- Continuei no inferno, sendo alvo das taras de desconhecidos. Faziam de tudo comigo. Raramente aquilo me dava prazer. Eu idealizava, de maneira tênue e distante, os meus modelos de príncipe, certamente retirados de revistas de amor. Com aqueles sentia algum prazer, mas, no geral, o sentimento era de repulsa. E eu fui me enchendo daquilo, engordando a revolta. Até que certo

dia fiz uma desgraça. - Ela sondou os olhos do interlocutor, buscando aprovação para o que diria.

- Pode falar - consentiu ele.

- Foi tudo de repente, sem pensar. Eu estava com um velho gringo. Mal falava nossa língua, mas queria sexo. Levei-o a um hotel de terceira categoria desconhecido; ele também não conhecia nada. Já no quarto, abriu a pasta de onde retirou umas cordas finas. Fez-me sinal de que lhe amarrasse as mãos e os pés. Eu satisfiz sua fantasia. Tivemos relação sexual. Ele, todo amarrado, fazia uma cara nojenta de prazer. Aquilo me encheu de ódio, lembrei minha mãe sendo trucidada por egoístas como aquele. E então, fingindo continuar a brincadeira, enlacei outra corda em seu pescoço e o estrangulei. Ele estrebuchou, a princípio, e depois desfaleceu - a jovem parou e olhou o teto, rebuscando novas imagens do passado. - Fugi dali pela janela do primeiro andar, levando comigo o monte de notas verdes, apanhadas em sua pasta. Sentia-me aflita, mas, ao mesmo tempo, aliviada. Era como se tivesse resgatado a vida de minha mãe.

Agora Marte a olhava com expressão grave, atordoada.

- Você foi presa?

- Não. No dia seguinte, mudei-me para Fortaleza e nunca mais retornei a Recife. No submundo se é menos visível, talvez por isso não chegaram a mim. Mas, presa eu já era; vivia enjaulada no meio de outras feras. A primeira me ludibriou, levando-me aqueles dólares roubados do gringo. Depois teve outro que me envolveu no tráfico de drogas. Enfiava-me sacos de pó no ânus e na vagina, para que eu furasse as barreiras policiais e chegasse até os compradores. Esse lá era violento; agredia-me sempre que algo dava errado. O que nós

mesmos fazíamos, ele nunca julgava errado. Justificava que atendíamos a uma necessidade humana de fuga que os governos pensavam atender construindo hospícios; que, se as pessoas fugiam da realidade, alguma razão devia haver para isso. Dessem algum motivo para a vida ou alguma graça para a realidade, e ninguém precisaria de realidades paralelas.

Ela fez breve pausa e prosseguiu.

- Fiquei nessa vida até conhecer Juvenal, com quem tive um envolvimento por conveniência. Depois conheci Renato, um trapezista, que me levou para o circo.

- Já me falou dele - adiantou Marte.

- É. Teria pouco a acrescentar. Foi apenas uma história de amor e, depois, de abandono. Mas nunca me maltratou, é bem verdade. Foi tudo como um sonho desfeito.

Por um átimo, Vanda resgatou fragmentos de sua vida no circo, onde tudo era irreal. Uma irrealidade evidente na qual ela tivera necessidade de acreditar. As pessoas que ali iam, pagavam por uma emoção, por algo ilusório, imaterial, que não deixava rastros. Algo como o sexo também comprado.

No fundo todos fugiam da angústia existencial. E essa fuga não propiciava recompensas duradouras. Ninguém podia apresentar um pacote e dizer: *‘aqui dentro está a gargalhada que dei quando vi o palhaço’* ou *‘neste envelope está o medo que tive do leão’*. Da mesma forma, ninguém pode trazer uma lata fechada e assegurar: *‘dentro deste recipiente está o orgasmo que senti à noite passada.’*

Como que saindo de um transe, Marte manifestou-se.

- Você nunca tinha falado dessa outra pessoa, do Juvenal... Por que diz que foi um envolvimento por

conveniência?

- Porque eu não o amava, não sentia sequer atração por ele. Pensei apenas no que podia me oferecer. O triste é que ele se apaixonou de verdade por mim. Sei que tive culpa; provoquei sadicamente os seus sentimentos, talvez por necessidade de compensação interior. Quem é agredido, sente vontade de revidar, e aquela foi minha maneira estúpida de agredir. No auge do seu desespero, quando ele sentia que iria me perder, tive medo de que tentasse me matar e fugi, sem lhe dizer que estava apaixonada por um trapezista. Apenas deixei escrito numa carta escondida no travesseiro, que ele só deve ter encontrado tempos depois.

Veio-lhe imediatamente outro fato ainda fresco em sua lembrança.

- Você pode até achar loucura de minha parte, mas lendo um trecho desse diário que você me emprestou, tive a sensação de que alguma coisa tinha a ver comigo, afinal Fortaleza e Natal são próximos... - dito isto, buscou o caderno de capa verde e localizou o trecho sobre o amigo que Daniel encontrara no bar, e que bebera até perder os sentidos, sofrendo o abandono da amada que o trocara por um artista circense. Marte releu a cena com atenção, vendo nascer, no íntimo, uma ponta de curiosidade ainda maior.

- E eu, o que representei para você? - interpelou.

- Representou a segurança de que, mais do que nunca, eu voltava a precisar. A sensação de ter uma casa, um companheiro, pareceu-me um sonho real. Penso que amor é apenas o nome bonito que se deu para essa necessidade que se tem de alguém, à medida em que a presença do outro preenche os nossos vazios. O meu vazio sempre foi de segurança, de vida digna. Você mostrou-me o lado bom da realidade; resgatou-me da incerteza e do

medo, de ambientes que só me davam a opção de fuga.

Ele se levantou da cama e a olhou firme, em silêncio; ela sentiu-se desarvorada, à espera de seu veredicto.

- Eu precisava lhe contar tudo isso - justificou-se. - Agora você sabe que não está ao lado de nenhuma princesa inocente. Está com uma mulher marcada a ferro e brasa pela vida; tem a opção de ficar com ela ou jogá-la no lixo... como outros fizeram - algumas lágrimas a traíram e lhe escorreram pelo rosto.

Marte, que continuava em silêncio, retirou da cômoda uma toalha felpuda, enlaçando-a em seu pescoço. Agora entendia melhor algumas atitudes de sua companheira. Fora bom não saber de tudo antes. No início, motivara-se apenas por sua beleza, esse instinto de todos os machos.

Pretendera apenas ficar com ela uma temporada, para também descartá-la um dia. Mas sua companhia tomava-se mais e mais importante, à medida que os anos lhe retiravam os cabelos e todos os demais encantos e o tornavam mais condenado à solidão.

Sempre convivera com muitos caprichos de Vanda, mas somente homens frágeis e imaturos sofrem com os caprichos de uma mulher. Aprendera que os caprichos são uma moeda de troca. Por muito tempo ele cedera no que julgava ser quinquilharia, para ganhar no essencial.

Homens e mulheres agem assim, tratam-se como bobos, experimentando a gloriosa sensação de domínio da situação. Aprendera isso do pai, que a vida é um jogo a ser aprendido, sob pena de muitas derrotas.

Ao lembrar o genitor, convenceu-se de que ele, se vivo fosse, aprontaria o maior escândalo ao ver o filho se unir a uma artista de circo; o barulho seria daqueles de acordar toda a caserna, seguido de ameaças e conjuros.

Durante algum tempo, Marte assimilara integralmente as visões de mundo do seu pai, mas agora sabia que os valores mudam quando se alteram as situações.

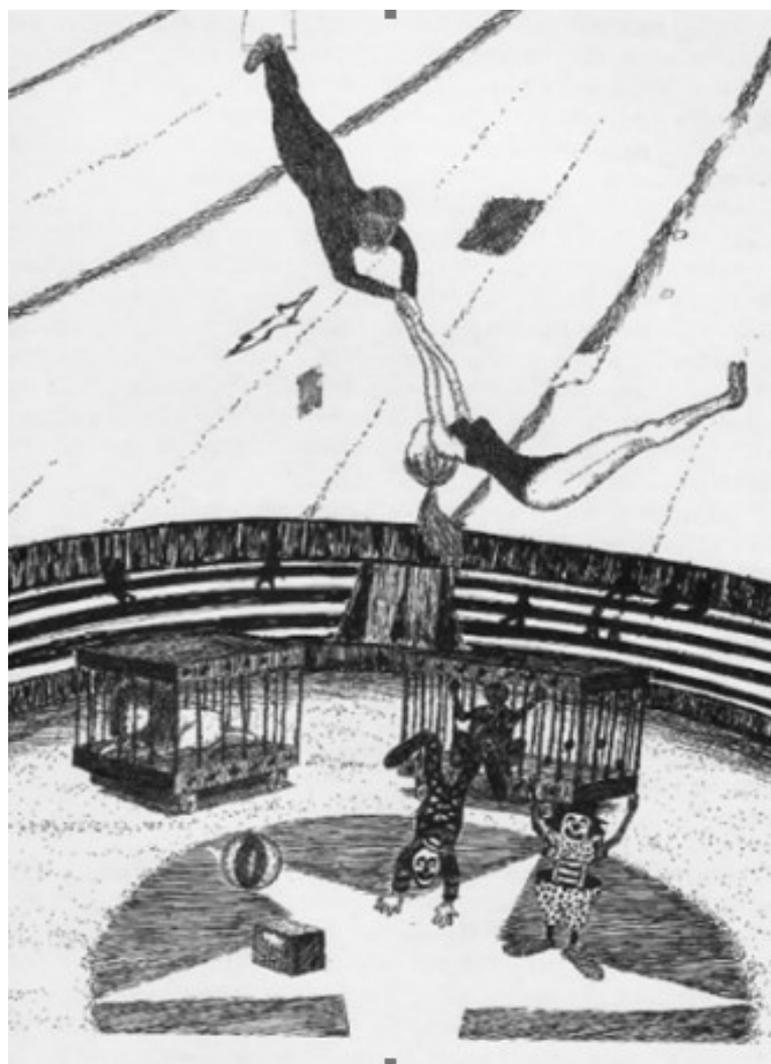
- O que me diz, então? - cobrou Vanda, após o longo silêncio.

O velho percebia o receio da companheira. Ela temia a sua rejeição agora que sabia de tudo. Mas não havia motivo para isso. Passageiro do mesmo barco em naufrágio, ele entendia suas razões.

Entendia que muitas pessoas sofrem; que alguém invisível lhes traçava as rotas e lhes aplicava penas sem motivos, em aparente pirraça. Compreendia que quase todos os condenados eram punidos sem culpas diretas. Criminosos, viciados, desgraçados, comerciantes da desgraça, todos sofriam, todos penavam.

- Continue lendo o diário - propôs misteriosamente. - Agora que eu a entendo melhor, quero também que me entenda.

Ele entrou no banheiro. Ela sentiu-se automaticamente impulsionada a prosseguir a leitura, enquanto ouvia o respingar do chuveiro ao lado.



Capítulo XX

“Coisas estranhas têm acontecido. Ontem eu estudava matemática, quando Ronaldo aproximou-se. Conheci sua aproximação, pelo barulho dos sapatos. Era um andar de general, identificável à distância. Levantei a vista e percebi, para minha admiração, que seus olhos estavam frios e deles não irradiava o brilho de sempre.

Notei que trazia nas mãos o jornal da escola. Lembrei-me do poema - meu primeiro poema - que eu mandara publicar naquelas páginas. Fiquei embaraçado, pois conhecia bem seus planos. Chegou frente a frente, estancou e eu percebi que queria minha atenção.

- Você escreve bem, rapaz! - puxou assunto, procurando catar uma palavra minha.

- Foi uma noite dessas. Estava com insônia e, para me distrair, rabisquei esses versos sem nenhum valor – expliquei-lhe em tom resignado, como se minha docilidade angariasse sua simpatia.

- Que tenha ou não valor, isso ninguém discute. O importante é escrever. Esse é o indício de que não se é vazio; de que há algo a transbordar no peito.

Se aquilo se tratava de elogio era estranho o jeito de expressá-lo. Encarei-o firme.

- Tem alguma crítica a fazer? - bombardeei-o, repentinamente.

- Meu caro - ele nunca pronuncia o meu nome - eu só critico os erros de alguém quando me julgo capaz de repetir seus acertos. Se muitas vezes o enfrentei, era porque me sentia melhor do que você em tudo - esse argumento esfacelou minhas esperanças.

Ele continuou falando de maneira taxativa e

direta:

- Mas agora, eis que você escreve isto - foi assim que denominou meu poema. - Acaba de provar que é capaz de realizar alguma coisa. Eu não irei criticá-lo - falou firme como se estivesse magoado com minhas palavras - porque você poderá me superar em algo, embora eu não acredite nisso.

Não compreendi suas últimas palavras. Queria saber sua verdadeira opinião, mas o que falou foi misto de elogio e escárnio. Eu não pretendia superá-lo ou superar ninguém. Essa apologia à disputa sempre me pareceu cretina.

- Em que se inspirou? - inquiriu-me agora em voz calma. Talvez a chama houvesse esfriado.

- Talvez na solidão – argumentei.

Pela primeira vez ele não me revidou.

- Continue escrevendo que fará obras ainda melhores que esta - ofereceu-me o jornal.

O periódico estava aberto na página. Reli meu poema. Era uma quintilha despretensiosa.

Reconhecia que aquilo nunca poderia me alimentar ilusão. Estava abaixo da crítica, e talvez meu companheiro de aula dissesse tudo por ironia. Eu nunca fui poeta, nunca escrevi qualquer verso, e se aquele estava ali, assinado por mim, era talvez um simples anúncio gratuito do tipo 'Eu existo; logo, penso'.

- Não pretendo seguir esse caminho – falei após algum tempo.

Ele me escutou sereno, e eu senti que procurava no arquivo mental alguma frase decorada. Ele tem sempre saída para todas as situações, e essas saídas são de costume ditos célebres que parecem ensaiados.

- Deve continuar escrevendo - insistiu. - Um dia desfechará seu golpe de mestre. E o mundo precisa ser

golpeado.

Nossa conversa tornou-se mais e mais cordial e durou até a chegada do professor à classe. No intervalo da aula ainda conversamos. Procurei lhe explicar que não tinha nenhuma vocação literária. Ele falou, figurativamente, de possibilidades, de sinalizações, de veiculação de ideias, de responsabilidade social, palavras que me fascinaram.”

* * * * *

“Fiz os últimos exames do curso de inverno desse semestre e obtive notas louváveis em todos eles. Fui quem obtive a melhor colocação da classe, e isso gerou novas caras feias de determinados colegas, tidos como inteligentes e imbatíveis. Cheguei a ouvir cochichos que diziam: - ‘isso deve ter alguma marmelada no meio’.

Ninguém aceita perder e sempre busca hipóteses desonestas para enquadrar o vencedor. É a maneira mais cômoda de justificar a própria derrota. Sempre a disputa! Sempre o individualismo! Dá vontade de anotar em algum mural: ‘Babacas, minha única desonestidade foi estudar com afinco enquanto vocês brincavam; foi superar meus limites enquanto vocês se acomodavam na mediocridade de suas conquistas!’

O tempo tem passado rápido. Prossigo estudando sem trégua, dedicado a tudo que signifique conhecimentos e passos para vencer.

‘Juro que os tirarei daqui’, lembro a frase dita a minha mãe e, diante de sua incredulidade, o reforço: ‘Acredite em mim’. Tanto tempo depois, trago comigo todas as imagens daquelas terras distantes, como motivação para minha luta diária.

Madrinha desconhece completamente meus sacrifícios e dores. ‘Ela é boazinha para você?’, pergunta, dentro de mim, a voz de minha mãe. ‘É’, respondo-lhe ainda.

Todos saíram para a praia. Preferi ficar em meu quarto. Reflito sobre as dificuldades até aqui, penso em toda nossa família e na certeza de que livrarei todos da escravidão em que vivem. Essa certeza tornou-se minha força, gigantesca, construída ao longo desses quinhentos e vinte dias distante de todos que amo.”

* * * * *

“Eu e Ronaldo andamos de certo modo afastados. Talvez seja por conta desse novo período de testes. Mesmo em sala de aula, ele está sempre com o caderno aberto. Anda, quem sabe, preocupado por não estar entre os primeiros da classe, como sempre estive das vezes passadas. Mesmo assim se mostra gentil comigo. Não faz parte dos que se aborreceram com minha ascensão no quadro das notas.

Paralelo a isso, tem havido, na escola, grande oferta de palestras, seminários e cursos de preparação profissional e ele está participando de quase tudo. Deve ser essa a principal causa de nosso distanciamento.

Em uma das poucas vezes nós conversamos, nesse segundo semestre, ele insistiu novamente para que eu escrevesse outros poemas. Não tive como resistir aos seus argumentos.

Semanas atrás, lá estava, no jornaleco da escola, outra obra feita por mim, menos para satisfazer meus impulsos interiores do que para agradar meu companheiro de sala. Tenho que conservar nosso

esporádico relacionamento. Chega de hostilidades.

Ele, embora não se mostre de todo amigo, dispõe-se, vez por outra, a conversar de modo amistoso. Quanto aos outros colegas, continuo sem poder dizer o mesmo. Cheguei inclusive a encontrar vários jornais amassados, com frequência nunca vista nas edições anteriores. Pode ter sido coincidência, porém outros mais afoitos fizeram de tais jornais bolas de papel, sob minhas vistas.

Somente Ronaldo guardou o seu. No intervalo de aula se aproximou de mim. Trazia debaixo do braço o folhetim

- Surpreendi-me com o que li, Daniel - já me tratava pelo nome – o texto está vivo, forte. Diria até surpreendente para suas condições atuais.

Interessei-me pelo seu julgamento.

- O que quer dizer com “minhas condições atuais”?

- É simples de explicar: se você já fosse grande na literatura, sem dívida, vários críticos o encheriam de elogios, achariam sensacional seu poema, diriam que ele, o poema - empostou a voz de maneira debochada - foi a procura do ingênuo, dos motivos puros e despojados da acribologia, e que você tangenciou as linhas do abstrato palpável pelo desmascaramento do concreto impalpável.

- É assim mesmo que falam. Querem se fazer entender com opiniões ininteligíveis - acrescentei.

- Pior que isso - atalhou Ronaldo – Há os que julgam arte como se julgam roupas: pela etiqueta, pelo que está em moda. A qualidade não é avaliada separada do nome do estilista. Não perdoam os que trabalham em silêncio, por idealismo, os que não costumam por encomenda, nem copiam modelos já estabelecidos. Não consideram os que não têm manequins nem fazem propaganda na televisão.

- *E como dizem, a propaganda é a alma do negócio - emendei. - Quem está fora dela, não está em nenhum lugar.*

- *“A alma do negócio” - repetiu. – Na verdade, são meios falaciosos para vender os negócios sem nenhuma alma, os negócios em que idealismo cede lugar a interesses comerciais.*

- *Se vale como redenção, cabe lembrar, com relação aos críticos, que eles precisam defender seus salários - tentei amenizar.”*

* * * * *

Marte acabava de sair do banho. A mulher apenas o acompanhou ligeiramente com os olhos e concluiu a leitura, enquanto o marido se vestia.

* * * * *

- *“É óbvio. Na raiz do problema nós concordamos. São poucos os que têm a coragem de destoar da pauta, pois há vários riscos nisso. Poucos advogariam a obra do artista desconhecido, ou reconheceriam como digno o trabalho proveniente de alguém que ainda não se achasse na ‘crista da onda’.*

Sua fala vibrava como se tocasse o bronze. Peguei o jornal e li novamente minha criação. Lá estava gravado em letras graúdas: A MONTANHA E O GRÃO DE AREIA. Daniel R. T. Trata-se da comparação poética entre o notável e o anônimo. Hei de concordar que fui ficou belo.”

* * * * *

“Quando tudo parecia calmo, alguém se lembrou de arremessar em meu caminho o lixo que transborda em seus corações e mentes. À porta de meu quarto foram colocados pedaços miúdos de vidro, e eu, com a atenção voltada para a fechadura, pisei nos cacos. Um deles furou-me o pé esquerdo e me fez sangrar

Quanta malícia! Para onde caminha essa Humanidade? É monstruoso pensar que alguém que se sinta feliz vendo meu sangue derramado! É motivo bastante para destruir esse planeta saber que alguém se regozija com o sofrimento alheio.

A indiferença é o prato do dia, de todos os dias. Algumas vezes, para variar o cardápio, eles servem o prato da agressão ao molho pardo, com pitadas de sadismo paranoico.

Está-se aproximando o final desse segundo ano; faltam os últimos testes que não demorarão muito. Tenho sido o melhor aluno da classe e, como já falei, isso deve ser motivo para novas desavenças.

Ronaldo anda muito preocupado com seu ensaio sobre a contribuição cultural de civilizações pré-colombianas pouco estudadas: os Toltecas, os Iquitos e outros que habitavam a América.

Quando a sirena toca o intervalo de aula, ele, Ronaldo, já vai abrindo sua pasta de couro e mergulhando a atenção no monte de papéis com anotações colhidas nas bibliotecas da cidade. Outro dia me aproximei dele e ouvi suas explicações e planos.

A partir dali evitei perturbá-lo em sua concentração que mais parece exercício de ioga. É muito cuidadoso e relê várias vezes o que acaba de escrever. Disse-me que pretende concluir seu projeto antes de realizar seu maior desejo, que é o de se mudar para o Chile, de arranjar emprego por lá numa mina de cobre.

- Montanhas e gelo me fascinam, Daniel - é o que sempre me diz. - Terminar meus dias no Chile é o meu sonho. Acho que sou fascinado pelas alturas.

Não sei como conseguirá morar definitivamente naquele país andino, mas ele já deve ter pensado no jeito. Talvez casando com uma nativa. Ele é inteligente e encontrará a solução.”

Capítulo XXI

- Há mesmo pessoas que nasceram para viver nas alturas - falou incontinenti a jovem esposa, largando o diário que lia. - São inatingíveis, nunca conheceram a dor ou o medo.

- Existe também o outro lado - contrapôs o marido, as pessoas que não conheceram sequer a superfície; viveram sempre embaixo do chão, tendo suas existências sob risco, decididas lá em cima por sujeitos que nunca desceram às suas covas. Eu fui um desses sujeitos e acabei matando centenas de seres humanos.

- Não fale assim. Você sabe que não foi bem desse jeito. Eu sim, posso ter remorsos, pois matei um homem com as minhas mãos.

- Para seu caso há desculpas, Vanda - afirmou o companheiro. - Eles a matavam aos poucos, todos os dias, de maneira talvez mais dolorosa.

- Você não pôs as mãos em ninguém - insistiu ela.

- Não se mata alguém apenas com as mãos - discordou ele. - Um deles eu mandei matar; os outros eu matei por omissão e egoísmo. Nossos casos são desproporcionais: você matou apenas um homem; eu matei centenas deles. Estou, portanto, em desvantagem. Além do mais, você poderia ser julgada e redimida com alguma pena. Comigo isso não será possível, primeiro porque o maior dos meus crimes não está, a grosso modo, previsto em lei. Ademais, bastarão algumas explicações técnicas para a perícia e é possível que tudo seja resolvido. A alegação de acidente por força maior, não previsível, será um ótimo argumento.

- Então, não entendo essa parte - contrapôs Vanda.
- Como pode achar que cometeu um crime que a lei não considera crime?

- Eu sabia do perigo que ameaçava a todos, mas preferi optar pela defesa de meu salário e de minha posição, achando, até certo ponto, que essas coisas valiam mais do que as vidas humanas que corriam perigo. Em vez de conscientizar os trabalhadores, de denunciar a gravidade dos fatos para a imprensa e para as autoridades públicas, preferi me calar. Já não descia ao subsolo. Sob a alegação de que estava com crise asmática, pedia-lhes para que me fizessem fotografias de vários pontos, colhessem amostras de material e realizassem algumas medições científicas.

A companheira o olhava atenta. Ele rompia agora a cortina de mistério. Sempre calado, raramente falava em casa sobre o trabalho, acontecesse o que acontecesse.

- Passei a trabalhar na superfície. Junto com o trabalho, instalei na área contígua ao escritório nossa pequena estação sismográfica, a partir de um geofone rudimentar que eu mesmo fabriquei. Diariamente observava as vibrações da terra. Os rancos continuavam, agora mais fortes, mais próximos e mais frequentes, você deve lembrar - ela assentiu, com movimento de cabeça. - Pois bem, o doutor Moura Lins insistia em dizer que aquilo eram alucinações. Deviam ser, então, alucinações coletivas, pois todos ouviam aumentar a frequência dos rancos à noite. Todos deviam estar loucos.

Ele parou a narrativa e engoliu o comprimido apanhado na mesa de cabeceira.

- Há pouco tempo atrás - prosseguiu - um velho me procurou. Cheguei cedo da manhã ao escritório e ele já me esperava. Eu não o conhecia. Estava transtornado, com os cabelos em desalinho, barba por fazer e olhos de quem

não dormia havia muitas noites. Perguntei-lhe o que queria e ele me falou em voz rouca e sussurrada, como se me contasse um segredo:

‘Os roncoss, doutor... os roncoss... eles sumiram... devem estar à espreita de todos nós’.

- Não me dizia qualquer novidade com aquilo. Eu sabia que a parada brusca de sons e de movimentos subterrâneos podia significar surpresas breves. O restante do caso você bem conhece: voltaram todos do almoço. Vários deles, como que adivinhando a tragédia, atrasaram-se. A terra, sem desculpas ou remendos, desabou em bloco, tragando máquinas e homens. Até essa manhã o departamento de pessoal já cadastrou duzentas e quarenta e cinco mortes.

- Foi muito deprimente - concordou Vanda.

- Quem morreu logo teve sorte - explicou Marte. - Pior foi o sofrimento dos que teimaram em sobreviver. Como você sabe, não chegou a vinte o número dos que puderam ser resgatados com vida, sendo que três deles vieram a morrer no hospital. Os que relutaram com a morte sofreram bem mais. Eu assisti a tudo, à incompreensão entre dois mundos opostos. A única comunicação com alguns dos soterrados eram os gemidos de dor vindos de dentro e os repicares das máquinas e ferramentas atuando do lado de fora. Eu tive coragem para acompanhar o início do resgate, mas, ao ver os primeiros corpos mutilados serem extraídos dos escombros, ao sentir aquele cheiro de vinagre empestar o ar, outra vez me omiti, acovardei-me e vim para casa assistir a tudo de camarote, pelas notícias que chegavam.

Concluiu a frase, tremendo dos pés à cabeça, tomado por forte acesso nervoso. A série de omissões criminosas martelavam sua cabeça. Lembrava, por

exemplo, que no décimo dia, mandaram parar as buscas, alegando perigo de infecção generalizada no povoado.

Trataram de dinamitar e escavar tudo com rapidez. Preocupação com a saúde pública? Era o que diziam, mas Marte desconfiava de que eles queriam mesmo era reativar a mina o mais breve possível, independente de ainda haver ou não gente viva nas galerias bloqueadas.

Passado tudo, a situação agora tendia a se agravar, por mais que ele mesmo dissesse o contrário, tentando acreditar no esquecimento e no perdão. As notícias davam conta de que se fechava ainda mais o cerco das investigações, à medida que a imprensa se mobilizava para exigir apurações minuciosas.

Pela primeira vez na vida, Marte sentia todos os medos, desde o medo mais simples de perder a companhia. Tudo sempre fora previsível em sua vida. Tivera bons colégios. O seu pai, militar de carreira, adestrara-o para comandar e ser vitorioso.

Vivera dentro de rígida hierarquia onde não se conheciam os valores das pessoas dos escalões de baixo. Mesmo quando foi obrigado a conviver com as pessoas mais simples, esforçou-se como pôde para lhes externar afabilidade, mas sentia-se artificial.

Nunca descobriu, em seu íntimo, espaço para essas coisas. No fundo, não conseguia ver as outras pessoas como iguais. Só experimentara sensação de igualdade, ou algo parecido, com relação a Deus, no qual sempre se esforçara por acreditar até perceber que seu peito não atendia ao comando.

Mas diante da catástrofe, todos se tomam incrivelmente humanos, solidários. Ele mesmo sentia agora algo forte em seu peito, uma proximidade inexplicável com todos os mortos e com suas famílias.

Sentia o próprio Deus, que tanto buscara, apossar-se do seu corpo, juntamente com uma enorme sensação de pavor, como se fosse possível ao Ser Onipotente e ao pavor habitarem o mesmo espaço.



Capítulo XXII

Assim como a Serra do Ronco, em seus mistérios insondáveis, Marte fora surpreendido pela trombose implacável que o alvejara na mesma tarde em que conversava com Vanda sobre o desabamento da mina.

Os avisos formam uma forte crise de nervos, seguida de dor de cabeça e da sensação de entalo. Levado às pressas para o hospital, ele escapou da morte, mas ficou paraplégico.

Isso fazia duas semanas. A companheira estivera a seu lado o tempo inteiro e continuava agora a olhá-lo sobre a cama – já estavam em casa.

Claro que ele já não era a mesma pessoa. Vivia o absurdo da imobilidade, logo ele que sempre fora forte e ágil, que fizera tanto com os braços e as pernas!

Toda a arrogância passada, todos os diplomas, os instrumentos musicais que sabia tocar, os países que conhecera, as línguas que falava, tudo agora parecia mera futilidade. Nada disso lhe traria de volta os movimentos do corpo nem o perdão dos soterrados.

A única coisa em que ainda restava algum sentido era a própria rendição. Tentara todas as saídas, desesperadamente, e acabara por ver, na entrega dos pontos, no absoluto despojamento, certa sensação de alívio.

- Vanda - suplicou ele sofregamente - eu preciso de você. Jura que não vai me deixar.

A companheira se surpreendeu. Logo ela que sempre tivera medo de ser abandonada, depara-se agora com o mesmo medo da parte de seu companheiro.

- Não, Marte, eu não vou deixá-lo. Você é um homem bom, apesar de tudo que possa parecer em contrário, e isso é tudo que sempre sonhei. O fato de estar imóvel não o faz menos bom ou menos agradável. Esse acidente de saúde, sua fragilidade ao longo desses dias, fizeram-me descobrir que o amo de verdade. E eu sinto que é para sempre. Você me faz sentir-me protegida.

- Você leu todo o diário? - interrogou-a. como a perceber o vínculo entre o caderno de capa verde e os novos sentimentos da companheira.

- Faltava pouco para terminar, quando você adoeceu.

- Por que não o apanha e lemos juntos aqui na cama? - sugeriu Marte.

- Vou buscá-lo - prontificou-se ela.

Capítulo XXIII

“Esse terceiro ano passou voando. A monotonia com que as pessoas despejaram suas cretinices poupou-me de reescrever páginas estúpidas, mas repetitivas.

Hoje é meu aniversário. Há dezoito anos eu nasci. Ninguém lembrou. Madrinha apenas me cumprimentou pela manhã, como o faz todos os dias. Sei que uma pessoa específica, pelo menos, está hoje se lembrando de mim. Gostaria de me dar parabéns e de me ter no colo, como nos tempos de criança.

Como eu adoraria também tê-la, sentir-lhe a presença, beijar-lhes as mãos que em tempos idos me acalentaram. Queria outra vez comer de seus préas, de seu “pirão de pinto”, de sua “maxixada”, e lhe dizer que a vitória se aproxima. O ano passado não tive dinheiro nem tempo para rever meus velhos. A imagem que trago deles é aquela de dois anos atrás.

Reiiiiimm! Zune em meus ouvidos o barulho distante da velha porteira. Vejo-me à distância admirando o Umbuzeiro Verde - ele está coberto de fitas brancas que se agitam no ar, dando-me adeus. ‘Um dia eu os tirarei daqui’, martela a frase dita.

As frases, como a água, possuem grande poder de transformação, mas podem também penetrar na terra ou se evaporar ao sol, sem deixar vestígios na superfície.

Paciência, mãezinha, que o sofrimento não tarda a acabar. Em breve mandarei buscá-la, junto com o pai. Deixemos esse resto de fazenda para as baratas, que elas também merecem viver.

Em retrospectiva de aniversário, procurei destacar os momentos mais marcantes desses dezoito anos de vida

e dos quase mil dias de exílio. Senti vontade de rezar, mas esqueci todas as orações ensinadas por minha mãe. Falei algumas frases soltas de agradecimento, que Deus deve ter escutado.

Por minha lembrança, nesse instante, passam meu pai, minha mãe. Maurício, Valdomiro, Lucília, meu primo Zé, meu amigo embriagado, o velho Demutier e outros. Aparece-me a figura da cabrinha silenciosa e conformada, deixando-se ordenhar.

Dias atrás, Moisés, o mentiroso compulsivo, veio até mim e me perguntou se já tinha opção de emprego. Ante minha negativa, assegurou que foi descoberto ouro na fazenda do seu tio e que ele iria brevemente gerenciar o empreendimento.

Perguntei se era o mesmo tio que lutara contra um leão na floresta amazônica; ele me assegurou prontamente que era outro; que aquele do episódio leonino já morrera, eis que picado por uma formiga selvagem: não dera importância ao fato, a coisa virara ferida, infeccionara, e o pobre tio fora levado tragicamente à morte.

Pelo jeito, a vida de Moisés está garantida. Não precisa de mais nada. Ele se basta em suas mentiras. Quanto a mim, continuo na expectativa de que surja alguma oportunidade de trabalho. O sol do domingo entra implacável pelas frestas da porta.

* * * * *

“Viva! Acabaram-se as aulas. Concluí finalmente meu curso. Faz dois dias que recebi o diploma. A solenidade foi simples, sem bailes e outras sofisticções em que se pensou inicialmente. Ronaldo me desejou boa

sorte e Genilta, com os olhinhos cheios de brilho, falou-me que adorou ser minha amiga, que eu sou um cara muito legal, e essas coisas todas que se falam, ao fim da linha, no momento da despedida ou do descerramento da faixa do prédio concluído, quando já não há mais nada a construir.

Lomena também me abordou com expressão abatida. Eu soube por terceiros que ela anda depressiva. O acidente lhe deixou cicatrizes no rosto e disfunção na mandíbula. Parou de se alimentar direito, emagreceu muito, adquirindo aspecto cadavérico. Apenas repetiu que eu fui um anjo em sua vida, que estava feliz com minha vitória, mas triste por se separar de mim. Tive a impressão de que, se tivéssemos nova conversa, ela me proporia namoro.

No dia da solenidade de formatura, o diretor fez breve discurso e suas palavras foram mais de susto do que de incentivo. A meu pedido, forneceu-me cópia do que falou:

** * * * **

‘Meus caros alunos, aqui estamos hoje reunidos, marcando não a data de entrega de seus atestados de conclusão, mas marcando o dia em que nós nos separamos. Aqui estamos numa encruzilhada - lembrei-me da fazenda.

Nós ficaremos aqui para formar novos jovens, vocês seguirão seus caminhos para praticar o que a teoria lhes ensinou. Todos hão de convir que nosso trabalho é exclusivamente voltado para suas necessidades; nossos esforços se unem com o objetivo único de formar profissionais autênticos; mesmo assim, é provável que um ou outro não tenha entendido nossa missão.

É provável que alguma ovelha tenha se desgarrado do rebanho. Aí é quando ocorre a triste desilusão. Os

incapacitados terão, diante do mundo, o mesmo espanto de Adão diante do Senhor, quando notarem que estão despidos do saber ou que suas vestimentas se resumem a uma pequena folha de conhecimentos - aqui ele parou e olhou para todos.

Nesse caso, de que adiantou o diploma que receberam? Na verdade, eu lhes digo que os diplomas amarelecem com o tempo; os conhecimentos, não; esses sim, são eternos. Como pode alguém cujo único sustentáculo seja um diploma querer sucesso na vida?

Em cada esquina do mundo existem sempre chances de progressão, desde que haja condições intelectuais. E foi para isso que nós os preparamos. Nesse momento os consideramos aptos a exercerem quaisquer funções dentro das áreas de trabalho abrangidas por nossa escola.

Resta, porém, a recomendação: abracem com amor os cursos que concluíram; não deixem passar essa chance que lhes foi concedida e estejam sempre atentos, pois vocês têm responsabilidades para com a Nação e para consigo mesmos.

Vocês já não são crianças e isso deve ser motivo de cautela, pois quando se está no meio da escada, a queda é bem mais dolorosa do que quando se está nos primeiros degraus.”

* * * * *

O salão se encheu de palmas e teve início a entrega dos canudos. Isso faz dois dias. Hoje é quarta-feira. Um vento frio sopra à porta de meu quarto nessa noite.

Relembro minha família e os dias que antecederam nossa separação, a separação de Demutier, e a nova separação que se prepara por esses dias. Experimento mais estranheza e sensação de irrealidade.

Por que estamos sempre nos separando dos lugares e das pessoas? 'É a vida, mãe. A vida é de separações', respondo-me com palavras ditas outrora à minha mãe.

Na primeira separação perdi o apoio espiritual; dessa vez perderei os vínculos materiais. Terei que lutar para conseguir tudo. Já estarei pronto para tocar meu projeto de vida? Ou isso será apenas a segunda revisão de meus rascunhos?

Estou de malas prontas para mais essa etapa da existência. Sou agora profissional de mineralogia. Minhas notas me colocaram como o primeiro da turma, atendida, portanto, a exigência do empregador. Não poderei rever meus pais antes da viagem. Irei para um lugar longínquo: Mineradora Floresta, Serra do Ronco. Milhares de quilômetros de estrada. Três ônibus diferentes para chegar até lá.

Sou o primeiro! Alguns colegas de classe vieram me desejar boa sorte. Outros apenas me tocaram o ombro, sem palavras, como se tocassem um manto sagrado. Emprego garantido, em condições razoáveis, a princípio, e com boas perspectivas de crescimento. Tudo conseguido pela escola.

Pois bem, avisem aos sádicos desse bairro, dessa cidade e do mundo que agora não terão como me atingir. Doravante, lutaremos com as mesmas armas, as armas que sempre foram a razão de sua estupidez. Mas serei diferente. Quero apenas respirar aliviado e imunizado contra hostilidades. A face obscura da lua ensinou-me a não ser mesquinho.



Capítulo XXIV

“Hoje é o dia de minha viagem. Alguém teve a lembrança de deixar um bilhete por debaixo da porta do quarto. ‘Vá-se, azedo’, era o que dizia. Essas palavras, apesar do hábito, ainda conseguiram me ferir.

Ninguém pode dar senão aquilo que tem de sobra: se tem maldade, dá maldade; se tem ódio, destila ódio; se transborda de burrice e mesquinharia, não pode distribuir outra coisa.

Já tomei meu café da manhã. Madrinha me deu uma velha mala, onde guardei minhas roupas. A empregada fez questão de lavá-las para mim, embora não seja esse o seu trabalho. As pessoas sempre se tornam mais agradáveis em nossas chegadas e partidas.

Estou em meu quarto e agora reflito pela última vez sobre o meu passado, sobre a distância maior que irá me separar dos meus pais. Mas, não se perde por esperar. Breve levarei os dois para perto de mim. No mesmo lugar onde estava aquele bilhete maldoso, minutos depois pousou um louva-deus, e minha mãe sempre me ensinou que ele simboliza esperança.

Sentimentos estranhos voltam a se apossar de mim, roendo-me por dentro. Como o meu silêncio e a minha desgraça financeira pode ter gerado tanta maldade nas pessoas? Serei a aberração desse bairro de classe média alta?

Minhas vozes interiores tentam responder minhas indagações:

- A culpa não é sua – diz a voz que me parece sensata. - Isso é uma epidemia humana. As pessoas se habituaram a reproduzir o mal porque é só o que veem

por todos os lados; a replicar o sadismo, porque são também vítimas do sadismo. Não se pode querer numa pedreira encontrar algo diferente de pedra.

- Você viu o que escreveram hoje? – indaga a voz emotiva. - Elas parecem que se incomodam comigo de maneira especial, e não decretam feriado da maldade nem mesmo no dia de minha partida.

- Não se aflija mais. Breve você estará bem longe e eles não poderão mais atingi-lo. A partida, às vezes, é a cura para muitos males.

- É verdade. Nós discordamos a vida inteira, mas agora estamos de pleno acordo. Vamos trabalhar numa mina. Quem sabe se debaixo do chão não encontraremos uma nova civilização em que as pessoas se respeitem mais do que na superfície.”

* * * * *

“Pareceram teatrais as cenas que antecederam minha viagem. Próximo à partida, Madrinha me deu um beijo caloroso e me passou às mãos um embrulho em papel de presente.

Sentei-me e desfiz os laços da fita. Estavam ali as filhas de Madrinha, ela, o esposo e a empregada Luzia, minha melhor amiga naquela casa. Todos me cercaram curiosos para me ver abrir o pacote.

Era um aparelho de barbear. Eles viram e bateram palmas. Eu compreendia que houvera amadurecido o bastante para enfrentar o mundo. Aquele presente tirava minhas últimas dúvidas. Não tive forças para sorrir.

Continuei sentado à cadeira de balanço e percebi que muito tempo houvera passado. Naquele momento eu ia partir. Olhei para a porta da sala, por onde muitas

vezes entrara faminto, chegando da rua, ou cansado, voltando da aula.

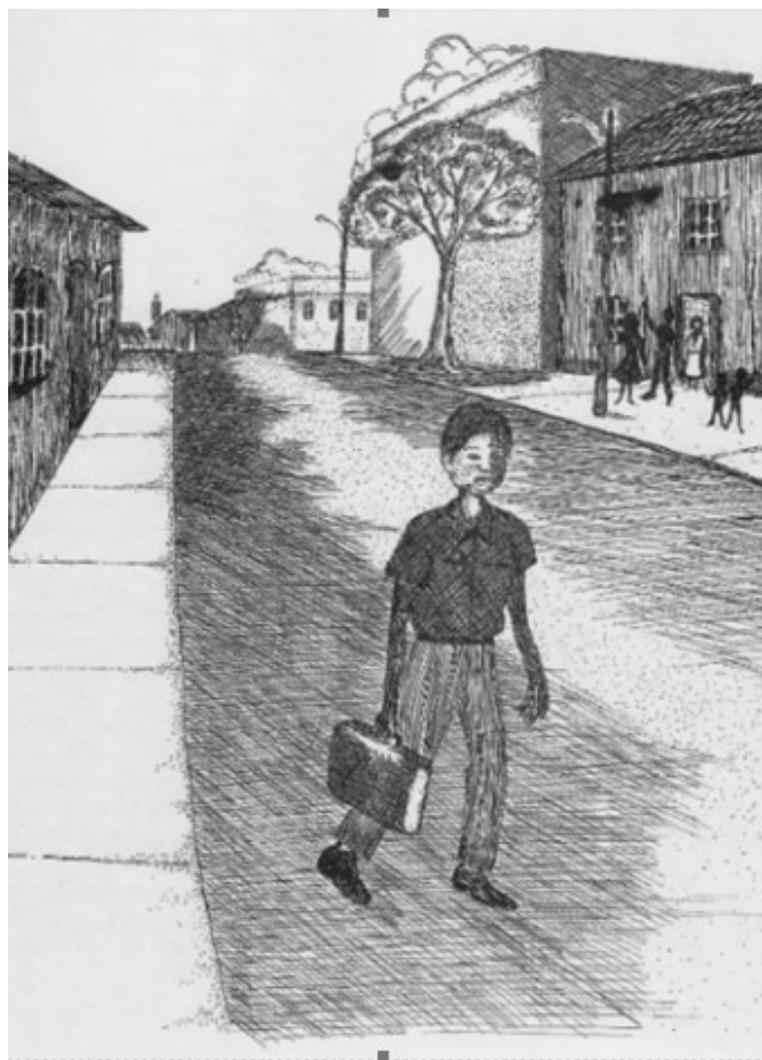
Sai em seguida. Na rua, curioso em saber o que os meninos admiravam, fitei também o céu: um foguete espacial cortava o majestoso azul, deixando, atrás de si, uma cauda de fumaça. Aquela era, sem dúvida, a mais autêntica imagem de minha cidade – única no país com base de lançamento de foguetes.

Depois fui aoquinho - meu pequeno mundo - e revi todas as minhas coisas, a me despedir do que fora meu. Mirei a velha porta, feita de tábuas e ainda com o ferrolho quebrado, a mesa esbranquiçada por manchas de leite, ainda cheia de garrafas e frascos de vidro, o guarda-louças com a perna de cadeira e os ornamentos plásticos.

Refleti sobre as horas passadas ali. Naquela penumbra, curtira dores e saudades. Sem dúvida, ali estavam minhas raízes mais profundas. E eu tinha que me despedir também daqueles objetos que me fizeram companhia e que tanto se identificaram comigo. Peguei apenas parte dos papéis e saí.

Na hora da partida, quando o ônibus foi se locomovendo, experimentei intenso ardor a me queimar o peito e, ao mesmo tempo, sensação de leveza. Lá fora, todos me acenavam adeus - um adeus cortante, terminal, e eu senti vontade de chorar.

Compreendia que laços muito fortes ainda me ligavam àquele lugar, e isso me deixava desconsolado. Se ao menos eu encarasse aquilo como sonho, ou procurasse me lembrar somente dos pontos sujos da cidade, esqueceria, por um momento, que aquela despedida representava o abandono definitivo a tudo e a todos.”



Capítulo XXV

Vanda folheou as últimas páginas do diário de Daniel e viu as derradeiras coisas escritas, fragmentos soltos, fruto da correria em que vivia no formigueiro humano da Serra do Ronco.

* * * * *

“Serra do Ronco está menos próxima do fim do mundo do que o lugar de onde vim. É uma vida ingrata; trabalha-se pesado. Talvez por isso as pessoas não tenham tempo de defecarem à porta dos outros nem ali deixarem cacos de vidro ou bilhetes desumanos. Qualquer vida é melhor do que viver no inferno. Escapei dos sádicos e isso é tudo.”

* * * * *

“Falta pouco para mandar buscar meus pais. Chega de sofrimento. Vem ver, criatura asquerosa que me persegue há anos! Em breve eu te convido, coisa imunda, para ver meu sorriso e o de meus pobres pais. Explode! Estraçalha-te, que teu reino acabou.”

* * * * *

“Hoje encontrei um mendigo. É o primeiro que vejo aqui. Estava sentado na grama da única praça do lugar. Encostava-se numa placa onde se lia: ‘NÃO ME PISE. EU TAMBÉM TENHO VIDA’.

Antes de lembrar que aquela placa sempre esteve ali, sinalizando o gramado, senti que tinha relação com o próprio mendigo. Faltou pouco para que todos nós nos tomássemos também mendigos, clamando, com uma placa, para não sermos pisados e cuspidos.

Aproximei-me e lhe dei dinheiro. Ele agradeceu humilde e continuou ali. Algo está mudando. Amanhã, certamente, haverá outro e mais outro. Como diria Demutier, é uma ferida que se vai alastrando e as pessoas não fazem nada para cicatrizá-la.

Muitos estão na mira dos “delegados Demutier” e poucos na mira dos “humanistas Demutier”. Seriam precisos muitos desses últimos para melhorar o mundo. Tenho-me lembrado do meu amigo.

Ele nunca me escreveu, apesar de lhe ter enviado algumas cartas. Não tenho mágoas. A amizade, como o amor, é uma dádiva. Como tal, nenhum dos dois pode ser cobrado, se não, deixando de serem dádivas, deixam de ser amor e amizade.

Será que ele morreu? Não acredito. Homens como ele não morrem nunca. Anjos da guarda não podem morrer e, mesmo à distância, devem velar por nós”.

* * * * *

“Sinto a noite estranha. Estou sozinho em meu quarto; os outros dois colegas saíram. Há um silêncio incômodo lá fora. Já olhei algumas vezes pela janela para me certificar de que tudo estava certo.

Os rangidos noturnos, com os quais todos somos acostumados nesse lugar, sumiram misteriosamente há três dias. Isso me assusta. Essa calma parece preceder coisas ruins.

Não consigo dormir. Sinto viva a presença de

meus pais, como se me chamassem de volta, desesperadamente. Estou adiando muito a decisão de os trazer para perto de mim. Deve ser por isso.

Calma, pai; paciência, mãezinha, que eu já estou quase mandando buscá-los. Chega de angústia, o mundo agora nos pertence. Teremos também direito de ser felizes.”

Capítulo XXVI

Marte, agora paraplégico sobre a cama, pediu que a mulher fechasse o diário. Ela o atendeu.

- Compreende então o que lhe falei, Vanda? - encarou-a o velho. - Cometemos um delito sem possibilidade de reparação: o assassinato de um sonho, de vários sonhos – prosseguiu. - Toda a trajetória desse jovem foi de expectativa por conseguir salvar a si e a seus pais, da dor e do sofrimento. Quando pensou ter conseguido o que pretendia, arrebatamos-lhe tudo outra vez, O sonho acabou, e a apólice de seguro da Mineradora não vai ser capaz de indenizar tal sonho.

Vanda o ouvia em silêncio amargurado e ele concluiu...

- Quando eles morreram, procuramos os endereços das famílias a fim de lhes comunicar o ocorrido. Mais do que o aviso às famílias, deveríamos avisar nossas consciências. Daniel, por exemplo, não era de nenhuma cidade ou família. Era cidadão do mundo, desses que andam por aí, suados e cabisbaixos, à procura de oportunidade para construir seu sonho; algumas vezes para reconstruir o que desmoronou.

- Há muitos “danieis” no mundo - acrescentou Vanda - e o destino de todos eles parece ser sempre a cova dos leões.

- Esse nosso mártir deu menos sorte: foi deixado na cova dos homens, bens mais mesquinhos e hipócritas que os leões e, por isso, mais perigosos. Eu mesmo, infelizmente, só percebi tarde, depois da desgraça feita, que nenhum daqueles camaradas que transitavam pela mina era desprezível. Eram pessoas, com sonhos, com

ideais, com importância cósmica, qualquer que fosse a sua aparente pequenez... Esses dias tenho pensado no seguinte: a montanha de terra que os matou não teria desabado, não fosse o movimento de cada pequeno grão de areia... Como demorei a descobrir isso!... - Concluiu quase sem forças.

Fazia uma noite estrelada e Marte pediu para ir até a janela, ajudado pela companheira. A lua estava cheia, resplandecente.

Vanda refletia, olhando a grande bola iluminada no céu. Era bela, indiscutivelmente, como todas as versões e aparências do mundo. Mas o astro possuía seu lado feio, triste e invisível aos olhos. Ela sabia agora que sua vida e a consciência transtornada do companheiro estavam do outro lado, na face obscura da lua. Daniel, aquele pobre diabo, era a própria face obscura da lua. Ela, como ele, também perdera a família, também lutara e sofrera. A única diferença era que estava viva, marcada pelo passado doloroso, mas consolada pela companhia daquele homem que, com certeza, não a deixaria experimentar novamente a dor do abandono.

- Está uma noite tão bela - comentou Marte, apoiado em seus braços.

- Está - concordou ela, dando-lhe um beijo afetuoso no rosto.

- Seria tão bom que a felicidade fosse completa, que outros também pudessem contemplar o céu...

- Seria...

FIM